

## ERRATA

- Na página 01, linha 22, onde se lê: vigora um de amizade, leia-se: vigora um tratado de amizade..
- Na página 02, linha 18, onde se lê: é a diminuição, leia-se: foi a diminuição.
- Na página 07, a última linha termina com as palavras: (...) para países em desenvolvimento.
- Na página 08, a primeira linha começa com as palavras: A migração hoje não está (...).
- Na página 10, linha 03, onde se lê: atrasados, leia-se: atrasadas.
- Na página 15, linha 14, onde se lê: nos próprio, leia-se: no próprio.
- Na página 16, linha 26, onde se lê: delas, leia-se: destas.
- Na página 20, linha 29, onde se lê: há o estrangeiro, leia-se: há o investimento do capital estrangeiro.
- Na página 31, linha 02, onde se lê: permite, leia-se: permãtu.
- Na página 32, linha 16, onde se lê: ser apresentado, leia-se: será apresentado.
- Na página 32, linha 17, onde se lê: estar entrelaçado, leia-se: estará entrelaçado.
- Na página 32, linha 17, onde se lê: ser feita, leia-se: será feita.
- Na página 33, linha 19, onde se lê: japonesas, leia-se: japoneses.
- Na página 34, linha 24, onde se lê: de as, leia-se: de que as.
- Nas páginas 38, 40, 50 e 73, onde se lêem: Há, leia-se: há.
- Na página 38, linha 19, onde se lê: Nilza, leia-se: Neuza.
- Na página 44, linha 02, onde se lê: invisível, leia-se: invlável.
- Na página 45, linha 01, onde se lê: migrar. A crise, leia-se: migrar, que a crise.
- Na página 45, linha 26, onde se lê: Hoje é mais fácil é, leia-se: hoje é mais fácil viajar.
- Na página 50, linha 08, onde se lê: JÁ, leia-se: Já.
- Na página 59, linha 24, onde se lê: LÁ, leia-se LÁ.
- Na página 65, linha 12, onde se lê: nítida, leia-se: nítido.
- Na página 72, linha 20, onde se lê: ser, leia-se: seria.
- Na página 74, linha 04, onde se lê: condição, leia-se: condições.
- Na página 76, linha 17, onde se lê: gene, leia-se: gente.
- Na página 77, linha 03, onde se lê: emergir, leia-se: emerge.
- Na página 78, linha 03, onde se lê: Nadir, leia-se: Neuza.
- Na página 78, linha 17, onde se lê: haver, leia-se: tem relação.
- Na página 79, linha 09, onde se lê: anos, leia-se: ano.
- Na página 80, linha 10, onde se lê: m vontade, leia-se: má vontade.
- Na página 81, linha 19, onde se lê: Cear, leia-se: Ceará.
- Na página 86, linha 04, onde se lê: não é totalmente verdadeiro, leia-se: é relativo.
- Na página 87, linha 05, onde se lê: nossa ver, leia-se: nosso ver.
- Na página 87, linha 15, onde se lê: no Japão?, leia-se: lá?
- NOTAS DE RODAPÉ:**
- Página 01, nota 1: onde se lê: propagando, leia-se: propaganda.
- Página 03, nota 3: onde se lê: bola, leia-se: bolha.
- Página 12, nota 1: onde se lê: quanto informal, leia-se: quanto formal.
- Página 15, nota 1: onde se lê: Patarra e Baeminger (1994), leia-se: Patarra e Baeminger IN: Patarra, N.: 1995.
- Página 32, nota 2: onde se lê: ser apresentado, leia-se: será apresentado.
- Página 32, nota 2: onde se lê: demandan, leia-se: demandam.
- Página 34, nota 4: onde se lê: consider vel, leia-se: considerável.
- Página 46, nota 1: onde se lê: comunit ria, leia-se: comunitária.
- APÊNDICE:** Onde se lê: Nadir, leia-se: Neuza.
- BIBLIOGRAFIA:** Onde se lê: NERU, leia-se: CERU.

DATA

VALÉRIA BARBOSA DE MAGALHÃES

**EDUCAÇÃO, TRABALHO E MIGRAÇÕES**  
**INTERNACIONAIS:**  
**O CASO DOS *DEKASSEGUI* PAULISTAS**

Este exemplar corresponde à redação da Dissertação defendida por Valéria Barbosa de Magalhães e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 30/08/1996

Assinatura: *Valéria de B. Magalhães*

7589196

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

P.M.00092687.4

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	7/UNICAMP
	M27e
V.	Ex
TÍTULO BC/	28761
PROC.	667/96
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO R.\$	11,00
DATA	11/10/96
N.º CPD	

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

M27e

Magalhães, Valéria Barbosa.

Educação, trabalho e migrações internacionais : o caso dos  
dekassegui paulistas. / Valéria Barbosa de Magalhães. --  
Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Zeila de Brito Fabri Demartini.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

1. Migração internacional - Japão. 2. Trabalho - Japão -  
Aspectos sociais. 3. Educação - Japão - Aspectos sociais. 4.  
Brasil - Emigração. 5. Japão - Imigração. I. Demartini, Zeila de  
Brito Fabri. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação. III. Título.

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO na Área de Concentração em Ciências Sociais Aplicadas à Educação à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Zeila de Brito Fabri Demartini.

VALÉRIA BARBOSA DE MAGALHÃES

**EDUCAÇÃO, TRABALHO E MIGRAÇÕES**

**INTERNACIONAIS:**

**O CASO DOS *DEKASSEGUI* PAULISTAS**

Comissão Julgadora:

*L. O. K. Kawamura*

*[Signature]*

*Zeila de B. S. De Art.:*

Campinas - SP

1996

*Aos*

*Meus Pais.*

## *AGRADECIMENTOS*

Aos meus pais, Edna e Rui, pelo esforço dedicado ao longo de toda a vida às nossas realizações e conquistas.

Este parágrafo é especialmente dedicado ao Garcez. Obrigada pelo apoio intelectual, técnico e emocional em todos esses dois anos. Você foi demais!

Aos amigos Marisa, Lizandra e Nilton, pela paciência e dedicação nos dias que antecederam a finalização deste trabalho.

Às minhas irmãs, Vanessa e Viviane, e ao Flávio, pelo apoio técnico.

Ao Marcos e à Renata, que me hospedaram na moradia e, em especial, à Sinara, por ter me recebido tão hospitaleiramente.

A todas as pessoas que me ajudaram a contatar entrevistados, em especial, Ângela, Neusa, Jô, Eduardo, Solange e Gilmar.

Às secretárias da Pós-Graduação: Maria do Carmo, Nadir, Ana, Marina e Maria, pela gentileza, paciência e participação.

À minha orientadora, Zeila, sem a qual, não seria possível a realização deste trabalho.

Ao CNPq, por ter me garantido o apoio financeiro nesses anos.

E também: Yara, Marcos, Roberto, Ilda, Toshiaki, Isako, Iasu, Hamilton, Neli, Nilce, Lincoln, Fernando, Edna, Daniel, André, Adriana, Clara, Emília, Nilza e José. Esta tese também é dedicada a vocês.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar quais as expectativas e motivações que levam descendentes de japoneses no Brasil, a migrar temporariamente para o Japão. O recorte utilizado foram os *dekassegui* com escolaridade superior, do Estado São Paulo.

A questão está inserida dentro do aparato teórico das migrações internacionais recentes. Os conceitos foram discutidos de acordo com o trabalho realizado.

Foi utilizado na pesquisa o método da história oral, com o uso da técnica de entrevistas.

Com os resultados, foi possível perceber que há motivos, além dos econômicos, que não costumam ser considerados na literatura a respeito do assunto. Estas constatações se devem, provavelmente, à especificidade do grupo estudado. Ao contrário de estudos anteriores que tendem a centrar as motivações nos aspectos financeiros, esta pesquisa mostrou que há outros fatores explicativos.

## ABSTRACT

The aim of this research is to investigate about hopes and motivations of the nipo-brasilians immigrants in Japan. The group studied in the work was *dekassegui* with high school graduation. The problem are inserted in the theme of the new international migrations.

The oral history method with the technique of interview was utilized.

The conclusions shows that there are several motivations to explains the flow beyond the economic causes which is different of the previous studies



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 : “A BASE TEÓRICA”	14
CAPÍTULO 2: “O CASO BRASILEIRO”	22
CAPÍTULO 3: “O LADO JAPONÊS”	27
CAPÍTULO 4: “METODOLOGIA”	29
CAPÍTULO 5: “OS RESULTADOS”	32
OS CONTEXTOS DA IDA	36
O PERÍODO DE PERMANÊNCIA NO JAPÃO	58
O RETORNO	71
CAPÍTULO 6: “CONSIDERAÇÕES FINAIS”	84
APÊNDICE	88
ANEXO 1	89
ANEXO 2	90
BIBLIOGRAFIA	91

## INTRODUÇÃO

Fluxos migratórios entre Brasil e Japão datam do início do século quando, em 1908, chegou aqui o *Kasato Maru*, o 1º navio que trouxe japoneses para o trabalho na lavoura brasileira. Neste período, a expansão capitalista no Japão expulsou mão-de-obra do campo, que não encontrava emprego nas cidades. Boa parte desses migrantes vieram buscar melhores condições de vida no Brasil, com o objetivo de permanecer aqui apenas temporariamente. As condições reais de trabalho não corresponderam ao esperado. No Japão o migrante recebia informações de que “colheria frutos em árvores que davam ouro”<sup>1</sup>. A exploração do trabalho migrante era grande e a possibilidade de juntar o dinheiro esperado, remota. Muitas vezes o imigrante endividava-se com o patrão devido ao financiamento de passagens e alimentos, que eram cobrados acima do preço normal<sup>2</sup>. Após o término do conflito, novo fluxo chegou para trabalhar na lavoura. O último navio chegou em 1973. As esperanças de retorno foram frustradas pela Segunda Guerra Mundial, que devastou o Japão, impossibilitando a volta à terra natal. Ao longo dessa história de imigração muita coisa foi se transformando, sendo que entre 1928 e 1934 muitos japoneses vieram fugindo da guerra e, após a Segunda Guerra Mundial, muitos vieram para trabalhar em outras lavouras, que não a do café, até o último navio, em 1973.

Assim se formou a comunidade nipo-brasileira, que hoje chega a 1.300.000<sup>3</sup> pessoas. Ocupam principalmente os estados de São Paulo, Paraná e a cidade de Belém e portanto contribuem com a cultura brasileira, tanto na produção científica, quanto na paisagem de bairros típicos como a Liberdade, em São Paulo. Essa migração criou uma tradição de amizade entre os dois países, iniciada com a tramitação burocrática para a vinda de japoneses para o Brasil, no final do século passado. Desde 1951 vigora um tratado de amizade. Esta aliança foi muito celebrada na comemoração dos 100 anos das relações Brasil-Japão, em 1995.

A comunidade *nikkei*<sup>4</sup>, como outros brasileiros, sofreu com a crise dos anos 80, provocada pelos sucessivos planos econômicos resultantes da alta inflação decorrente do período da

---

<sup>1</sup> - Esta frase foi veiculada como propagando de incentivo à imigração no Japão. Conferir NERU, 1994.

<sup>2</sup> - Conferir NERU, 1994.

<sup>3</sup> - *Jornal da USP*, 19 a 20/10/95:6.

<sup>4</sup> - Autodenominação da comunidade nipo-brasileira.

ditadura militar. Com o crescimento do desemprego, nos anos pós-ditadura, e a queda do poder aquisitivo da classe média as perspectivas para recém formados em cursos superiores foram se fechando e os jovens, cada vez mais desiludidos, começaram a cogitar a possibilidade de emigrar para o exterior. Por outro lado, a mídia, com o crescente processo de globalização, cada vez mais elaborou a imagem do Primeiro Mundo como sendo o espaço do consumo e da realização econômica.

Muitos brasileiros descendentes de outras nacionalidades, entre os quais os nipo-brasileiros, viram como solução a emigração em busca de trabalho para os países dos ascendentes. Para Gilson Schwartz, além do empobrecimento generalizado no Brasil, na década de 80, a destruição da classe média e a conseqüente alteração das expectativas de mobilidade foram um elemento de desagregação social que estimulou movimentos migratórios<sup>1</sup>.

A partir do final da década de 70, países ricos como o Japão, EUA e da Europa começaram a sofrer um processo de modernização tecnológica, da qual resultou uma divisão do mercado-de-trabalho em primário e secundário<sup>2</sup>. Parte da economia permaneceu sob o domínio das técnicas fordistas de produção, que exigem mão-de-obra menos qualificada. Os nativos desses países tendem a ocupar os setores mais qualificados do mercado-de-trabalho, esvaziando os segmentos fordistas da produção. Outro fator que contribuiu para o não preenchimento desses postos é a diminuição da população economicamente ativa, causada pela tendência ao envelhecimento populacional. A produção em massa gerou necessidade de mais mão-de-obra, criando um problema para os empregadores. Havia também a tendência da mão-de-obra japonesa se dirigir para o setor terciário da economia<sup>3</sup>. A solução encontrada pelos empresários foi buscar mão-de-obra no exterior, entre asiáticos clandestinos e descendentes de japoneses.

No Brasil, descendentes de povos de diversos países começaram a se beneficiar de políticas de obtenção de dupla cidadania. Por outro lado, os descendentes de japoneses teriam maior possibilidade de adaptação ao sistema de vida e trabalho japonês.

Muitos elementos da comunidade *nikkei* aproveitaram a oportunidade para tentar por um tempo a vida no Japão, tendo em vista a proximidade cultural com o país.

O termo *dekassegui* em japonês, significa emigrante ou a pessoa que sai de casa para trabalhar. Foi usado para designar os japoneses que vieram para o Brasil servir na lavoura,

---

<sup>1</sup> - Schwartz, G. - "Aspectos Econômicos do Fenômeno *Dekassegui*" IN: Ninomya, M., 1992.

<sup>2</sup> - Ver Portes, 1981.

<sup>3</sup> - Kato, H.; Miyasaki, S. e Seigo, A., 1992:26-27.

na primeira metade do século. Hoje é atribuída ao nipo-brasileiro e ao japonês residente no Brasil, que vão trabalhar no Japão.<sup>1</sup>

A migração<sup>2</sup> de nipo-brasileiros para o Japão em busca de trabalho temporário em tarefas desqualificadas adquiriu proporções significativas a partir de 1985, com o crescimento da economia japonesa<sup>3</sup>. A política monetária *reaganiana* fortaleceu os países europeus e o Japão, propiciando o crescimento das exportações japonesas e incentivando a produção em massa.

Pode-se dizer que o sucesso japonês tem seu início após a Segunda Guerra Mundial. Destruído em decorrência do conflito, contando com a cooperação ultra-nacionalista de sua população e com o capital norte-americano, reergueu-se sem preocupações militares, uma vez que não podia ter forças armadas. O país passou a investir em educação e tecnologia e, na primeira metade da década de 80, tem início o boom de seu crescimento econômico. Com a necessidade da produção em massa, o país passou a desenvolver novas tecnologias e novas formas de organização da mão-de-obra (Toyotismo<sup>4</sup>) que se tornaram modelo para os outros países industrializados.<sup>5</sup>

Coincidindo com a crise econômica brasileira, a falta de mão-de-obra no Japão conjugada a altos salários atraiu seus descendentes residentes no Brasil.

No início, a migração era ilegal. A lei trabalhista japonesa não previa empregados estrangeiros no país, o que começou a gerar problemas, até que o governo japonês modificou a legislação.<sup>6</sup>

Os primeiros *dekassegui* brasileiros tinham visto de turista de 3 meses, renovável por mais 3 e substituível por um visto de visita a parentes que podia se estender por mais 6 meses.

Os emigrantes saíam do Brasil escondidos de amigos e familiares, pois este tipo de trabalho era mal visto pela comunidade *nikkei*<sup>7</sup>. Com o tempo e com o agravamento da crise, o

<sup>1</sup> - Conferir: Kato, H.; Miyasaki, S. e Seigo, A., 1992:21, Yoshioka, H., 1994:1.

<sup>2</sup> - Usar-se-á aqui a definição de Kato, H.; Miyasaki, S. e Seigo, A., 1992:21: "O termo migração designa qualquer deslocamento, suficientemente importante, de um grande número de pessoas. O termo se aplica tanto ao movimento diário de trabalhadores dentro de uma grande aglomeração quanto à partida definitiva de um continente para outro"

<sup>3</sup> - Babaru keizai, ou crescimento da bola de sabão.

<sup>4</sup> - Hirata, H., 1992. Toyotismo é um modelo de produção iniciado no Japão, a partir da década de 70, que conta com inovações tecnológicas, de processo e organizacionais. Muitas das mudanças invertem paradigmas fordistas.

<sup>5</sup> - Morishima, M., 1970.

<sup>6</sup> - A principal mudança na política de imigração japonesa ocorreu em junho de 1990, que facilitou a entrada de nipo-brasileiros no Japão.

<sup>7</sup> - *Nikkei* - descendentes de japoneses, *issei* - japoneses residentes em outros países, *nissei* - filhos de japoneses (2ª geração) e *sansei* - netos de japoneses (3ª geração).

fenômeno foi tomando dimensões significativas. A comunidade passou não só a aceitar a emigração, como, hoje, quase todas as famílias nipo-brasileiras têm pelo menos um membro trabalhando no Japão.

Em junho de 1990, houve uma mudança na política de imigração japonesa. A nova lei de imigração estabelece que o *nissei* pode ter visto de permanência de 3 anos e renovável. Ao *sansei* é permitido 1 ano e renovável. Aos cônjuges não *nikkeis*, há possibilidade de visto de 6 meses ou 1 ano, renovável.<sup>1</sup>

Os primeiros migrantes recrutados foram *isseis* residentes em outros países, principalmente no Brasil, que tinham saído do Japão em sua maioria após a Segunda Guerra Mundial. Tinham dupla cidadania e não havia problemas de ilegalidade na permanência. Com o passar do tempo, começou-se a recrutar *nisseis* e *sanseis* para suprir o mercado-de-trabalho nipônico.

Estima-se o número de *dekassegui* brasileiros no Japão em torno de 170 mil.<sup>2</sup> Segundo Yoshioka, o *International Press* de 13 de junho de 1993 estimava em 140 mil os trabalhadores brasileiros no Japão. Em 7 de julho de 1994 estimou em 154.650 brasileiros no final de 1993. Os dados do autor no texto de 1994 eram de 150 mil.<sup>3</sup> O autor indica um equilíbrio no número de mulheres e homens entre os *dekassegui*. As faixas etárias predominantes estão entre 20 e 30 anos e entre 40 e 50 anos.<sup>4</sup>

Quem decide ir para o Japão trabalhar recorre a algumas formas de recrutamento, que são as seguintes:

- "Agenciadores no Japão recebem instruções de várias empresas, contactam agenciadores no Brasil (...) que enviam os interessados para agenciadores no Japão;
- (...) Empresa japonesa solicita aos agenciadores no Brasil para recrutá-los;
- (...) Cada empresa promove atividade de recrutamento no Brasil;
- (...) O emprego do *nikkei* se consolida através de familiares que já trabalham no Japão".<sup>5</sup>

A primeira forma de recrutamento envolve um intermediário no Japão (*broker*), que fornece trabalhadores para as empresas. O salário do trabalhador passa por esse intermediário, o qual fica com parte dele como comissão. Evitam a fiscalização trabalhando como se fossem "empreiteiras" de serviços. A ação de recrutadores também é ilegal no Brasil e é propiciada

---

<sup>1</sup> - Yoshioka, H.; 1994:99.

<sup>2</sup> - Revista *VEJA*, 01-07/04/96, São Paulo, Ed. Abril, Ano 29.

<sup>3</sup> - Yoshioka, 1994:103.

<sup>4</sup> - Kato, H.; Miyasaki, S. e Seigo, A., 1992:23.

<sup>5</sup> - *Dekassegui... apud* Yoshioka, H., 1994.

pela corrupção da polícia federal. Uma série de ilegalidades ocorrem com esse tipo de contratação. A principal delas é a sonegação da previdência. Sem a previdência social o trabalhador não tem atendimento de saúde, nem direito à aposentadoria e outros benefícios. O trabalhador é obrigado a pagar um seguro saúde individual oferecido pela empreiteira. No caso de sofrer acidente de trabalho é demitido e induzido a assumir a culpa pelo acidente. Em situações regulares teria direito a assistência médica e ao pagamento por dias parados. Se ficar doente a situação se agrava. O trabalhador é obrigado a arcar com despesas que às vezes consomem toda a sua economia, além de não receber pelos dias em que ficou ausente. Com isso, os empregadores sonegam sua contribuição fiscal. Mesmo no caso do estrangeiro que contribui com a previdência a questão da saúde é complicada. Há uma publicação do governo japonês para orientar médicos no atendimento de pacientes estrangeiros, na qual consta a seguinte frase: "é melhor você voltar logo para seu país"<sup>1</sup>. Isto significa relegar ao país de origem despesas importantes no caso de tratamento caro ou morte, as quais deveriam ser cobertas pelo seguro social de 60% arrecadado pela previdência.

O intermediário, controla as denúncias de abuso dos trabalhadores, que muitas vezes não falam japonês. Utilizam-se também da retenção de passaportes e multas por rompimento de contratos (que vão de U\$3000 a U\$5000). Dessa forma infringe as leis trabalhistas japonesas. Segundo Yoshioka, o governo não tem tomado providências quanto a este problema.<sup>2</sup> Para o autor, a interação entre Estado e capital é fundamental nas questões das migrações temporárias, pois as leis trabalhistas e de controle de imigração pendem para o lado do interesse do capital.<sup>3</sup> As outras formas de contratação não são ilegais se o empregador contribuir devidamente com a previdência.

O trabalho do imigrante no Japão resulta em problemas como, os altos índices de acidentes de trabalho, a falta de adaptação cultural ao sistema japonês e a desagregação familiar. Os acidentes de trabalho geralmente são provocados pela grande quantidade de horas-extras (zangyo) e pelo trabalho estafante e tedioso. A desagregação familiar resulta das separações entre pais que imigram e sua família que fica no Brasil.<sup>4</sup>

O *dekassegui*, conforme o autor, em geral vai para o Japão por motivos financeiros<sup>5</sup>. Somente consegue juntar o dinheiro esperado através de horas-extras feitas com frequência.

---

<sup>1</sup> - Conferir Anexo 2.

<sup>2</sup> - Yoshioka, H.;1994.

<sup>3</sup> - Yoshioka, H.; 1994:143-145.

<sup>4</sup> - Yoshioka, H.; 1994.

<sup>5</sup> - Fuzii, E. O., IN:Ninomiya, M., 1992:168 e Kato, H.; Miyasaki, S., e Seigo, A., 1992:23.

O número de horas-extras por dia realizadas pelos *dekassegui* oscilam em torno de 2 a 4 horas diárias, mas podem ultrapassar este índice.<sup>1</sup> Será visto mais adiante, que a idéia de que o *dekassegui* geralmente vai por motivos financeiros deve ser reformulada. Há muitos casos diferentes. De acordo com essa pesquisa que está sendo apresentada, há motivos financeiros, mas conjugados com uma série de outros fatores que não seriam menos importantes.

Depois do crescimento econômico, o Japão vem atravessando uma crise que se arrasta desde 1991, que reduziu a contratação de trabalhadores no exterior, diminuiu as horas-extras dos já contratados e provocou demissões. A crise atinge diretamente o trabalhador estrangeiro que por ser mão-de-obra temporária e muitas vezes clandestina, é a camada mais vulnerável, que faz parte do exército industrial de reserva.

Parece ser um fenômeno atual a expansão das migrações internacionais, milhares de pessoas se dirigem dos países desenvolvidos para os países do primeiro mundo em busca de melhores salários e condições de vida. O fenômeno *dekassegui* se coloca dentro dessa perspectiva mais ampla, na qual massas de trabalhadores que não encontram emprego em seus países pobres vão suprir a carência de mão-de-obra dos países ricos.

Do ponto de vista dos *dekassegui*, os problemas da migração são inúmeros. Ao mesmo tempo que alguns voltam ao Brasil com dinheiro para montar um comércio ou comprar um imóvel, muitas vezes não têm preparo para os negócios. Se voltam para trabalhar, às vezes não encontram lugar no mercado-de-trabalho, que não aproveita sua experiência internacional. Há também os problemas da readaptação ao Brasil, como rever amigos, familiares, acostumar-se novamente à instabilidade econômica e à insegurança das grandes cidades brasileiras. No Japão eles também encontram problemas. O trabalhador muitas vezes vai sozinho e tem dificuldades de se inserir nas relações sociais japonesas. As casas são muito pequenas devido à falta de espaço e o trabalho é muito intenso e monótono. Muitas vezes o trabalhador não conhece o tipo de tarefa que vai realizar. O excesso de trabalho resulta em doenças tais como *stress* e doenças mentais. A saudade do Brasil é muito grande, agravada pela solidão e pela pouca adaptação ao estilo japonês de vida. Há ainda a questão da identidade do nipo-brasileiro, que no Japão não é considerado como japonês e, no Brasil, também não é considerado como brasileiro.<sup>2</sup>

Há, portanto, necessidade de uma atenção maior de ambos os governos para o problema. Essa imigração gera divisas. Movimenta-se hoje, segundo Yoshioka, em torno de 1,8 bilhões

---

<sup>1</sup> - Fuzii, E. O.; IN: Ninomiya. M., 1992:167 e Kato, H.; Miyasaki, S., e Seigo, A.; 1992:24.

<sup>2</sup> - Yoshioka, H., 1994.

de dólares por ano<sup>1</sup>, que são enviados para o Brasil pelos *dekassegui*. É uma grande quantia de dinheiro que poderia ser racionalizada trazendo benefícios para a economia nacional<sup>2</sup>.

Se fizermos uma breve comparação entre as duas migrações envolvendo *nikkeis* nos fluxos entre Brasil e Japão, iremos perceber semelhanças e diferenças. Em primeiro lugar, o fator temporalidade aproxima os dois fluxos, à medida que tanto os japoneses que vieram para o Brasil quanto os brasileiros que vão para o Japão hoje, migraram em busca de melhores condições de vida, através do trabalho temporário em outro país.<sup>3</sup> Os primeiros vieram, em grande parte, fugidos da guerra ou da pobreza no campo, provocada pela expansão capitalista e iludidos com a possibilidade de fazer dinheiro aqui para voltar e construir vida nova. Hoje, boa parcela dos *dekassegui* vão para o Japão movidos pela falta de perspectivas profissionais e financeiras a longo prazo, para trabalharem por tempo determinado e realizar sonhos na volta, como abrir um negócio ou comprar uma casa própria. Vão também em busca da cultura dos antepassados e de viver uma experiência diferente.

Nos dois casos houve sempre a intenção de voltar após um período determinado e em algumas situações, com aparato suficiente para o início de uma vida nova. Em ambos a possibilidade voltar nem sempre se realizou. No caso dos japoneses, muitos não voltaram para o seu país. O mesmo ocorreu com muitos *dekassegui* que não voltaram para o Brasil, por medo de não se estabelecerem novamente, por terem se adaptado totalmente ao estilo de vida do outro país ou até por fatores que não poderíamos explicar sem a confirmação de uma pesquisa.

Uma outra semelhança entre as duas migrações é o fato de que, em ambos os casos, o tipo de trabalho no país de destino foi sempre braçal e desqualificado. Os japoneses, em sua maioria, trabalhavam na lavoura brasileira e os *nikkeis* hoje suprem a carência de mão-de-obra desqualificada no Japão, trabalhando principalmente como operários no setor industrial.

A maioria dos japoneses que vieram para o Brasil foram expulsos pela pobreza provocada pela expansão capitalista e pela guerra. Faziam parte de uma tendência migratória inversa a atual, que era de países desenvolvidos (Itália, Japão, Alemanha...) fornecerem mão-de-obra para a lavoura de países como o Brasil.<sup>4</sup> Hoje a tendência se inverteu. A maior parte das migrações internacionais ocorre de países pobres para países ricos e não tem

---

<sup>1</sup> - Yoshioka, H.; 1994:169.

<sup>2</sup> - Yoshioka, H.; 1994:169.

<sup>3</sup> - Ver: NERU, 1994.

<sup>4</sup> - Ver: NERU, 1994.



necessariamente relação com pobreza. Há muitas outras explicações para os fluxos atuais, como será melhor detalhado adiante. No caso dos *dekassegui* há o estímulo das informações geradas por redes de informações<sup>1</sup>, criadas pelo fluxo migratório e pela relação entre os dois países. O fator econômico e as semelhanças culturais dadas pela descendência japonesa também contribuem

Do sacrifício feito pelos imigrantes japoneses para que pelo menos um de seus filhos estudassem, resultou numa comunidade com alto nível de escolaridade e bem-sucedidos economicamente, que hoje ocupam cargos importantes em empresas, nas universidades, nas artes e na política<sup>2</sup>. Mas com a crise econômica, muitos desses descendentes tiveram comprometidas as perspectivas de manutenção desses padrões de vida, resultante da crise que vem passando o Brasil. O fenômeno das migrações não é espontâneo. É uma decorrência da expansão e reprodução das relações capitalistas a nível mundial.<sup>3</sup> Para José de Souza Martins, as migrações temporárias refletem questões mais importantes, como a “clandestinação das relações de trabalho; a falta de contrato de trabalho; a burla de direitos e o barateamento da mão-de-obra.”<sup>4</sup>

A migração de nipo-brasileiros para o Japão faz parte de uma tendência internacional, em que migrantes de países menos industrializados ou em recente processo de industrialização dirigem-se a países desenvolvidos em busca de trabalho temporário. Entre as teorias que explicam esse fenômeno, estão as correntes da economia clássica, as denominadas “*push-pull*”, que não são suficientes para abarcar a totalidade do fenômeno. Elas explicam as migrações internacionais pela desigualdade de oferta e procura de empregos entre os países receptores e os de origem. Sua deficiência está em não enfocar fatores macroestruturais, como expectativas trazidas pelos imigrantes, por exemplo, quanto à possibilidade de consumo nos países industriais. Esses fatores podem mostrar que nem sempre eles provêm de situações de pobreza<sup>5</sup>. Por outro lado, as análises estruturais centram sua explicação em fatores macroeconômicos e fluxos migratórios em larga escala entre países.<sup>6</sup>

Para Portes e Bach, esses movimentos migratórios são estimulados pela comparação entre estilos de vida e padrões de consumo entre os dois países e também por fatores internos das

---

<sup>1</sup> - Tilly, C.; 1990.

<sup>2</sup> - Jornal da USP, 19-19/10/95:5.

<sup>3</sup> - Murasse, C.; 1991.

<sup>4</sup> - Damiani, *apud* Yoshioka, H., 1996:112.

<sup>5</sup> - Conferir Margolis, M.; 1993, “Introdução”.

<sup>6</sup> - Margolis, M.; 1993:12.

regiões de origem, como o desemprego e o declínio dos padrões de vida da classe média.<sup>1</sup> Esta questão é importante, pois parte dos atores das novas migrações internacionais eram de classe média nos países de origem<sup>2</sup>. Nesse sentido, as remessas de dinheiro para os parentes que ficaram na terra natal representam a manutenção de estilos de vida, que estavam ameaçados pela situação econômica de seus países.<sup>3</sup>

É portanto, um movimento migratório que não está necessariamente ligado à pobreza, mas também à queda dos padrões de vida da classe média e dos padrões de consumo nos países de origem. Neste sentido, Sassen fala sobre a importância de introduzir as relações internacionais na análise<sup>4</sup>.

Segundo Margolis, estes movimentos cumprem a função de diluir problemas internos nas nações que enviam migrantes, gerados pelo aumento do desemprego e queda dos padrões de consumo da classe média. Aliviam ainda o problema do excesso de mão-de-obra superqualificada<sup>5</sup>.

Os países que recebem, ao mesmo tempo que se manifestam contra a grande quantidade de imigrantes, também necessitam desses fluxos migratórios, que são fundamentais para preencher com mão-de-obra de baixo custo, setores do mercado-de-trabalho menos especializados.

Devido ao caráter temporário da migração, os trabalhadores estrangeiros costumam ocupar postos do setor secundário do mercado-de-trabalho, que apresentam menor estabilidade, menor possibilidade de ascensão profissional, falta de segurança, etc<sup>6</sup>.

Esses migrantes representam para os países industrializados a possibilidade de pagar pouco pela mão-de-obra e de obter trabalhadores escolarizados e dispostos a trabalhar em qualquer tipo de emprego.

Vimos que de um lado estão os países receptores de imigrantes, cujo interesse no processo migratório é, entre outros fatores, manter baixos salários e más condições de trabalho em alguns setores e o preenchimento de postos de trabalho para os quais nativos não se dirigem. A importância dos imigrantes nos postos do setor secundário do mercado-de-trabalho vem

---

<sup>1</sup> - Margolis, M.; 1993:13.

<sup>2</sup> - Para M. Piore em *Birds of Passage*, (1979) a classe média migra para o exterior primeiro, pois tem mais condições de ir para outro país, depois, com o estabelecimento do redes de informações que facilitam o processo migratório, vão as pessoas de classe mais baixa.

<sup>3</sup> - Margolis, M.; 1993:13.

<sup>4</sup> - Saskia-Sassen, 1992.

<sup>5</sup> - Margolis, M.; 1993.

<sup>6</sup> - Portes, A.; 1985.

crescendo com as novas tecnologias que estão sendo introduzidas nos países industrializados. Os nativos tendem a se dirigir para os setores de ponta, diminuindo a oferta de mão-de-obra nas áreas mais atrasadas tecnologicamente. Mas tudo isso precisa ser relativizado, porque o papel da migração nesses países varia de acordo com a inserção dos imigrantes no mercado-de-trabalho.

Por outro lado, a explicação para a emigração nos países recém-industrializados também está associada à queda dos padrões de vida da classe média, com a internacionalização das relações, com as redes de informações e em a expectativas criadas com relação aos países hospedeiros.

O fato dos *dekassegui* pertencerem a uma comunidade japonesa no Brasil, contribui para compor representações a respeito dessa migração e se constitui num importante estímulo. Também o convívio com parentes, outros japoneses, associações e instituições nipo-brasileiras, o crescimento da economia japonesa e a conseqüente ocidentalização do país divulgados pela mídia, são fatores importantes para que cada *dekassegui* crie alguma expectativa com relação ao ato de migrar. Confrontada com a falta de perspectivas da situação nacional podem explicar em parte o fenômeno.

## A QUESTÃO QUE NORTEIA ESSA PESQUISA

Argumentou-se que nas migrações internacionais recentes os indivíduos se movem de países menos industrializados para países desenvolvidos, objetivando trabalho temporário. Alguns dos principais motivos para migrar são a queda do padrão de vida e o problema da superqualificação nos países de origem.

Nos países receptores, parte do setor secundário do mercado-de-trabalho é preenchida pelos imigrantes. A necessidade de mão-de-obra cresceu com a introdução de novas tecnologias, a partir dos anos 80, quando os nativos passaram a preferir empregos no setor primário<sup>1</sup>. Acompanhado do processo de globalização econômica, o setor de serviços vem aumentando nos últimos anos, abrigando também mão-de-obra imigrante.

Isso nos remete à problemática das imagens e representações que o migrante faz dos dois países. Ao sair de seu país que já não fornece mais condições de manutenção do seu padrão de vida, o migrante projeta expectativas no país para o qual migra.

Os planos de estabilização econômica que vigoraram no Brasil a partir da segunda metade da década de 80<sup>2</sup>, sacrificaram as economias da população e aumentaram o desemprego. Estas políticas econômicas colocaram em jogo as perspectivas de futuro da classe média, principalmente dos jovens que terminavam cursos universitários e não encontravam garantia de ascensão e estabilidade profissional. Hoje é comum ex-universitários reclamarem da falta de perspectivas profissionais e cogitarem a possibilidade de trabalhar no exterior. Muitos se empregam temporariamente em atividades braçais com a esperança de voltar e abrir um negócio próprio. Outros nem pensam em voltar. Margolis denomina este grupo de "refugiados econômicos"<sup>3</sup>.

Frente a isso, o objetivo deste trabalho é estudar os nipo-brasileiros no Japão, o chamado fenômeno *dekassegui*. O recorte escolhido foram os migrantes com escolaridade superior<sup>4</sup>. O recorte da escolaridade foi escolhido, porque imagina-se que uma qualificação em curso superior pode significar expectativas muito específicas de futuro. Desta forma, pretende-se detectar a relação entre perspectivas de futuro e crise econômica no Brasil para responder as

---

<sup>1</sup> - Saskia-Sassen, 1992:53-54.

<sup>2</sup> - Plano Collor, Planos Cruzado e, mais recentemente, Plano Real.

<sup>3</sup> - Margolis, M.; 1993:139.

<sup>4</sup> - Interessante notar que na pesquisa sobre os brasileiros nos EUA feita por Margolis, 15% dos informantes tinham nível universitário incompleto e 30% nível universitário completo. (Margolis, M., 1993:148).

perguntas abaixo. É importante lembrar que há autores que defendem a idéia de que a maior parte dos *dekassegui* migram por motivos econômicos<sup>1</sup>.

As indagações que orientam a pesquisa são várias. O principal interesse é saber quais as expectativas que o *dekassegui* tem quando migra e quais os motivos que o levam a sair do país. Parte-se do pressuposto de que há um entrelaçamento entre expectativas e motivações. As expectativas a respeito do processo migratório podem se constituir num forte motivo para viajar. Isto quer dizer que há uma diferença entre expectativas e motivos. Expectativa é aquilo que se espera do ato de migrar e do Japão. Motivações são os fatores que explicam por que a pessoa migrou. Neste sentido, expectativas são geradas por representações e imagens. Elas podem, em suma, resultar em motivos. Assim, pretende-se saber se o país escolhido para migrar, no caso o Japão, realmente representa a possibilidade de contornar a falta de perspectivas no país de origem ou se há outras explicações. Deve-se levar em conta que a maior parte dos migrantes são descendentes de japoneses e, por isso, podem guardar uma imagem do país que foi herdada de seus antepassados.

É importante considerar que boa parte dos migrantes enviam dinheiro ao Brasil, para a família fazer investimentos ou adquirir bens.<sup>2</sup> Isso significa que o trabalho fora da terra natal permitiria manter o padrão de vida dos familiares no Brasil e a realização de projetos a curto prazo, os quais não seriam possíveis se os migrantes permanecessem no próprio país. As remessas de dinheiro do exterior para o país de origem não ocorrem só no caso dos *dekassegui*, mas também são comuns a vários grupos que moram nos EUA e outros países, como os brasileiros, caribenhos e mexicanos.<sup>3</sup>

Dentro desta discussão, cabe perguntar qual a correspondência entre a realidade e a imagem construída pelo *dekassegui* em relação ao processo migratório. Deste modo, seria possível compreender melhor as motivações e expectativas desses migrantes.

Os *dekassegui*, por serem descendentes de japoneses, devem ter uma imagem mais ou menos pronta do que seja o Japão. Estas idéias não devem corresponder totalmente à realidade, já que foram passadas pelos seus pais e avós, que viveram no Japão há algumas décadas, num momento muito diferente do atual. Deve-se considerar ainda a influência das

---

<sup>1</sup> - Sobre a predominância de motivos econômicos, ver Yoshika. (1994). Por estarmos trabalhando com o recorte escolaridade, é importante que se esclareça o que estamos entendendo por educação. Educação aqui é entendido tanto no seu aspecto informal, que é o processo de socialização, quanto informal. O segundo se refere às escolas japonesas ou não.

<sup>2</sup> - Segundo dados do Banco do Brasil em Tóquio, os brasileiros que estão no Japão economizam em torno de 250 milhões de dólares por ano. Fonte: *Brazilian News*, junho de 1995.

<sup>3</sup> - Margolis, M.; 1993.

redes de informações<sup>1</sup> no processo de elaboração dessas representações. Há todo um conjunto de informações que são passadas através de pessoas que já migraram, de instituições que dão suporte para os migrantes e da própria comunidade *nikkei*.

Da problemática central seguem-se as seguintes questões:

1 - O migrante tinha projetos no Brasil antes de partir? Como esses projetos estão hoje? O Japão tornou-se uma opção e um meio para a realização desses projetos?

2 - Considerando que há intenção de realizar projetos e de manter um determinado padrão de vida no Brasil, a migração seria um plano individual ou familiar?

Estas indagações são importantes à medida que contribuem e fornecem subsídios para as análises com enfoque estrutural sobre as novas migrações internacionais. Estas teorias têm a preocupação de investigar os efeitos dos fluxos migratórios, principalmente nos países de origem.

---

<sup>1</sup> - O conceito de rede de informações está situado dentro do aparato teórico das migrações internacionais recentes. Redes de informações significam, então, uma teia de apoio aos migrantes, fornecida por instituições, pelos próprios migrantes e pela mídia, entre outros, que garantem a continuidade dos fluxos. (Ver: Tilly, C.; e Monteiro, P.; 1994).

## CAPÍTULO 1: “A BASE TEÓRICA”

Pode-se dizer que as migrações tomaram forma específica após o surgimento do capitalismo. Quase todos os movimentos populacionais estiveram relacionados com fases de expansão do capital. A ocorrência desses movimentos deve ser considerada como indicativa de importantes transformações no capitalismo regional ou até mesmo mundial.

A Revolução Industrial na Inglaterra não teria sido possível sem o deslocamento de mão-de-obra da zona rural ou da Irlanda, que formaram o primeiro proletariado. A sua expansão mundial ocorreu devido ao processo de industrialização e também às grandes migrações de populações rurais para áreas urbanas, que destruíram antigos modos de vida e deram origem a um nível de pobreza nunca visto.

O descobrimento da América gerou os primeiros grandes movimentos migratórios, com o tráfico de escravos e os próprios colonizadores, iniciando o período pré-capitalista. A Revolução Industrial exigiu novos mercados consumidores que não admitiam escravidão. As grandes migrações de populações européias, pauperizadas pela expulsão capitalista do campo, se dirigiram para o trabalho nas lavouras americanas. Estas populações foram responsáveis, por exemplo, pela estruturação da base econômica de regiões como o Estado de São Paulo.

O caso do Brasil é ilustrativo no que diz respeito à migrações. Sua consolidação enquanto nação se deu com a população migrante. O país foi receptáculo de outros povos. Este processo teve início com a colonização das terras pelos portugueses, seguida da tráfico de escravos, o qual foi substituído pela imigração européia e asiática (italianos, japoneses e alemães principalmente), até mais ou menos a Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>. Após este período, houve ainda a entrada de alguns grupos estrangeiros, que terminou no período pós-64.

A expansão industrial que se intensificou após este período, teve como base a mão-de-obra vinda de outras regiões menos desenvolvidas do país. Hoje constituem a maior parte das populações pobres dos centros urbanos brasileiros. Ao mesmo tempo, os países desenvolvidos que antes eram "doadores" de migrantes, começaram a se tornar receptores

---

<sup>1</sup> - Para Giddens (1991) a globalização é um processo intrínseco ao capitalismo, sempre existiu com ele, mas vem se intensificando nos últimos tempos.

de povos de regiões menos desenvolvidas. Os anos 70 iniciaram um novo tipo de migrações internacionais. As características do novo movimento já foram apresentadas anteriormente. O Brasil é um bom exemplo desta migrações. Após a abertura política e os sucessivos planos econômicos, o mesmo vem se defrontando com uma "debandada" de parte de sua população em direção aos países de primeiro mundo. Não é uma saída qualquer. Boa parte dos migrantes tem algum nível educacional e procede da classe média. O objetivo muitas vezes é migrar temporariamente para realizar projetos econômicos quando retornarem ao Brasil. Claro que a realidade muitas vezes não é esta. A ilusão de poder juntar dinheiro fácil em países de economias estáveis nem sempre é verdadeira e o retorno dos emigrados nem sempre é ocorre. Daí vêm sérios problemas de discriminação e segregação nos países hospedeiros, bem como de clandestinidade.

Os principais exemplos hoje deste tipo de emigração brasileira são os grupos que vão para os EUA, Europa e Japão. Nos dois últimos, os indivíduos podem tentar a legalidade através de dupla cidadania, obtida por causa da descendência. Há os casos de migrações nos próprio eixo do Mercosul, como o caso dos "brasiguaios", que são populações rurais do sul do país que se deslocam para trabalhar na lavoura paraguaia, num claro processo de extensão de fronteiras brasileiras.

Todos os fluxos analisados mostram a relação estreita que há entre expansão do capital e necessidade de mão-de-obra. Essa expansão sempre arrasta populações de todo o mundo. Desta forma, o capitalismo mais uma vez manifesta um aspecto da sua mundialização<sup>1</sup>.

Pode-se então concluir que um dos fatores indicativos de importantes fases de expansão do capital (mundial ou regional) seriam os movimentos migratórios. Realizar qualquer estudo sobre migrações sem levar em conta essa perspectiva, significa deixar de lado um aspecto fundamental. Apesar disto, deve-se sempre levar em conta outras dimensões, como os aspectos individuais e culturais das migrações. Outras variáveis serão analisadas mais à frente.

As migrações internacionais no Brasil se acentuaram na década de 80, tendo como principal justificativa a crise econômica e o desemprego da chamada "década perdida". Isso fez com que parte da população que antes tinha perspectivas de realização projetos, mesmo que a longo prazo, como ter uma casa própria, ter um pequeno negócio ou um carro, ficassem

---

<sup>1</sup>- De 1880 a 1930, o Brasil recebeu mais de 3 milhões de migrantes estrangeiros, conforme Patarra e Baeminger (1994). Essa migração para muitos grupos se iniciava como temporária, mas se tornou permanente, principalmente com a Segunda Guerra Mundial.



frustradas, pois a falta de emprego e os sucessivos planos econômicos, que foram feitos após a abertura democrática, diminuíram a possibilidade de se fazer uma poupança.

As migrações são movimentos milenares, que ocorrem de maneira diferente através dos tempos.<sup>1</sup> Migrações em busca de trabalho começam a ocorrer a partir do século XIX.

Há 4 tipos de migrações, segundo Keely e Kritz: para colonização (ou migrações permanentes), migrações temporárias (que vêm se tornando a forma dominante), refúgio e migrações ilegais.<sup>2</sup> As novas migrações internacionais, com caráter temporário, estão relacionadas com um diferencial de poder (econômico, político e demográfico) entre países. Ocorrem de países pobres para países ricos e são consequência do aumento da desigualdade econômica entre eles. Hoje, as permissões para a entrada e permanência de imigrantes nos países desenvolvidos estão relacionadas a períodos de crescimento econômico. Há uma estreita ligação entre desenvolvimento e migrações. Os fluxos adquiriram proporções importantes principalmente após a Segunda Guerra. Esse tipo de política traz benefícios para os países receptores, porque em fases de expansão econômica obtém mão-de-obra necessária e nos períodos de crise pode ser devolvida. Não representam desta forma, um ônus para as políticas de bem-estar social. Quais seriam as vantagens, então, para o país que envia imigrantes? Essa questão é muito pouco enfocada pela literatura sobre migrações, pois a maior parte dos trabalhos produzidos está relacionada aos problemas que ocorrem nos países receptores. Uma desvantagem é que as habilidades aprendidas não são geralmente reabsorvidas pelo país de origem. Os que retornam preferem abrir pequenos negócios<sup>3</sup>.

Há dois tipos de teorias sobre as imigrações: aquelas que são centradas no indivíduo e as que têm enfoque estrutural. As primeiras têm como problema a motivação dos imigrantes para partirem em busca de outros países e, as segundas, questionam por que os países recebem. As análises tradicionais sobre imigração nos EUA e Europa enfocam os processos de assimilação, ou, no que diz respeito a relações interétnicas, usa-se conceitos como aculturação e acomodação ou adaptação. A maior parte delas análises estão voltadas para os motivos pessoais que justificam esses movimentos populacionais<sup>4</sup>. A literatura atual sobre imigração tem dado atenção para o crescimento desse fenômeno nos países avançados e questiona a definição do trabalho migrante como complemento do trabalho doméstico. Ela se volta principalmente para a relação entre imigração e mercado-de-trabalho. Foi citado o

---

<sup>1</sup> - Kritz, M. & Keeli, C.; 1981:13.

<sup>2</sup> - Kritz, M. & Keeli, C.; 1981:14.

<sup>3</sup> - Kritz, M. & Keeli, C.; 1981:25.

<sup>4</sup> - Portes, A.; 1981:279-280.

exemplo de Portes, em que o mercado-de-trabalho para os imigrantes nos EUA não é homogêneo, pois engloba o setor secundário, o setor primário e os enclaves<sup>1</sup>.

Os enclaves "consistem em grupos de imigrantes concentrados numa distinta localização espacial e que organizam uma variedade de empresas que servem seu próprio mercado étnico e à população em geral. A característica básica é que uma parte significativa da força de trabalho imigrante está em empresas de outros grupos imigrantes"<sup>2</sup>. Possuem algumas características distintas, enquanto um modo de incorporação na economia do país receptor:

- Seu sucesso não resulta de políticas públicas ou da classe capitalista local, mas do próprio esforço dos imigrantes;
- São ocupacionalmente heterogêneos;
- A etnicidade é um importante laço econômico dentro do enclave, resultando em relações paternalistas de trabalho;
- Significam oportunidades de avanço econômico para grupos imigrantes;
- Possui funções ambíguas: fornece bens e serviços para a sociedade em geral e são fonte de baixos salários.

A condição necessária para o enclave é a existência de imigrantes com capital. Em geral é trazido do país de origem ou através de empréstimos<sup>3</sup>. Sua principal vantagem é abrir oportunidades para os imigrantes escaparem da exploração do mercado-de-trabalho aberto. Portes mostra através desse esboço do mercado-de-trabalho imigrante nos Estados Unidos, que é importante buscar as causas estruturais do fenômeno. Também se deve atentar para o fato de que o trabalho imigrante como fonte de baixos salários não é a única forma que assume o fluxo. A presença de imigrantes no mercado-de-trabalho primário e nos enclaves mostra isso.

Para explicar a continuidade de fluxos migratórios, alguns autores utilizam o conceito de rede. Este conceito é amplo. Abrange um conjunto de pessoas interligadas na sociedade receptora e de origem e poderia ser entendida como interconexão entre vários grupos e subgrupos. Elas constituem um vai-e-vem de informações, que facilitam a imigração e terminam por explicar os fluxos contínuos de imigrantes num local por um período de tempo. Alguns exemplos são as agências de viagem e informações sobre empregos no outro

---

<sup>1</sup> - O autor está falando da realidade de trabalho nos EUA, portanto a teorização tem como base as características desse país, o que não invalida suas semelhanças com outros países receptores de mão-de-obra migrante.

<sup>2</sup> - Portes, A.; 1981:290.

<sup>3</sup> - Portes, A.; 1981:291-292.

país. Segundo Tilly, as migrações ocorrem ligadas por laços de parentesco, profissional, etc. e não individualmente ou em grupos. As redes estimulam o processo migratório e funcionam mais ou menos como um sistema de “leva-e-traz” de informações, interligando as sociedades de origem e receptora<sup>1</sup>. Assim também funciona no plano cultural. As redes não são grupos fechados que assimilam a cultura do país receptor, mas sim que interagem com a sociedade local e também com a sociedade de origem, através do seu intercâmbio. Podem servir de ajuda e solidariedade, formando instituições e associações de apoio aos imigrantes. Informam como migrar e até promovem contato cultural com o país de origem<sup>2</sup>. Para Monteiro, *networks* são “múltiplas redes que se estendem com centro em cada indivíduo até outros emigrados (portugueses e/ou mexicanos), sem que ao conjunto destes redes se possa dar uma fronteira comum ou comunitária”<sup>3</sup>.

Também preocupado com o aumento do número de trabalhadores estrangeiros, nos últimos 20 anos na Europa, Piore vê a migração como fonte de problemas tanto para o país receptor quanto para o país de origem<sup>4</sup>. No país receptor os problemas mais comuns são os conflitos com nativos, resultando em políticas para diminuir o fluxo migratório. Já no país de origem, a mão-de-obra se desinteressa pelo trabalho industrial quando volta e acaba usando o seu dinheiro na compra de terras ou consumindo bens importados. Além disso, os migrantes transportam as oscilações econômicas dos países desenvolvidos para países em desenvolvimento, pois em épocas de crise ficam desempregados e voltam para sua pátria<sup>5</sup>.

Algumas características do processo migratório para Piore, são:

- respondem à atração dos países industriais;
- os migrantes realizam trabalhos que nativos não aceitam;
- o trabalho é temporário, mas parte dos imigrantes não estão retornando para seus países;
- grande parte dos migrantes são desqualificados, não falam a língua dos países de destino e vêm de áreas rurais.

O autor tenta responder questões sobre a grande migração para áreas industrializadas e verificar seu papel no mundo industrial. Sua perspectiva teórica tem alguns pontos em comum com a economia convencional. Apesar disto, faz uma crítica ao enfoque econômico

---

<sup>1</sup> - Tilly, C.; 1990:84.

<sup>2</sup> - Tilly, C.; 1990:93.

<sup>3</sup> - Monteiro, P., 1994:23.

<sup>4</sup> - Piore, M.; 1979, “Introduction”.

<sup>5</sup> - Piore, M.; 1979:3.

da renda como categoria fundamental<sup>1</sup>. Existem fatores sociais que também influenciam o processo migratório, pois as oportunidades de emprego também são condicionadas por forças sociais. Para o autor, o trabalho migrante apresenta quatro características<sup>2</sup>:

- Os migrantes realizam trabalhos fragmentados;
- O recrutamento é feito por agentes das regiões desenvolvidas;
- O fornecimento de trabalhadores migrantes é elástico;
- Uma vez iniciado um fluxo migratório, é muito difícil terminar.

Além disso, os imigrantes não estão espalhados por toda a estrutura industrial, mas se concentram em certas indústrias ou ocupações. Realizam trabalhos diferentes dos nativos e tendem a fazer os trabalhos desqualificados e sem estabilidade. Na França, Alemanha e EUA, por exemplo, os imigrantes em geral são empregados em trabalhos manuais.

Segundo Piore, há 3 perspectivas teóricas que explicariam a demanda por estrangeiros: a teoria econômica convencional, a explicação pelo preenchimento de postos do fundo da hierarquia social e a teoria do mercado dual de trabalho. A explicação da teoria convencional é limitada. Não explica por que a demanda por estrangeiros no mercado-de-trabalho é maior ou menor. No mais, não dá atenção à função social dos salários. As forças sociais que são ignoradas poderiam ser integradas à análise de forma construtiva<sup>3</sup>. A segunda explicação leva em conta a hierarquia do estrutura de trabalho e as oportunidades no emprego. O trabalho migrante serviria para suprir a base da hierarquia. Neste caso, um corte na demanda por trabalho estrangeiro resultaria na necessidade de outro grupo para substituí-lo. A terceira perspectiva é a do mercado dual de trabalho. Este se divide em setor primário, onde se alocam os nativos, e setor secundário, no qual está a maior parte dos imigrantes. O autor afirma que, as prováveis conseqüências de um corte no fornecimento de trabalho estrangeiro seriam a redução do crescimento econômico e o aumento do desemprego. Isto exigiria ajustamentos na estrutura de consumo e de produção. Em vista disso, é improvável que a solução para o problema da migração seja o corte nessa demanda. A melhor solução seria através da regularização da seguridade social para os imigrantes.

Sassen possui um ponto de vista parecido com o de Piore. Parte das transformações no mercado-de-trabalho para explicar o crescimento da necessidade de mão-de-obra estrangeira. Mas enquanto o segundo se preocupa com a colocação dessa força de trabalho

---

<sup>1</sup> - O mercado-de-trabalho não funciona como os outros mercados e não funciona somente pela lógica da racionalidade.

<sup>2</sup> - Piore, M.; 1979:16-17.

<sup>3</sup> - Piore, M.; 1979:31-32.

migrante no mercado-de-trabalho (cuja explicação tem por base forças sociais), a primeira se volta mais para os contextos históricos e políticos da imigração, inserindo a problemática no panorama internacional.

Segundo Sassen<sup>1</sup>, as explicações convencionais para as causas das migrações sempre indicam três motivos principais: superpopulação, pobreza e estagnação econômica nos países de origem. Mas há muitos países que são pobres ou estão em crise econômica ou com problemas de superpopulação, que não têm emigração. Então o que poderia explicar esse fenômeno? Ela introduz a análise no quadro internacional. A maioria das análises vêm dos países receptores, que atribuem causas externas ao fenômeno. Pensando no caso dos EUA, a autora mostra que os fatores que poderiam ter causado imigração não seriam necessariamente as 3 condições colocadas acima. Haveria outros fatores, como a presença econômica, militar e diplomática dos EUA nos países de origem ou a imagem difundida dos EUA como um país com "oportunidade para todos" Há também a abertura para a imigração em 1965. Isso quer dizer que as ligações entre países de origem e receptor constituem laços históricos específicos, as quais poderiam explicar as migrações. Como Piore, Sassen também observa uma relação entre internacionalização da produção e mercado internacional de trabalho. Este aspecto não tem sido muito analisadas nas pesquisas sobre o assunto. Então pergunta: "por que as migrações internacionais ocorrem num momento de alto desemprego nos EUA, incluindo maiores perdas de emprego nos setores tradicionalmente empregadores de imigrantes?"<sup>2</sup> E por que os países de Terceiro Mundo continuam a enviar trabalhadores? Há algumas explicações correntes:

- Desemprego nos países de origem;
- Existência prévia de comunidade migrante no país receptor;
- Diferenciação interna do mercado-de-trabalho;
- Tipos de organização do trabalho diferenciados;
- Explicações sobre políticas de imigração.

A maior parte das explicações estão relacionadas à procura por mão-de-obra barata. Mas além destas respostas, Sassen insiste no papel das relações históricas entre países. No caso dos EUA, por exemplo, há o estrangeiro que fizeram em muitos dos países que enviam migrantes, os quais criaram laços ideológicos e culturais entre ambos. Para a autora, as migrações internacionais hoje são uma importante fonte de trabalho para a economia

---

<sup>1</sup> - Saskia-Sassen, 1992, "Introduction".

<sup>2</sup> - Saskia-Sassen, 1992:12.

## CAPÍTULO 2: “O CASO BRASILEIRO”

Apesar de Saskia-Sassen ter razão em introduzir no quadro internacional a análise dos fluxos migratórios, não se pode transplantar todas a sua explicação para o caso brasileiro. Os países para os quais se dirigem os nossos migrantes não realizaram programas de incentivo à imigração de trabalhadores, como o Bracero Program (EUA) e os Guest Work Programs (Europa). Não houve relações diplomáticas entre Brasil e outros como as relações de Porto Rico e EUA, por exemplo<sup>1</sup>. É importante que as explicações sobre o caso dos migrantes brasileiro levem em conta a análise de Sassen. A autora teve o mérito de ir além das explicações puramente culturalistas, como as teorias de assimilação e acumulação e das teorias que enfocam a renda como elemento determinante. É importante também que se investigue quais seriam os fatores que explicariam o crescimento das migrações de brasileiros para outros países, desde os anos 80, levando-se em consideração a perspectiva internacional.

Segundo Gilson Schwartz<sup>2</sup> o entendimento do fenômeno *dekassegui* deve ultrapassar a simples explicação da crise econômica e detalhar as causas menos óbvias, como a destruição da classe média. Para o autor, a destruição da classe média significa o comprometimento das expectativas de mobilidade social, cujas estratégias de “sobrevivência na estagnação geralmente são os saques em contas de poupança, organização de grupos de compra com a finalidade de obter condições vantajosas junto às redes varejistas, uso de cheques pré-datados, cartões de crédito e complementação empresarial de salários, *tickets*, vale-transporte, etc”<sup>3</sup>. Mudam-se hábitos de consumo e a estrutura doméstica. Mas um fenômeno que o autor realmente considera significativo é o crescimento de atividades complementares, como a economia informal, que pode chegar hoje a 30% da economia nacional<sup>4</sup>. Essas estratégias apresentam uma certa flexibilidade, que chega ao seu limite nas atividades paralegais, como o jogo do bicho ou o tráfico de drogas. Elas indicam uma alteração nas expectativas de mobilidade social. Portanto, o fato de uma sociedade atingir os limites dessa flexibilidade pode constituir um estímulo para a imigração. Chega-se às raias da

---

<sup>1</sup> - Saskia-Sassen, 1992.

<sup>2</sup> - Schwartz, G. IN: Ninomiya, M.; 1991:213

<sup>3</sup> - Schwartz, G. IN: Ninomiya, M.; 1991:214.

<sup>4</sup> - Schwartz, G. IN: Ninomiya, M.; 1991:215.

mundial. O padrão Estado-Nação criou um sistema distinto de fornecimento de trabalho tanto institucionalmente (com relação à manutenção e reprodução da força de trabalho), quanto no que diz respeito à incapacidade de controle da organização da produção<sup>1</sup>.

Hoje há um crescimento do número de imigrantes no setor terciário nos países desenvolvidos e no setor secundário nos países em desenvolvimento. O crescimento do número de migrantes nos países desenvolvidos também está relacionado a uma transformação na divisão internacional do trabalho. A introdução de modernas formas de produção e generalização das relações de mercado têm efeito sobre o trabalho assalariado tradicional e não assalariado e contribui para a formação de um *pool* de imigrantes.

---

<sup>1</sup> - Saskia-Sassen, 1992:22.

paralegalidade e resultando na alteração das expectativas de mobilidade . Também podem surgir daí políticas públicas tópicas envolvendo as correntes migratórias.

Nitidamente essa destruição de expectativas de mobilidade social ocorreu na “década perdida”, conforme denominou Tereza Sales<sup>1</sup>. Essa “década perdida” tem relação com a fase de recessão dos anos 80 e 90, que surgiu a partir da abertura democrática, em 1984. Também está ligado aos sucessivos planos econômicos nesse período.

Com a abertura democrática em 1984, muita coisa mudou na economia brasileira e muitos foram os esforços para conter a hiperinflação resultante dos anos anteriores. Segundo Rezende<sup>2</sup>, a hiperinflação é um processo de violenta alta dos preços (que geralmente ocorre após longo período de inflação crônica), seguida de esgotamento de todos os mecanismos de financiamento público. Com ela, a moeda nacional é rejeitada e a alta de preços é violenta e desordenada. É ocasionada pela desmoralização da moeda e pela dinâmica das expectativas. Há uma recessão caótica, com altos custos sociais. Para Lemos, Ferreira e Pimentel<sup>3</sup>, um elemento impulsionador do processo inflacionário seriam os juros da dívida pública, ao contrário do que dizem as interpretações keynesiana e monetarista. Não levam em conta a persistência de uma elevada taxa de juros durante os períodos de recessão, nas economias endividadas. As dívidas externa e interna exacerbam a tendência à taxa de juros.

A partir de 1985, houve uma expansão do endividamento, que foi um prolongamento da política monetarista da Velha República e que teve causas estruturais. Entre 1974 e 1979, o Governo Geisel, iniciou-se um endividamento externo, que teve relação com a crise econômica dos países capitalistas avançados, iniciada principalmente após a crise do petróleo de 1973. A balança comercial apresentou um saldo negativo entre 1974 e 1978. Esta situação teve como contrapartida o endividamento externo e uma progressiva estatização desta dívida. Os principais fatores de endividamento foram o programa de investimentos de Geisel, a orientação política e econômica determinando reajuste de preços e tarifas de bens e serviços públicos, as restrições ao crédito no mercado doméstico e a disponibilidade de crédito no mercado de eurodólares. Em 1984, ocorre um declínio do aumento da estatização da dívida externa. Em 1985, o refinanciamento de juros por parte dos credores internacionais é interrompido. Com esse processo ocorre a materialização financeira dos problemas observados desde 1980. No que diz respeito ao plano de estabilização econômica,

---

<sup>1</sup> - RBEP, 1992:62.

<sup>2</sup> - Rezende, 1991:85-88.

<sup>3</sup> - Lemos, Ferreira e Pimentel, 1987.



instaurado pelo Governo Sarney, o Plano Cruzado, a pré-condição necessária para o seu sucesso, para esses autores, seria que o déficit global do setor público fosse posto sob controle e que os focos de pressão sobre o nível geral dos preços tivessem sido desacelerados. O Plano Cruzado tinha dois objetivos<sup>1</sup> : o controle dos preços e a manutenção do crescimento econômico. A primeira fase se voltou mais para o controle dos preços, através de congelamento, mudança na política salarial, contenção na desvalorização cambial e desindexação geral da economia. De início, as medidas tiveram um resultado positivo. Houve controle de preços, queda na inflação e elevação dos salários e número de empregos. Por outro lado, esses resultados geraram um aumento na demanda, a qual não correspondeu a uma resposta por parte da oferta. Acompanhada de ágio, houve uma desaceleração na produção, devido às incertezas quanto ao plano econômico. Um outro aspecto do plano foi a chamada “inflação invisível”, caracterizada pelo aumento de preços, que não podiam ser captados pelos indicadores econômicos. Também, o governo não conseguiu controlar o déficit público como esperava. Os limites se encontravam em seu ponto central: o aumento de empregos e expectativas criadas pelo controle de preços geraram um aumento do consumo, comprometendo a estabilização da inflação. Para Paiva, o plano teria condições de manter o crescimento sustentado da economia, mas sua preocupação com o aumento de empregos seria uma tarefa mais para longo prazo.

Já no Plano Collor, a economia tomada pela hiperinflação, não permitia política monetária. O plano conseguiu recuperar compulsoriamente as possibilidades de financiamento do governo, mas adiou a hiperinflação. Também não atacou o excessivo endividamento público, um dos principais problemas. No fundo, o plano ganhou tempo, mas teve alcance limitado.

Segundo Rezende<sup>2</sup>, o problema do plano estava em imaginar que o caminho para solucionar a crise seria propor um plano correto, pois não se tratava apenas de um problema de formulação. Para ele, um verdadeiro programa de estabilização deve ser um programa de reorganização e reconstrução econômica e social.

A transição democrática no Brasil, constituiu um período de reconstrução econômica, social e política sobre os resultados de 20 anos de ditadura. O período legou um saldo de caos econômico, marcado pela hiperinflação e grande endividamento público. Os governos que vieram depois, não souberam muito bem como resolver a crise. Apostaram numa série de

---

<sup>1</sup> - Paiva, 1987.

<sup>2</sup> - Rezende, 1991.

erros, materializados em planos econômicos, que não fizeram mais que adiar a hiperinflação e manter uma situação econômica constrangedora para a população brasileira, que já não podia mais suportar uma inflação que chegava a ultrapassar os 200% ao ano. A esta situação se somavam as desigualdades sociais brasileiras, a crise do sistema público, o atraso científico e tecnológico, a longa paralisação do processo de crescimento econômico<sup>1</sup> e um crescente desemprego.

Além dos aspectos puramente econômicos, a indústria brasileira passou, nas últimas décadas, por transformações muito importantes em termos de inovações tecnológicas. Com a recessão dos anos 70 e pressionadas pela concorrência no mercado internacional, as empresas brasileiras foram obrigadas a se modernizar para competir com as outras economias mundiais. A abertura política trazia para os sindicatos possibilidades de reivindicações ligadas à organização e condições de trabalho. As empresas começam então a introduzir modificações organizacionais em seu interior. A qualidade passa a ser elemento importante na competitividade internacional, induzindo à introdução da automação nas fábricas. O ressurgimento do movimento sindical teve como consequência a modificação das relações de trabalho no Brasil, substituindo as relações autoritárias dentro das fábricas por relações baseadas no diálogo e negociação<sup>2</sup>. “(...) Nesse contexto que surgem, no interior das unidades produtivas, experiências diferenciadas de formas de gestão da força de trabalho (CCQ, *kanban*, grupos semi-autônomos) e de relacionamento empresa-sindicato, como por exemplo as comissões de fábrica, e se intensifica o processo de introdução de novas tecnologias”<sup>3</sup>.

As novas tecnologias não estão totalmente difundidas no Brasil e é difícil apontar em quais setores elas já estão funcionando e onde o fordismo predomina. O setor automotivo deu o primeiro passo no sentido das inovações tecnológicas e hoje parece que foi o local onde elas se difundiram. Porém, a introdução de automação e inovações organizacionais aparece em vários setores da economia, devido a preocupação com a qualidade total que vem tomando proporções significativas. O problema principal na aceitação de novas tecnologias no Brasil se dá a nível organizacional. Na maioria dos casos introduz-se máquinas modernas na fábrica, mas há poucas inovações organizacionais. Isto implica numa forma mista de relações fordistas de trabalho juntamente com novas tecnologias na parte técnica. Isso se

---

<sup>1</sup> - Jaguaribe, 1991:14

<sup>2</sup> - Leite, M.; 1994:137-146.

<sup>3</sup> - Gitahi & Rabelo, 1991:4.

deve em parte pelo fato de que predominam no Brasil relações fabris autoritárias e hierarquizadas, que difundiram a aceitação de relações menos hierárquicas e mais participativas por parte de gerentes e supervisores. Outro problema no Brasil que impede a total introdução de novas tecnologias é o baixo índice de escolaridade aqui encontrado. Este não condiz com a necessidade de mão-de-obra mais qualificada exigida pelo novo paradigma. "A mão-de-obra nacional é predominantemente formada por trabalhadores com baixa escolaridade, mal remunerada e submetida a alta rotatividade. Esse é o padrão prevalecente, apesar de crescentemente questionado pelas lideranças empresariais no Brasil"<sup>1</sup>. Em geral, as fábricas dão cursos sobre uso das novas máquinas, que muitas vezes são ministrados por técnicos dos fornecedores das máquinas ou especialistas de outros países. Isso nos coloca um problema muito sério. Manter as novas tecnologias sem uma mão-de-obra condizente é difícil. Contudo, não se definiu ainda qual seria o tipo de educação ideal para formar o trabalhador para o novo paradigma e, enquanto isso, supre-se a deficiência no âmbito das próprias empresas, através de iniciativas isoladas.

Todos esses fatores, associados à falta de perspectivas para a crise, criaram um ambiente ideal para o início de um movimento de emigração para países que ofereciam melhores possibilidades de trabalho e que estavam abrindo as portas para a mão-de-obra estrangeira temporária, como foi o caso do Japão.

Há portanto, um caminho importante a seguir, quando se trata do entendimento das migrações internacionais hoje. Sassen fala sobre a necessidade de se entender o fenômeno introduzindo as relações internacionais na análise, mas cabe estudar cada caso isoladamente a partir desse caminho, pois no caso do Brasil há outros fatores, que não os programas de incentivo ao trabalho migrante (Como os Guest Worker e o Bracero Program) que explicariam este fluxo.

---

<sup>1</sup> - Carvalho, R.; *apud* Ferreti, C.; jan/mar-1993:87.

### CAPÍTULO 3: “O LADO JAPONÊS”

Se por um lado temos a crise econômica brasileira frustrando expectativas de mobilidade social da classe média, por outro temos a introdução de novas tecnologias no Japão e a modificação da estrutura do seu mercado-de-trabalho. Isto implicou em absorção de mão-de-obra migrante. O mercado-de-trabalho japonês apresenta uma estrutura dual. Parte de sua mão-de-obra está alocada em postos de trabalho estáveis, que oferecem possibilidades de melhores condições de vida e outra parte está empregada com salários muitas vezes 60% inferiores do que os outros, sem estabilidade e muito distante dos benefícios das novas tecnologias, tanto organizacionais, quanto técnicas. Há diferenças salariais consideráveis entre as grandes e pequenas empresas, desde 1965. Em 1984, os salários médios das pequenas empresas (menos de 100 trabalhadores) chegavam a 75% das empresas com mais de 500 trabalhadores. Estes dados não levam em conta a qualidade da mão-de-obra (qualificação, idade, sexo, etc), fator muito importante no Japão. Os diferenciais salariais podem reduzir-se bastante se estes fatores forem levados em conta. Há também grandes diferenças de jornada de trabalho e de ganhos por hora de trabalho entre empresas de tamanhos diferentes<sup>1</sup>. Há diferenças ainda de benefícios oferecidos para os funcionários entre pequenas e grandes empresas. Todas essas disparidades aumentaram após a crise do petróleo. Elas parecem estar relacionadas com a menor quantidade de capital entre as pequenas empresas e com o menor valor da força de trabalho, dado pela relação capital-trabalho. Há vários tipos de pequenas empresas, mas parte delas são subcontratadas. Empregam em sua maioria mulheres, ou trabalhadores *part time* e imigrantes, principalmente os brasileiros, por serem legalizados. “O âmbito de trabalho de imigrantes estrangeiros no Japão está restrito às pequenas empresas subcontratadas por grandes empresas. (...) Tais empresas constituem a 'periferia' da organização setorial da produção industrial (...). Os brasileiros, em sua maioria, estão como operários nas pequenas fábricas dos ramos automobilístico e eletroeletrônico.”<sup>2</sup>

Após a Segunda Guerra, a introdução da produção em massa no Japão, gerou necessidade de mão-de-obra, que somada a alguns fatores como o envelhecimento da população, a

---

<sup>1</sup> - Koshiro, K.; 1990:259-265.

<sup>2</sup> - Kawamura, L.; dez/1994:394, 396, 399.

tendência da mão-de-obra se dirigir para o setor terciário e o alto grau de escolaridade da mesma, fez com que os empresários procurassem mão-de-obra no exterior, entre asiáticos clandestinos e descendentes de japoneses. "Após o salto qualitativo de desenvolvimento (...), o Japão passou a enfrentar problemas ligados à produção com qualidade. Um dos principais foi a falta de mão-de-obra para determinados níveis (mais desqualificados) de trabalho. (...) As empresas menores, em sua maioria fornecedoras das grandes e médias empresas, passaram a enfrentar problemas de produção por falta de mão-de-obra, com o perigo de encerrarem suas atividades. Tais empresas passaram a recorrer ao trabalho de estrangeiros no país."<sup>1</sup>

A emergência das novas tecnologias coincide com os novos fluxos migratórios internacionais, que têm como característica específica o caráter temporário das migrações. Os imigrantes temporários mudam de lugar em busca de trabalho em países mais desenvolvidos, mas com intenção de voltar para o país de origem após terem atingido seus objetivos. As transações econômicas e diplomáticas que viabilizam esse tipo de migração já estabelecem sua temporalidade.

---

<sup>1</sup> - Kawamura, L.; dez/1994:392-393.

## CAPÍTULO 4: “METODOLOGIA”

No que diz respeito aos procedimentos técnicos da pesquisa, fez-se uso de entrevistas, de acordo com o método da história oral. A história oral é, para Queirós, “um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. (...) Na verdade tudo que se narra oralmente é história”<sup>1</sup>.

A entrevista é a principal técnica pela qual se realiza a História Oral. Ser entrevistado significa dar um depoimento a um interlocutor em um ou mais encontros. Para Alberti na entrevista é importante se seguir as seguintes recomendações:

- há necessidade de prévio conhecimento do objeto de estudo;
- deve-se elaborar roteiro de entrevistas;
- selecionar entrevistados;
- elaborar biografia dos entrevistados;
- fazer roteiro individual e uso de ficha de entrevistas e caderno de campo.

Do ponto de vista da relação estabelecida na entrevista deve-se levar em conta: as relações entrevistador/entrevistado; as circunstâncias em que ocorre a entrevista; o espaço e duração da entrevista; o gravador; a condução da entrevista e encerramento da entrevista. Ao se encerrar prossegue-se à transcrição<sup>2</sup>.

O roteiro de entrevistas deve ser elaborado levando-se em conta o objetivo da pesquisa. Ele serve para organizar metodicamente as entrevistas, para que possam ser comparadas entre si. É importante que já se conheça previamente alguma coisa a respeito do objeto para que se elabore o roteiro com base em dúvidas surgidas daí.

A seleção de entrevistados deve ser feita com base em critérios previamente estabelecidos, de acordo com as necessidades da pesquisa. Para se fazer um roteiro individual, aplicável a uma pessoa específica, deve-se elaborar biografia prévia do entrevistado. O caderno de campo e as fichas de entrevista são instrumentos que auxiliam nas informações que não constarem nas entrevistas.

---

<sup>1</sup> - Queirós, M<sup>a</sup> I.; 1988:14, 16.

<sup>2</sup> - Alberti, V.; 1990:45, 68.

Para Alberti “a relação estabelecida entre entrevistado e entrevistadores não se diferencia de modo genérico, das demais relações que mantemos com outras pessoas ao longo da vida”<sup>1</sup>. São estabelecidos padrões de conduta durante a entrevista que variam conforme a situação. O pesquisador precisa obter a confiança do entrevistado para que este último lhe dê as informações necessárias. É preciso que se estabeleça, durante a entrevista, um diálogo informal e que haja uma certa cumplicidade entre as partes.

Os aspectos tais como espaço e duração podem influir no andamento da pesquisa, como por exemplo, a impossibilidade do entrevistado prosseguir a entrevista num determinado dia. Cabe ao pesquisador resolver a situação da maneira mais adequada possível. O gravador é um instrumento que apesar de facilitar a entrevista, pode intimidar o entrevistado, pois não é só o entrevistador quem tomará conhecimento dela, mas vários pesquisadores. Isto influi na maneira como os relatos serão dados. Pode resultar em omissão ou superestima dos fatos. Esta dificuldade pode ser contornada dando-se pouca atenção ao gravador.

Há dois tipos de entrevistas: as diretivas e as não-diretivas. As primeiras são dirigidas pelo pesquisador, resultando num diálogo. Nas não-diretivas, o entrevistador não intervém. Opta-se por uma ou por outra conforme a conveniência da pesquisa, levando-se em conta o tipo de dados que se pretende obter.

Saber encerrar a pesquisa pode ser problemático. O entrevistado ao ser ouvido tem sempre muito mais a contar. Quando se esgotarem as informações, o pesquisador deve procurar a melhor maneira de encerrá-la sem causar problemas com o depoente.

É muito difícil se fazer um manual dos passos para se realizar uma entrevista. Cada uma constitui-se numa situação nova, na qual se estabelece uma relação entre entrevistador e entrevistado, o que acabará por condicionar sua forma e seu resultado.

Nesta pesquisa, fez-se um roteiro prévio que foi sendo continuamente repensado e modificado, conforme a dinâmica da pesquisa. Somente nas primeiras entrevistas o roteiro conduziu as perguntas. As perguntas abrangiam informações sobre a vida no Brasil. Eram solicitadas respostas a respeito da socialização, da educação, da vida familiar e do trabalho. Num segundo momento, perguntava-se sobre os motivos que os levaram a migrar e a vida no Japão. Procurava-se saber como a pessoa havia sido contratada e como era o trabalho que fazia. Por último, faziam-se perguntas sobre os motivos da volta, sobre a avaliação da experiência e sobre a situação atual. Após um maior contato com os entrevistados, as

---

<sup>1</sup> - Alberti, V.; 1990:69.

questões modificaram-se. Durante as entrevistas criou-se uma dinâmica entre os narradores e a pesquisadora, que permite um trânsito mais livre pelo questionário. Assim, as perguntas eram colocadas durante a fala do narrador, conforme os assuntos foram aparecendo. As entrevistas foram feitas de modo que abrangessem o maior número de informações possíveis. Mesmo assim, as falas dos entrevistados eram dirigidas, para que não houvesse um deslocamento do foco de interesses. Procurou-se estabelecer um “clima” informal durante os encontros. Deste modo, os depoentes não se sentiram intimidados ao relatar suas experiências.

A localização dos entrevistados não foi difícil. O contato com os primeiros se deu por meio de parentes e amigos da pesquisadora. A indicação de conhecidos foi fundamental para que aceitassem ceder o depoimento. Outras pessoas foram indicadas pelos próprios depoentes. A entrevista era marcada mediante a apresentação da entrevistadora, acompanhada de uma explicação a respeito dos objetivos da pesquisa. A todos foi garantido o anonimato do depoimento.

Cada entrevista é um momento particular. Por isso, é muito difícil fazer um manual de regras sobre “como entrevistar”. Algumas pessoas gostam de falar e contar coisas acerca da experiência vivida. Outras são mais retraídas e neste caso, é preciso muito mais empenho para conseguir informações. Quanto à veracidade dos relatos, a entrevistadora não pôde inferir julgamentos. A entrevista foi o material principal do trabalho, portanto, as informações foram tomadas como dados. O trabalho não se propôs a elaborar a análise dos discursos, mas utilizá-los como fonte de informações. Para saber se o que foi dito é verdadeiro ou não, seria necessária outra fonte de comparação com os relatos. Logicamente, por vezes, há informações contraditórias entre depoimentos. Por este motivo, o entrevistador deve ter em mente o seu problema e todas as informações obtidas anteriormente. Assim, ele poderá esclarecer todas as contradições.

Por vezes, os entrevistados queriam saber por que a pesquisadora se interessava pelo tema, não tendo ascendência japonesa. Uma vantagem de não pertencer à comunidade nipo-brasileira, foi a possibilidade de uma melhor percepção das informações. Muitos dados que poderiam parecer banais a um entrevistador *nikkei*, por serem culturalmente familiares a ele, não o eram para a pesquisadora. Por outro lado, alguém da comunidade poderia inspirar maior confiança. A identidade seria um fator de aproximação. Mas isso não foi um problema, já que todos os depoentes foram solícitos ao ceder os seus relatos.



## CAPÍTULO 5: “OS RESULTADOS”

O movimento dos *dekassegui* tomou proporções curiosas nesta primeira metade dos anos 90, como já foi dito. Em 1996, chegou a 170 mil brasileiros no Japão<sup>1</sup>. A história de cada um desses migrantes reflete realidades diferenciadas, que envolvem fatores como idade, escolaridade, profissão e a vivência rural ou urbana. O que no início da pesquisa parecia ser um simples reflexo da crise econômica pela qual estão passando os brasileiros mostrou, com a pesquisa, ser um fenômeno difícil de ser explicado de forma generalizada. Para entender a complexidade devem ser levadas em conta as histórias individuais e a realidade sócio-econômica de cada pessoa envolvida no processo. O grupo que aqui foi estudado revelou motivos que vão além dos econômicos. Entre eles estão a inserção na comunidade *nikkei* e o espírito aventureiro, que leva muitas pessoas a buscar uma experiência nova em suas vidas<sup>2</sup>. Foram entrevistadas ao todo 17 pessoas. Quinze com nível superior (completo ou não), de zona urbana. Dentre elas, Há 2 entrevistadas que não fizeram curso superior, porque foram entrevistadas juntamente com o marido e o namorado. Todos os *dekassegui* entrevistados eram descendentes de japoneses (não havendo casos de cônjuges não descendentes). A geração varia de *nissei* a *yonsei* e inclui mestiços.

Os entrevistados apresentam as características que se seguem. O esboço que ser apresentado estar entrelaçado à análise que ser feita mais adiante.

- Sexo: 9 mulheres e 8 homens.
- Estado Civil: 11 solteiros e 6 casados.
- Conhecimento da Língua Japonesa (antes de ir): 8 conheciam, 9 não falavam nada.
- Descendência japonesa: 9 *nisseis*, 3 *sanseis* ou *yonseis*, 5 mestiços.
- Tipo de Educação (avaliação do próprio entrevistado): 7 tiveram uma educação mais japonesa e 10 foram educados mais como brasileiros.

Se cruzarmos esses dados, teremos:

---

<sup>1</sup> - Revista Veja, 01-07/04/96, Ed. Abril, Ano 29.

<sup>2</sup> - É importante ressaltar, que esta pesquisa limita-se às conclusões as quais foi possível se chegar no limitado prazo imposto pelo mestrado, de apenas 27 meses (março/94 a julho/96). Dentro desse período, também foi obrigatório cursar os créditos necessários à conclusão do curso. Sendo assim, o que ser apresentado é resultado dos esforços feitos durante o período proposto para produzir um trabalho de qualidade. O material coletado permite outras análises, que demandam, entretanto, uma maior disponibilidade de tempo.

- Entre os 7 que consideraram ter tido uma educação mais japonesa, todos falavam pelo menos um pouco de japonês.
- Entre os 10 que consideraram ter sido educados mais como brasileiros, apenas 1 tinha conhecimento da língua japonesa.
- Entre os 5 mestiços, nenhum foi educado à maneira japonesa.
- Entre os 9 *nisseis*, 6 foram educados como japoneses e falavam japonês.
- Entre os 3 *sanseis* ou *yonseis*, 1 foi educada como brasileira, mas falava um pouco de japonês e 1 foi educado como japonês e falava o idioma.
- Entre as 9 mulheres, 3 foram educadas mais como japonesas.
- Entre os 8 homens, 4 foram educados mais como japoneses.
- Entre os 11 solteiros, 5 são mulheres e 6 foram educados como japoneses.
- Entre os 6 casados, 4 são mulheres e apenas 1 foi educada como japonesa<sup>1</sup>.

Pelos dados expostos acima, nota-se uma relação direta entre ser educado como japonês e falar a língua japonesa. O fato pode ser explicado porque os entrevistados que fizeram esta declaração conviviam mais com a comunidade nipo-brasileira, e participavam de escolas e associações dos conterrâneos. Nota-se também que os mestiços entrevistados não tinham muito contato com a cultura japonesa. Não falavam japonês e declararam ter sido educados como brasileiros. Apesar de ter uma maior quantidade de homens que foram educados mais como japonesas do que mulheres, não podemos generalizar esta conclusão. Não sabemos se há uma relação direta entre ser homem e ter sido educado como japonês, porque essa questão não apareceu na literatura sobre o assunto. Há a possibilidade disto ser uma mera coincidência, pois a quantidade de pessoas entrevistadas é muito pequena para uma conclusão desse tipo.

Pelo próprio caráter qualitativo da pesquisa, não se pretende aqui fazer análises quantitativas. Os dados que foram apresentados servem apenas para dar uma caracterização geral dos entrevistados, de modo que possamos tentar fazer associações entre as características do grupo e as variáveis que serão propostas para análise.

A indagação central da pesquisa era saber quais as expectativas e motivações que levavam o nikkei com escolaridade superior a ir trabalhar temporariamente no Japão. O recorte da escolaridade foi proposto, porque se supunha que fazer uma faculdade implicaria em perspectivas e esperanças de realização profissional no futuro e, conseqüentemente, de

---

<sup>1</sup> - Para um melhor detalhamento de cada entrevistado, consultar a "apresentação sumária dos entrevistados", no apêndice.

elevação no padrão de vida (incremento nas possibilidades de consumo e estabilização financeira). O grupo se diferencia de outros por sabermos que a quantidade de pessoas que chegam a fazer faculdade no Brasil é muito pequena<sup>1</sup>. A idéia que permeia esta questão é de que há fatores que podem gerar expectativas com relação ao Japão e também ao ato de migrar. Elas podem derivar de vários elementos, como a crise econômica, que frustraria as esperanças deste migrante escolarizado realizar seus objetivos no futuro, e também as representações e imagens que carregam do Japão. Sendo assim, as esperanças projetadas para o outro país podem se constituir num forte motivo para sair do Brasil.

A pesquisa que se apresenta não se constituiu dessa maneira desde o começo. Antes do exame de qualificação a explicação que norteava a análise dos dados era que a modificação do mercado-de-trabalho mundial era central na explicação do fenômeno *dekassegui*. O mercado estaria dividido entre países desenvolvidos, que necessitam de mão-de-obra desqualificada, e países pobres, que têm um excedente de desempregados<sup>2</sup>. O problema principal era a trajetória profissional dos *dekassegui*, ainda não definidos se de nível superior ou não. O resultado do exame de qualificação mostrou que a problemática do mercado-de-trabalho não era tão central para o caso, mas que deveria ser somada à outras variáveis. Assim, o problema adquiriu sua forma atual.

A princípio se supunha também, a respeito da literatura que havia até então sobre o assunto<sup>3</sup>, que ir trabalhar num país cuja cultura é muito diferente do país de origem, só se justificaria em casos de dificuldades financeiras<sup>4</sup>. Surgia então a dúvida sobre que motivos levariam tantas pessoas a sair de seu país para realizar trabalhos, cujas jornadas ultrapassam 12 horas diárias, em outro país. A primeira resposta que se imaginava encontrar, era que essas pessoas estivessem passando por dificuldades econômicas. Isto não necessariamente se mostrou verdadeiro. A partir da constatação de as dificuldades financeiras não eram o único motivo, configurou-se mais claramente o problema da pesquisa. O trabalho de campo mostrou que a situação é bem mais complexa do que se imagina. Qualquer processo migratório precisa ser entendido a partir de várias dimensões: as trajetórias pessoais, as

---

<sup>1</sup> - Alguns estudos indicam que os nipo-brasileiros têm grande participação nos estudos de nível superior no Brasil. Ver: Camacho, L., 1993.

<sup>2</sup> - Exame de qualificação realizado em 07.11.95.

<sup>3</sup> - Ver: Yoshioka, H., 1994 e Ninomiya, M., 1992.

<sup>4</sup> - Alguns amigos da pesquisadora que estavam no Japão relatavam, em cartas, que o trabalho era muito pesado e a cultura japonesa extremamente fechada, mas que tinha a vantagem de propiciar obtenção de uma poupança considerável em pouco tempo. Havia também as notícias veiculadas pelos meios de comunicação sobre o trabalho estafante no Japão.

relações entre os dois países (receptor e de origem), a situação financeira do migrante, a inserção deste numa determinada situação sócio-econômica (idade, escolaridade, situação profissional...) e, no caso dos *dekassegui*, sua identidade nipo-brasileira. Pressupõe-se que a vivência na comunidade *nikkei* interaja com o imaginário<sup>1</sup>, influenciando as motivações.

A análise que se segue será feita em três momentos que estão interligados:

- o da ida (tipo de formação antes de ir, as decisões que levaram a migrar, a idéia que faziam do Japão, o conhecimento da língua e as motivações);
- da permanência no Japão (o trabalho, a adaptação, o cotidiano);
- e da volta (a decisão de voltar e a avaliação do deslocamento).

---

<sup>1</sup>-Entendido aqui como as idéias ou representações, individuais ou coletivas, que são criadas em um grupo a respeito de algo, não tendo necessariamente relação com a realidade. Ver: Queirós, M<sup>a</sup> Isaura P., 1993.

## OS CONTEXTOS DA IDA

Entre os *dekassegui* entrevistados, oito estavam cursando a faculdade no momento da entrevista ou tinham interrompido o curso e sete tinham acabado. A maior parte dos entrevistados estava na área de exatas, era o caso de José<sup>1</sup> e Neuza, que eram engenheiros, de Elza e Haroldo, que cursavam engenharia civil na FEI, de Miguel, que era administrador de empresas e de Tomás, Luciano e Rodolfo, todos cursando tecnologia na FATEC. Alguns deles interromperam a faculdade para ir, como foi o caso de Rodolfo:

*"Posso ir para o Japão, faço um pé-de-meia, tranco a faculdade, depois volto termino a faculdade, espero que a crise esteja menos pior."*

Havia porém, a perspectiva de terminar o curso quando voltasse. Tomás também parou a faculdade para ir e foi para descansar um pouco da vida que levava:

*"Fui para descansar a cabeça, de certa forma por causa da faculdade"*

Luciano arrumou emprego a partir de seleção feita em sua faculdade e parou um tempo para ir para o Japão:

*"Eu estava fazendo FATEC e estava trabalhando."*

Elza achou melhor interromper a faculdade para ir, do que não ter oportunidade no futuro de viajar:

*"Pensei: 'não vou terminar a FATEC, se eu não fizer isso agora, eu não sei o que vai acontecer daqui a dois anos'".*

O fato de estarem fazendo um curso superior não pareceu ser impedimento de migrar, para esses entrevistados. Sempre havia a possibilidade de trancar o curso e retornar depois, como foi o caso de Elza:

---

<sup>1</sup>-Por motivo ético, todos os nomes utilizados aqui são fictícios.

*"... Tanto é que eu tranquei minha matrícula na faculdade, abandonei minha carreira só por causa disso."*

O caso de Elza reflete uma vontade de migrar que vai além das possibilidades dadas pela sua vida no Brasil. Abandonar a faculdade para migrar se conjugou a deixar a carreira em que trabalhava. Outros entrevistados também estavam fazendo estágio na sua área, como Elza, e saíram para ir para o Japão. Elza relata que:

*"Eu era desenhista projetista, numa firma de estruturas metálicas no Brasil."*

Luciano também abandonou o emprego na área em que estudava:

*"Eu não pretendia ir para lá para o Japão. Eu estava trabalhando na área e eu tinha curiosidade de saber como era lá."*

E ele foi contratado justamente por ter curso superior:

*"E a gente arrumou emprego assim: eu e esse meu amigo... Vem um pessoal do Japão para fazer entrevista, a gente... Eles só estavam pegando pessoal que tinha curso superior."*

Tomás fazia estágio antes de ir:

*"Um semestre antes de ir eu estava fazendo um estágio..."*

Para muitos desses, a faculdade representava um momento de indecisão e de falta de perspectivas de emprego após a formatura.

Foi o que aconteceu com Rodolfo, que ia se formar quando emigrou, mas não sabia se iria conseguir arrumar emprego:

*"Não via muita perspectiva, naquela época, de me formar e entrar no mercado-de-trabalho, na área que eu estava estudando, em mecânica, que aliás não melhorou até hoje, né? (...) Você também está cansado de estudar só, está esse pessimismo de desemprego, esse negócio: 'vamos lá, a gente faz um pé de meia, se diverte, descansa um pouco a cabeça'".*

A história de Nívea e Neide é parecida. Elas tinham acabado de se formar em turismo e achavam muito difícil ingressar na profissão. Decidiram ir para o Japão com mais duas amigas, para tentar juntar dinheiro para trabalhar nesta área, foi o que relatou Nívea:

*"Não só o salário (em turismo) é baixo, como eles têm muito preconceito. Então se você não tiver alguém já na área para te indicar, para te encaminhar é muito difícil."*

Segundo avaliou Nívea, se não tivessem ido para o Japão, estaria melhor do ponto de vista profissional:

*"Se a gente não tivesse ido para o Japão, né? É isso que a gente se pergunta bastante. Porque depois que você volta, você vê que esse tempo todo que passou lá, você não percebe quanto passou o tempo. Mas quando você volta, percebe que passou muito tempo. Então você percebe que se você tivesse ficado e investido na profissão, acho que seria muito melhor do que você estar voltando. (...) Profissionalmente são 3 anos que a gente perdeu. Para você voltar agora e procurar um emprego, batalhar em cima disso, ninguém te dá valor, porque fala assim: 'três anos perdidos, sem experiência nenhuma? Como é que você vai entrar agora na área?'"*

No que diz respeito aos entrevistados já formados, havia alguns que estava trabalhando na área em que estudaram, por exemplo, Nilza e Miguel. Mas também havia aqueles que trabalhavam fora da área, como foi o caso de Eva, de Isa e de José. Nívea e Neide estavam desempregadas. Os dois entrevistados que trabalhavam já na área em que estudavam, acharam que valia a pena abandonar suas carreiras para conhecer o Japão. O exemplo de Miguel, formado em administração de empresas, é bem ilustrativo:

*"Ah, sei lá ! Teve um dia que eu estava na Rodhia, eu trabalhava lá Há sete anos e aí cansava, olhava para o lado e achava que ia ficar igual alguns outros que estão Há 20 anos no mesmo lugar. (...) Nós já sabíamos que íamos ganhar menos e sabíamos que não ia ser fácil. (...) Nós falávamos na época que o nosso padrão de vida seria melhor aqui no Brasil, porque o preço da passagem também não compensa. Então é assim, você vai lá, trabalha um ano, conhece o país e volta..."*

E Neuza conta que trabalhava na área que estudou, mas queria muito conhecer o Japão:

*"Para mim foi buscar alguns objetivos que eu achava que só lá eu iria conseguir. (...) Porque faculdade eu me formei, trabalhava na área e tudo. (...) Engenharia*

*mecânica, trabalhava e tudo, porque o salário de mulher engenheira é baixo, o piso mínimo que eu recebia, mas na época, como não tinha emprego, me submetia a esse salário mesmo e trabalhava, mas como minha família era de lá, eu sentia que alguma coisa tinha que procurar."*

O descontentamento com o trabalho se mescla, no exemplo acima, com o interesse em conhecer o país dos antepassados. Com isso se vê que a questão do trabalho antes de ir está intimamente ligada a outros fatores, como a descendência japonesa, para explicar a migração. Também as pessoas que não estavam trabalhando na área em que se formaram associam fatores profissionais e pessoais, para justificar a viagem. Eva, que trabalhava como professora primária e era formada em educação artística, foi para o Japão porque o marido havia perdido o emprego, mas conta que a vontade de viajar era tão grande, que a adversidade financeira da família só contribuiu para realizar um sonho:

*"É, eu trabalhava em escola estadual, mas como meu marido tinha sido mandado embora do emprego... (...) Ai eu resolvi ir para lá, quer dizer, um dos motivos seria a situação financeira e o outro seria porque, é velha história de descendência japonesa, querer conhecer o país dos pais. (...) Você muitas vezes cede em um monte de coisas, você faz contra a sua vontade, mais para satisfazer alguém. Só que se ele (o marido) me permitisse ir sem ele estar desempregado, ele ia estar cedendo demais. Então isso pesou, por isso que eu consegui ir. Senão eu não ia ter conseguido."*

José era funcionário público antes de ir e até então não tinha arrumado emprego na área:

*"Eu era funcionário público. Eu sou formado tecnólogo, em construção civil, só que não consegui nada na minha área. Então eu resolvi fazer alguma coisa diferente mesmo, fui para lá para sentir como que era mesmo, para tentar alguma coisa".*

E Nívea se formou em turismo, mas não estava trabalhando quando foi para o Japão:



*"Porque a gente queria trabalhar na área de turismo. Por isso que nós fomos para lá. Eu falei: 'vou juntar dinheiro para abrir alguma coisa ligada ao turismo'".*

Também Ilda largou o emprego que tinha aqui para migrar:

*"Eu estava trabalhando num hospital, assistente de diretoria num hospital, quando apareceu aquela moda de dekassegui de ir para o Japão, conversa por intermédio de parentes, minha prima foi, resolvi ir. Demiti da empresa, fiquei no Japão e vim embora."*

Trabalho e escolaridade são fatores que se entrelaçam na explicação da migração para o grupo pesquisado. Nota-se que muitos deles migraram por não estarem trabalhando na área em que se formaram ou por não estarem contentes com as condições de trabalho de então. Com exceção de um caso, o de Miguel, que sabia que ia ganhar menos no Japão, todos os outros mostrados acima, relacionaram a viagem com sua condição profissional antes de ir. A falta de perspectivas de melhora de empregos e salários apareceu como um elemento importante na explicação da migração do grupo estudado. Portanto, no que diz respeito aos motivos que levaram os indivíduos do grupo estudado a migrar, Há vários determinantes, como por exemplo, a falta de perspectivas de trabalho no Brasil para aqueles que saíram da faculdade ou a frustração com empregos que não estavam relacionados com a área estudada. Apesar disso, há outros motivos que apareceram no decorrer da pesquisa, que devem ser considerados. Ir para o Japão, no caso estudado, significou buscar raízes e conhecer a cultura dos antepassados, para confirmar a idéia que a família passava sobre o país. Muitos queriam também aprimorar o conhecimento da língua japonesa ou sair da rotina e viver algo diferente na vida. Assim, apesar de não estar contente com o salário que recebia antes de ir, Neuza foi em busca da origem da família:

*"Então, mais pela perda do meu pai, talvez eu tenha ido buscar alguma coisa dele lá, achava que ia encontrar alguma coisa, só que eu não encontrei."*

Seu marido José, sempre teve vontade de conhecer o Japão, porque sua família falava muito sobre o país, o que resultou em alguma decepção com relação ao que realmente encontrou:

*"Meu pai sempre falava do Japão, (...) eu sempre tive vontade de ir. Assim que eu cheguei lá, foi um baque, totalmente diferente!"*

Eva contou que além das dificuldades financeiras provocadas pelo desemprego do marido, tinha muita vontade de conhecer a terra dos antepassados e aprender japonês:

*"(Escolhi) o Japão pela facilidade e pela minha descendência. Segundo, que tinha os meus irmãos que estavam lá, certo? Terceiro, que eu tinha que solucionar a situação financeira. Quarto, eu iria para lá conhecer o Japão mesmo e observar as coisas todas, porque eu não fui lá para ficar da firma para casa e de casa para a firma, eu fui observar um monte de coisas também. (...) ... Querer conhecer o país dos pais e outro coisa que eu queria, era aprender a falar japonês também, que eu não sabia. Eu fui criada com família brasileira."*

Luciano tinha vontade de conhecer o mundo e aprender japonês:

*"Além do motivo financeiro, tinha vontade de conhecer o mundo, aprender japonês"*

E os irmãos Alberto e Décio, que ainda estavam estudando, queriam conhecer o Japão e resolveram aproveitar a oportunidade:

*"Eu fui para conhecer. (...) Vou porque pode ser que eu não tenha outra oportunidade".*

A vontade de conhecer o Japão se confunde em muitos momentos com a vontade de juntar dinheiro, como foi o caso de Luciano, que também tinha motivos financeiros para ir:

*"Motivos financeiros em termos de estudos, eu queria estudar mais, tanto é que eu estou fazendo agora. Porque eu estava fazendo FATEC, eu estava trabalhando. Trabalhava, só que eu não conseguia levar a FATEC 100% e também não conseguia levar o serviço 100%, então era uma coisa que ficava dividida, eu queria ou só estudar ou só trabalhar, no caso. O motivo que eu fui para lá."*

Por outro lado, no grupo estudado, poucos são os casos, entre as pessoas entrevistadas, que declararam ter ido exclusivamente por dificuldades financeiras. Há o exemplo de Haroldo, que o pai precisava pagar dívidas e que não tinha conseguido entrar no vestibular numa escola pública. Também de Eva, que o marido estava desempregado, e Neide, que precisava guardar dinheiro:

*"Ah, para mim eu acho que foi, para a gente conseguir abrir alguma coisa no Brasil, ganhar lá e trazer para abrir alguma coisa." (Neide)*

*"Ele tinha uma fábrica de silk-screen aqui em São Paulo, aí ele fazia adesivos para grandes empresas, só que como meu tio estava como sócio, ele fez algumas besteiras, entramos em dívida, mas dívida pesada. Não teve outra, ele foi para o japão, pagamos a dívida e pagamos tudo." (Haroldo)*

Apesar disso, as dificuldades financeiras muitas vezes se entrelaçavam com outros fatores, como no caso de Eva, que queria conhecer a terra dos antepassados. Outros entrevistados declararam que foram juntar dinheiro para conquistar objetivos muito definidos, tais como comprar um carro ou uma casa ou abrir comércio:

*"Eu tinha uma coisa na cabeça: eu queria ter o meu carro. Mas era. Eu pensava isso, eu queria ter o meu carro e ter alguma coisa também." (Neide)*

O fato de não haver muitas pessoas com motivações ligadas à dificuldades financeiras, está relacionado às características intrínsecas do grupo pesquisado. Antes de ir a maioria eram solteiros, não tendo o encargo de uma família para sustentar, e moravam com os pais, contando com uma certa tranquilidade financeira em caso de desemprego, como Nívea:

*"Era um modo de eu dar uma virada na minha vida, sair dessa vida de ter proteção de pai, de mãe, achar que você também tem o seu espaço."*

Terem feito faculdade antes de viajar também é relevante, pois a maioria não havia ainda entrado no mercado-de-trabalho na sua área (10 dos entrevistados) e não tinham muitas

perspectivas de emprego, como já foi dito anteriormente. Ao mesmo tempo, pode-se pressupor que fazem parte de um grupo que tinha condições mínimas de manutenção de um determinado padrão de vida, que incluiria algum conforto infra-estrutural (casa, comida, saúde e educação):

*"Eu vou arriscar, agora é hora de eu me afirmar, eu vou para lá, vou mudar, porque eu preciso aprender mesmo!. Aqui eu nunca lavava louça, não lavava roupa, não precisava de nada". (Nivea)*

E esperanças de melhoria financeira no futuro:

*"Ai nós ficamos com aquele sonho de ir para o Japão, que ai a gente ia conseguir um dinheiro, ia montar alguma coisa, porque geralmente o salário para começar..." (Nivea)*

É importante ressaltar que, pelo menos entre essas pessoas, não foram necessidades financeiras mais imediatas (desemprego e pobreza) que induziram à emigração. Eram antes fatores como falta de perspectivas de obtenção de empregos na área em que estudavam, a vontade de obter determinados bens materiais, a curiosidade de conhecer outro país e a perspectiva de manter um determinado padrão de vida (ter carro, casa própria, dinheiro guardado...). Como foi visto acima, entre 17 entrevistados, apenas 3 apontaram as dificuldades financeiras como um motivo importante. Entre os 6 entrevistados que consideraram ter sido educados mais de acordo com os valores japoneses, apenas uma considerou como motivo principal da ida a vontade aprender melhor o japonês (pois já falava um pouco) e a cultura:

*"Mas o que eu queria mesmo era aprender a língua." (Isa)*

Dos outros 5, uma foi entrevistada antes de ir e só ia migrar para não se separar do namorado. Ela havia acabado de voltar do Japão (não como *dekassegui*) e estava trabalhando com a mãe:

*"Mesmo assim eu estou indo lá por causa do namorado, exatamente para não ficar longe dele, mas nada assim... Seria até invisível, porque eu estou trabalhando com minha mãe, está dando tudo certo, mas..." (Cátia)*

Haroldo foi para ajudar o pai a pagar dívidas e os outros três interromperam a faculdade para ir ou porque queriam juntar dinheiro para ficar só estudando:

*"Eu queria estudar mais (...), então eu queria só estudar ou trabalhar". (Luciano)*

E os outros dois porque queriam sair da rotina e não viam perspectivas de emprego para quando se formassem. É o exemplo de Rodolfo:

*"Eu estava cansado daquela vidinha (...) e eu não via muita perspectiva, naquela época, de me formar e entrar no mercado-de-trabalho".*

E para Tomás:

*"Fui para descansar a cabeça, (...) conhecer alguma coisa diferente."*

Esses relatos nos levam a pensar que o fato de terem sido educados mais como japoneses não é o aspecto fundamental nas motivação, mas, por outro lado, está intimamente ligado ao fator adaptação. A falta de perspectivas de emprego para pessoas que têm nível superior, mostrou-se aqui como um importante fator explicativo. Esta constatação coincide com a análise que Margolis<sup>1</sup> faz dos brasileiros nos EUA. Para a autora, a maior parte dos migrantes hoje são de classe média e se deparam com a queda dos padrões de vida e a falta de empregos nos países de origem. Assim, se vêem compelidos a buscar a manutenção de seu nível de vida em outros países. A pretensão do presente trabalho não é trabalhar com um recorte de classe social, mas se quisermos traçar um paralelo com a definição da autora, poderíamos argumentar que o grupo estudado não vem das camadas menos privilegiadas da população, visto que tiveram condições pelo menos de ter acesso ao ensino superior. No Brasil a quantidade de pessoas que chegam a fazer uma faculdade é muito pequena.

---

<sup>1</sup> -Margolis, M., 1993.

Também fica nítido pela descrição dos motivos que levaram essas pessoas a migrar. A crise econômica dos últimos anos foi fator de estímulo para o migrante, porque justificativas como necessidade de juntar dinheiro e falta de perspectivas de emprego foram constantes. Outro elemento motivador da migração são as transformações que vêm passando o mundo na esfera das comunicações e transportes, destacando-se o papel mídia, que no Brasil mostra os países de Primeiro Mundo como melhores que o Brasil, no sentido de proporcionarem maiores possibilidades de consumo e maior padrão de vida:

*"Como é um país de Primeiro Mundo, a gente imaginava encontrar alguma coisa diferente, mas as pessoas com quem a gente trabalhou, a chefia, parece que são pessoas iguais a gente, talvez até mais bitoladas do que a gente." (Neuza)*

Não se pode deixar de lado também, a necessidade estrutural do mercado-de-trabalho japonês por mão-de-obra desqualificada, que foi o grande elemento iniciador desse fluxo migratório. O que antes era restrito aos japoneses residentes fora do Japão (*isseis*) acabou se estendendo aos descendentes de diversas partes do mundo (até não-descendentes), até adquirir as dimensões atuais.

Ainda importante seria a amizade centenária Brasil-Japão, que facilitou os trâmites diplomáticos na obtenção de vistos. Além disso, há a mudança na Lei da Imigração Japonesa, em junho de 1990, que passou a permitir vistos de trabalho temporário aos descendentes de japoneses. Há também o papel das informações que, nos dias de hoje circulam com muito mais rapidez de um local do mundo para outro<sup>1</sup>. Elas permitem que uma gama imensa de notícias sobre outros países chegue rapidamente a diversas partes do mundo. Inevitavelmente estas informações interagem com as representações que as pessoas fazem a respeito dos outros países. No caso dos *dekassegui*, dependendo das notícias veiculadas, poderia se constituir em elemento impulsionador do fluxo migratório. Acresce-se a isso a facilidade de se viajar hoje para o exterior, resultante da revolução e barateamento nos meios de transporte. Hoje é mais fácil do que na época da migração dos japoneses para o Brasil, até a metade do século. Hoje se tornou muito mais presente no cotidiano de boa parte das pessoas a idéia de viajar para o exterior, as distâncias ficaram menores e a

---

<sup>1</sup> -Ortiz, 1994.

facilidade de obtenção de produtos importados significa um contato muito maior com outras partes do mundo:

*"Tinha vontade de viajar para o exterior e nunca pude, aqui não iria conseguir."*

*(Elza)*

Além disso, há ainda as redes de informações<sup>1</sup> que constituem elemento deveras importante na explicação dos fluxos de migrantes nos dias de hoje. Elas garantem a manutenção e continuidade de importantes correntes migratórias. Todos esses elementos são importantes na formação de expectativas como as que foram vistas mais acima, que se traduzem por esperanças de juntar dinheiro, de conhecer outro país, de viver alguma coisa diferente ou de aprender outra língua.

No caso do movimento de *dekassegui*, as redes são formadas por jornais destinados aos brasileiros no Japão, como o *Brazilian News*, por centros de apoio ao trabalhador, como o CIATE (Centro de Apoio ao Trabalhador Nipo-Brasileiro), situado na Rua São Joaquim, em São Paulo e com filial no Japão e pela próprias empreiteiras que contratam empregados. Também por folhetos publicados por associações de províncias no Brasil, que falam sobre a vida no Japão<sup>2</sup> e por informações obtidas com parentes, amigos que foram ou estão no Japão e meios de comunicação, que divulgam notícias sobre os *dekassegui*.

A atração exercida pelo Japão, por outro lado, se explicaria pela sua forte presença no imaginário dessas pessoas, formado, entre outras coisas, pelo convívio com a comunidade nipo-brasileira (através de escolas, associações e aprendizado da língua) e também com a transmissão dos valores e informações sobre o país e a cultura japonesa, muitas vezes como sendo melhor do que o Brasil.

Do ponto de vista do imaginário e representações presentes no grupo, procurou-se entender alguns aspectos:

- o convívio com a comunidade *nikkei* durante o decorrer da vida,
- o conhecimento da língua japonesa

---

<sup>1</sup>-Além da definição apresentada por Tilly, C.; C.; Há também a seguinte: "múltiplas redes que se estendem com centro em cada indivíduo até outros emigrados (...) de outras etnias ou do país receptor, sem que ao conjunto dessas redes se possa dar uma fronteira comum ou comunitária" Monteiro, 1987, apud, Monteiro, Paulo F., 1994.

<sup>2</sup>- Conferir Anexo I.

- e a influência das redes (empreiteiras, folhetos de informações sobre a vida no Japão destinados a *dekassegui*, jornais para *dekassegui*, centros de apoio ao trabalhador, informações passadas por amigos ou familiares)<sup>1</sup>.

Entre os depoentes, apenas quatro tiveram pouco contato com a comunidade nipo-brasileira. Os outros tiveram contato durante suas vidas pelo menos por um período, seja através de associações ou ainda por falarem a língua japonesa, seja através de relatos familiares ou ainda pela via educacional, que continha valores e costumes nipônicos (destacando-se a alimentação e a rigidez dos hábitos). Este número é significativo, porque a maior parte dessas pessoas já tinha informações sobre o Japão antes de ir, que vinha pela via cultural, como é o caso de Neuza:

*"Já sou quarta geração, mas mesmo assim sentia que tinha alguma coisa. Para mim foi mais motivo pessoal mesmo, não motivo financeiro. Então mais pela perda do meu pai, talvez eu tenha ido buscar alguma coisa dele lá, achava que ia encontrar alguma coisa, só que eu não encontrei."*

Neuza já imaginava que os *nisseis* não eram bem tratados no Japão, pois:

*"Não achava, porque já ouvia falar que os japoneses em si tratavam melhor os estrangeiros do que os próprios nisseis que iam para lá, porque se você tem rosto de japonês e chega lá e você fala que não sabe ler isso, não sabe ler aquilo, você pede informação e eles falam: 'você não sabe ler? Está escrito.' Agora, se você é estrangeiro eles te tratam muito bem, mas os nisseis, brasileiro que tem cara de japonês eles não tratam muito bem."*

E tinha uma idéia dos japoneses diferente do que realmente encontrou:

*"A gente ouve falar do japonês, que lê jornal no metrô, que lê direto, pensa que o pessoal é bem informado, mas parece que não é bem assim, nessa parte eu me decepcionei bastante, porque eu pensei que eu ia encontrar um povo diferente um povo bem mais... Aquela coisa diferente mesmo."*

---

<sup>1</sup>-Tylli, C., 1990.



E para José, seu marido, também foi passada pela família uma idéia do Japão :

*"Mas meu pai falava do Japão, sempre tinha vontade de conhecer e a gente assistia a filmes também, ouvia música apesar de não entender nada, eu sempre tive vontade de ir. Ai surgiu a oportunidade de ir por acaso. (...) Um Japão maravilhoso, ele contava uma história que a minha avó falava pra ele, que dava vontade de você chegar e partir, conhecer um mundo novo, conhecer um país assim, mas quando você chega lá, você vê que não é a mesma coisa. O país evoluiu, é um país limpo, bonito, bom para você viajar, mas para morar, para quem está acostumado aqui no Brasil, não fica lá."*

Luciano aprendeu japonês desde os 10 anos e acha que teve uma educação mais japonesa do que brasileira:

*"Desde quantos anos? Acho que desde os 10 anos eu já estudava japonês e não porque eles impuseram, eu queria ir por... Assim, porque eu gostava mesmo. Meu pensamento era estudar o japonês e, futuramente, ir para o Japão arrumar emprego. (...) (Fui educado mais) como japonês, cultura, né? Praticamente minha infância foi na colônia, a maioria dos meus amigos são todos descendentes de japoneses, quase não tem muitos brasileiros que não são descendentes."*

Em consequência disso, fazia uma idéia a respeito do Japão que era melhor do que realmente encontrou:

*"Eu tinha uma idéia melhor de lá, achava que o nível social do pessoal fosse mais alto. Tá certo que tem coisa que eu me espantei, tipo pontualidade (...), só que em termos intelectuais eu achei que faltou alguma coisa. Eu achei que, pelo japonês ser meio bitolado, falta aquela criatividade..."*

Tomás também acha que teve uma educação mais japonesa, porque:

*"(Tive uma educação mais) japonesa, o sistema, né? Não tinha muita liberdade, os horários eram rígidos, o cumprimento, os métodos de estudar, também é rígido. Como eu posso te dizer? Meu pai realmente puxava mais o meu irmão que era mais velho, não a mim, então eu ficava na moita."*

E também estudou em escola japonesa:

*"O primário todo eu fiz em escola brasileira, mas eu tive algumas aulas em escola japonesa. Particular, meus pais e de alguns amigos contrataram uma professora particular e ensinaram um pouco para a gente. Depois que a gente mudou para uma outra cidade, aí meu pai mesmo ensinava."*

Tomás não fazia idéia de como seria tratado no Japão, considerando-se sua descendência nipônica:

*"Eu não esperava nada. (...) Não tive medo, porque eu nem sabia o que comentar, o que eu vi, o que eles comentavam em relação aos brasileiros, os descendentes de japoneses que foram para lá, daqui para lá. Aí a gente ouvia alguma coisa e tal."*

Rodolfo estudou em escola japonesa e falava um pouco de japonês. A idéia que fazia do Japão antes foi muito influenciada pela redes:

*"Antes eu tive esse tipo de pensamento, porque eu me baseei em experiências de parentes, amigos, etc... Fiz uma aventura sem querer, acho que uma coisa de instinto, porque você vai perguntando e imaginando isso na sua cabeça, eles chegam: 'foi assim, foi assado'. Perguntava das experiências anteriores e foi me baseando nisso que eu achei que era possível minha ida para lá."*

E achava que sendo *nissei*, seria mais fácil viver lá:

*"Achava que ia facilitar, porque ser nissei é um dos requisitos mínimos necessários para ir lá, legalmente falando, tanto é que o meu primeiro visto foi de*

*3 anos. (...) Lógico que eu sabia que ia sofrer um pouco de discriminação, porque o japonês é racista e eu conheço a racinha."*

Haroldo é mais um caso que foi educado de maneira japonesa:

*"(Fui criado) mais como japonês no modo de pensar."*

Ele achava antes de ir que:

*"O fato de ser descendente ia facilitar em relação aos gaijin, isso eu tinha certeza, que viria na frente, mas..."*

JÁ Elza nunca estudou em escola japonesa:

*"Nunca, nunca tive contato com a colônia, nunca."*

Mas seu pai falava japonês com os filhos em casa:

*"Meu pai falava meio arrastado junto com o português com o japonês, mas eu só respondia em português com ele. Ele que aprendeu o português, não a gente o japonês."*

Sua educação foi mais brasileira, mas aprendeu elementos da cultura japonesa:

*"Eu acho que o meu pai carregou muita coisa assim dos... Do Japão, muita coisa ele carregou, mas ele voltou muito a nossa educação para os problemas do Brasil, acho que ele não puxou muito para o Japão. A gente tem os conceitos, os conceitos japoneses foram bastante, mas ele não puxou muito não. A nossa educação foi mais a 'la brasileira'."*

A idéia que fazia do Japão foi muito influenciada pelas redes de informações:

*"É que eu tinha o meu irmão que estava lá, ele estava legal, sabe? Era novidade estava ganhando bem e tudo, eu não estava com medo. (...) Eu sei disso por um cunhado meu, ele fala japonês, ele é japonês e morava aqui Há um tempão, ele foi*

*lá por um período para trabalhar e ele contava isso, ele disse: 'jovem é um problema, jovem não sabe respeitar brasileiro.'"*

Elza também foi buscar suas raízes, através dos familiares que moravam lá:

*"Queria conhecer, queria conhecer a cidade onde meu pai nasceu, queria conhecer o irmão do meu pai, conheci os irmãos do meu pai, fui muito bem tratada, isso foi outra realização minha, o fato de eu ter ido para o Japão, porque meu pai morreu faz 7 anos, mais ou menos. Ele era o único que falava japonês na minha casa com os irmãos dele: 'se ele morrer, pronto! Vai acabar.' Porque ninguém tinha contato. (...) Se não fosse por essa oportunidade da gente ir para lá, a gente ia perder todo o vínculo. Tem um irmão do meu pai lá, chorou tanto quando eu falei que vinha embora! É um negócio sério, porque ele chorou porque sabe que a gente nunca mais vai se ver..."*

Isa falava português e japonês em casa quando criança e estudou em escola japonesa de associação:

*"Ia numa escola de associação e um grupo de japoneses pegam um professor e..."*

Ela não esperava muito do Japão e acabou por se decepcionar um pouco:

*"Eu não esperava nada, eu teria que me adaptar ao Japão, não o Japão a mim, então eu não imaginava como que era a maneira de ser, tinha que aprender, então eu estava sujeita a qualquer coisa. Eu imaginava o Japão completamente diferente, meus pais falam do Japão do início do século XX, é totalmente diferente, eu me decepcionei um pouco, mas na verdade, mas eu imaginei um pouquinho, você tem a imagem de Tóquio, você está conhecendo a outra parte."*

Miguel foi criado de acordo com os padrões brasileiros, mas estudou quando pequeno em escola japonesa. Sua avó fazia questão que os netos aprendessem os costumes japoneses, mas não foi o que aconteceu:

*"Eles também eram mais para o lado brasileiro do que para o japonês, minha avó fazia questão, agora não dá para fazer questão, porque do nosso lado ninguém estava nem aí."*

Com Yvana, sua esposa, aconteceu diferente. Seu pai casou-se com uma *gaijin* e foi excluído da família:

*"Ah, em casa é mais brasileiro mesmo. É porque minha mãe é brasileira, depois a convivência com os meus primos foi cortada, meu pai casou com brasileira, meu pai foi cortado da família, porque minha avó não gostava da minha mãe, não queria que a gente fosse visitar, essas coisas. A gente puxou mais para o outro lado mesmo."*

Mas Yvana chegou a estudar em escola japonesa quando criança e participou de uma associação, na qual se sentia discriminada por ser mestiça:

*"E quando eu fui uma vez na associação, eu ia com a minha amiga, a mãe dela ia lá discutir umas festas, eles davam papelzinho para todo mundo, eu era mestiça, apesar que a cara as vezes engana, mas eles davam para todo mundo, menos para mim."*

Mas o casal, Miguel e Yvana, foi motivado a migrar mais pela vontade de mudar de vida do que pela busca de suas raízes. Um dos fatores explicativos na formação de expectativas nesse caso, seriam as redes de informações, porque eles foram através do pai de Yvana, que mandava *dekassegui* para o Japão. Por outro lado, há pessoas (ao todo 3) que, apesar de descendentes, não tinham muito contato com a comunidade *nikkei*, geralmente mestiços. Sua ida foi motivada antes por causalidades e facilidades que apareceram por acaso, do que pela influência do convívio com outros descendentes. Não estavam, portanto, em busca da terra dos antepassados. Os irmãos Décio e Alberto e a namorada do segundo, Alda, são todos mestiços e não estudaram em escola japonesa e nem falavam japonês antes de ir. Alda não tinha idéia de como era o Japão, pois faltavam informações a esse respeito:

*"Primeiro pensava que era um país longe, não tinha idéia mesmo de como era lá, assim como eles não têm idéia de como é aqui. Apesar que nós fomos em 3, enchemos as malas de comida, de enlatados, a gente pensava que no Japão não tivesse nada disso."*

Mas já tinha ouvido falar na TV que:

*"Eu lembro uma vez, Há muitos anos atrás, eu vi, não sei se foi no Globo Repórter ou no Fantástico, eu vi uma reportagem sobre o Japão, que mostrava um telão enorme, eu falava assim: 'quem sabe um dia?' Mas aquelas imaginações bestas: 'quem sabe um dia eu vou lá? Se eu for lá eu quero ver esse telão, quero ir até lá.' passava pela minha cabeça assim, mas eu não falava: 'eu vou'."*

Além disso, tinha parentes que estavam trabalhando lá e que mandavam notícias de que lá estava bom:

*"No começo teve o pai de uma prima minha, por consideração, ele foi na época de 88, depois ficou 1 ou 2 anos lá, voltou, falou que lá estava bom para juntar dinheiro, depois voltou de novo, depois foi a família dele. A gente tinha idéia de que era bom, sabia que tinha que trabalhar bastante, você trabalhava bastante, não de se matar, mas você tinha retorno."*

Já Décio apenas fazia idéia do que seria o trabalho:

*"Não, eu não imaginava. Eu tinha 16 anos, eles falaram que com 16 anos recebia muito pouco, não fazia hora-extra. Então eu estava bem tranquilo, achando que o serviço ia ser bem leve, na verdade não foi."*

Pode-se dizer que para o grupo pesquisado, um dos principais elementos explicativos para o fluxo migratório seria o contato com a comunidade *nikkei*. Se cruzarmos os dados expostos acima com os dados anteriormente apresentados sobre as motivações desses *dekassegui*, poderemos perceber que há um forte elemento cultural que justificaria o ato de migrar, pois boa parte do grupo foi conhecer a terra e aprender a língua dos antepassados. Este interesse

pela cultura dos pais e avós tem origem no convívio marcado com a comunidade nipo-brasileira, seja através da família, das associações, da escola ou com amigos.

Outro fator que se mostrou importante foram as redes de informações. Muitos deles formaram sua opinião a respeito do Japão através da TV, de amigos e parentes que foram, de associações de agências de turismo (empreiteiras) e jornais especializados em assuntos nipo-brasileiros.

Percebe-se enfim, que há uma estreita relação entre convívio com a comunidade *nikkei* e motivos que levaram a migrar. As expectativas com relação ao Japão que resultam em motivos, são influenciadas pelas representações que cada *dekassegui* cria ao longo de sua história de vida, cada um com sua particularidade, mas com muitos elementos em comum. Não se deve esquecer que há a facilidade burocrática para que descendentes de japoneses trabalhem no Japão, porque somente para descendentes de japoneses são concedidos os vistos de trabalho temporário no Japão. O conhecimento da língua seria um outro elemento gerador de expectativas, tendo em vista que saber o idioma local pode significar facilidades no cotidiano em outro país.

É curioso observar que a maior parte dos entrevistados (ao todo 10) migraram sem saber japonês ou falando quase nada. A língua foi considerada para alguns como elemento importante na adaptação e colocação profissional no Japão:

*"É primordial você se comunicar na língua deles, se você não conversa, se ele pergunta uma coisa, ele vai se irritar se você responder o mínimo básico necessário para vocês se entenderem, porque ele vai falar: 'eu não vou querer um cara desse que não entende o japonês, como é que eu vou pedir para ele apertar um simples botão? Ele não entende nem isso.' (...) Ai eles ficavam com empregos bem inferiores ao nosso." (Rodolfo)*

*"Se eu não falasse ia ser muito diferente, porque só pelo fato da cultura ser diferente, os gestos, você não tem como se explicar. Fica um mal entendimento do chefe e do funcionário. Como eu já sabia falar, eu já não tive esse problema, agora, tem um primo meu que voltou lá para o Japão, ele teve esse problema." (Haroldo)*

Por outro lado, Há alguns *dekassegui* cuja opinião é que o conhecimento ou não do idioma não facilitaria na obtenção de empregos melhores, como Elza:

*"Profissionalmente, em matéria de trabalho não (é importante falar japonês). Acho que seria legal em matéria de descoberta na época e tudo mais, mas não profissionalmente."*

O aprendizado do idioma também é influenciado pela vivência com a comunidade nipônica no decorrer da vida ou pela passagem por uma escola japonesa. Assim, Isa, que considera ter tido uma educação mais japonesa que brasileira:

*"Fiz (a escola japonesa) até 10 anos e dos 10 anos em diante eu fiz em outra escola".*

Alguns aprimoraram seu conhecimento, como Rodolfo, que fez escola japonesa no Brasil e aprendeu um pouco de japonês em casa, mas hoje acha que fala bem mais por causa da viagem:

*"Hoje eu falo bem mais, aprendi muito lá."*

Outro fato importante a ser considerado aqui é a forma de contratação e as providências tomadas para ir trabalhar no Japão. Segundo Yoshioka<sup>1</sup>, há quatro formas de contratação:

- a contratação direta,
- através de parentes e amigos que estão no Japão,
- contratação através de recrutamento feito por representante da empresa no Brasil,
- a contratação no Japão direto com a empresa e a contratação por empreiteira.

Segundo o autor, a última forma é a mais problemática, pois além de ganhar comissão sobre os salários dos empregados, a empreiteira sonega a previdência e muitas vezes age de forma desonesta com os brasileiros. A empreiteira age de forma paternalista, fornecendo toda a infra-estrutura básica necessária para viver no Japão. Por outro lado, consegue controlar o cotidiano dos seus funcionários. A empreiteira funciona como intermediária de mão-de-

---

<sup>1</sup>-Yoshioka, H.; 1994:108.



obra, sublocando trabalho, que, segundo Yoshioka, é procedimento ilegal no Japão<sup>1</sup>. Entre os entrevistados, 8 foram contratados por empreiteira, dos quais 2 mudaram para contratação direta após um período. As outras 6 pessoas foram empregadas diretamente pela empresa. Os entrevistados contratados por empreiteira não se viram prejudicados por essa forma de contratação. Nenhum deles teve problemas sérios com a empreiteira, na verdade alguns até desenvolveram uma relação paternalista com elas. Ao mesmo tempo que elas tinham a desvantagem de reter parte dos salários, deram suporte para aqueles que não falavam japonês e também para os outros, porque forneceram toda a infra-estrutura necessária para o dia-a-dia do trabalhador, com casa, seguro-saúde, móveis e mediação das relações entre trabalhador e empresa.

Décio e Alberto tiveram alguns problemas de atraso no pagamento e contas incorretas a respeito dos salários, feitas pela empreiteira.

*"A gente tinha algumas dívidas com os descontos que vinham, não vinham iguais, ou hora-extra que pagavam menos. Porque eles não eram muito honestos para pagar, tinha que pagar 15, eles pagavam 12..." (Alberto)*

Para Rodolfo, havia empreiteiras que causavam problemas, mas não foi o caso da que o contratou:

*"Existe esse problema sim. Não comigo, mas muita coisa aconteceu. Por exemplo, lá no Japão é estranho, se você se comporta direitinho, se é um bom trabalhador, não tem como eles pisarem na bola, né? Mas tem empresa que dá o calote sim, é muito relativo. Tem empreiteiras que são boas e tem umas que não são boas, mas eu conheci casos que não pagavam, mas essas empreiteiras que não eram boas, elas tinha vida curta."*

A empreiteira em que Isa trabalhava chegou a reter seu passaporte, mas devolveu logo:

---

<sup>1</sup>-Yoshioka, H.; 1994:110-112.

*"Ele falou que ia mudar o nosso visto de turista. A maioria tinha medo de rejeição, eles iriam renovar o visto. eu fiquei meio assim, eu não fui pegar o meu passaporte. Ou você entrega ou você vai embora. Você não tem muita opção."*

Ela retirou o passaporte numa segunda fábrica, para a qual foi transferida. Rodolfo achava que tinha vantagens de ser contratado pela empreiteira:

*"Porque no começo, como eu fui sozinho, eu e meu amigo, a gente não tinha muita experiência de vivência no exterior, então de certa forma... Porque tem muita gente que não tem essa experiência, se sente inseguro, porque não conhece realmente lá. Sem ninguém, se você não tiver ninguém para te indicar, seria a opção correta (a empreiteira)."*

De certa forma, a existência das empreiteiras e as facilidades para ir para o Japão já com emprego definido, para a maior parte dos entrevistados foi elemento facilitador e motivador do processo migratório.

Aqueles que não foram contratados por essa via, entraram em contato com a empresa através de alguns parentes, como Neide, Miguel e Yvana, ou foram contratados por representantes da empresa no Brasil, como Luciano, Tomás e Cátia. Algumas pessoas voltaram para o Japão depois de um período no Brasil ou mudaram de emprego lá. Nestes casos, como já tinham contatos estabelecidos, preferiram a contratação direta no Japão.

Entre os fatores que influenciaram as decisões de migrar, como vimos, estão principalmente as expectativas geradas por representações a respeito do Japão, que foram influenciadas pelo tipo educação recebida no Brasil, pelas redes de informações e pelo convívio com a comunidade nipo-brasileira. Além das expectativas, fatores como dificuldades financeiras, falta de perspectivas profissionais e de vida no Brasil, vontade de aprender a língua japonesa e de conhecer a terra dos antepassados, bem como a vontade de fazer algo diferente, foram identificados como explicativos para a migração entre as pessoas pesquisadas.

## O PERÍODO DE PERMANÊNCIA NO JAPÃO

Uma das características principais das migrações internacionais em busca de trabalho, é que geralmente os migrantes vão preencher os postos do setor secundário do mercado-de-trabalho, que cujas características são as atividades braçais e a falta de estabilidade no emprego<sup>1</sup>. O caso do Japão não é diferente. O mercado-de-trabalho do país apresenta uma estrutura dual. Parte de sua mão de obra está alocada em postos de trabalho estáveis, que oferecem possibilidades de melhores condições de vida. Outra parte está empregada com salários muitas vezes 60% inferiores do que os outros sem estabilidade e muito distante dos benefícios trazidos pelas novas tecnologias<sup>2</sup>.

Há vários tipos de pequenas empresas, mas parte delas são subcontratadas. Empregam em sua maioria mulheres ou trabalhadores *part time* e os imigrantes, principalmente brasileiros<sup>3</sup>.

O grupo que foi pesquisado, não fugiu a esta característica. Todas as pessoas realizaram trabalhos braçais, que variavam desde trabalhos em esteira de produção, até o trabalho em campo de golf. Luciano teve uma função um pouco diferente. Foi contratado para coordenar um grupo de *dekassegui* numa fábrica, que não falava japonês. Mas depois se mudou para um emprego em linha de produção na Sony. Os trabalhos realizados pelos entrevistados, quando contratados por empreiteiras, não tinham os benefícios da previdência, sendo que se pagava apenas um seguro-saúde para resolver uma eventualidade. Miguel e Yvana, que trabalhavam na esteira de produção de uma indústria de autopeças, achavam que não valia a pena o estrangeiro pagar previdência no Japão:

*"Os estrangeiros não tinham esse encargo. Agora, a partir do ano passado o governo japonês assegurou que todo mundo tem que pagar. O que é uma sacanagem, porque você não vai ficar, mas você tem que contribuir, é um meio também de bloquear a entrada de pessoas, porque o custo para você fica mais alto de permanecer no Japão, você recebe menos dinheiro. Nós pagávamos imposto de renda como qualquer japonês, depois tinha um dia de acerto que nem no Brasil, recebe de volta e tudo no salário e como eles preenchem tudo para nós, eles*

---

<sup>1</sup>-Portes, A., 1981:279-280.

<sup>2</sup>-Koshiro, K., 1990:259-265.

<sup>3</sup>-Kawamura, L., dez/1994:394-399, Kawamura, L., dezembro/1994.

*jogavam uma salário a mais ou a menos e tudo bem. (...) No caso da previdência é obrigado a dizer que você não quer se aposentar, já o imposto de renda não, você é obrigado a pagar e acabou."*

Isa não pagou previdência da primeira vez que foi, por empreiteira, mas na segunda contratação, por via direta, pagou previdência, seguro e dois impostos:

*"Pagávamos previdência, pagávamos até imposto, porque quando você tem que sair do país, você também tem que declarar o que você pagou."*

Para saber a opinião dos entrevistados sobre o tipo de trabalho realizados no Japão, era perguntado se realizariam a mesma atividade no Brasil. Tomás faria o mesmo trabalho no Brasil se o salário fosse bom:

*"Dependendo de quanto eles pagassem. Porque para mim, estando aqui no Brasil pegaria esse lado, porque no Japão pagariam bem e aqui no Brasil eu já não saberia quanto que eles iriam pagar, mas se pagassem bem eu pegaria e trabalharia, se tivesse necessidade sim, como fatalmente não precisa, eu acho que eu não pegaria."*

Tomás trabalhava num empresa de telefonia:

*"(Era empresa) de empreendimentos telefônicos, mais manutenção telefônica. E a minha área especificamente foi de manutenção telefônica de fiação doméstica, então seria a parte de fiação doméstica, 95% era esse serviço."*

Décio foi outro entrevistado que declarou que faria o mesmo trabalho no Brasil. Ele trabalhou na Fuji, com prensa e lixadeira e explicou que:

*"Se fosse um tempo curto (eu trabalharia). Eu não sinto tanta diferença aqui no Brasil e no Japão, acho que é até mais fácil fazer aqui, que aqui a gente entende. Lá não, lá a gente fazia sem saber o que que era, a gente fazia uma peça sem*

*entender. Porque é melhor você montar uma peça sabendo que ela é um ar condicionado, entendeu?"*

Mas outros entrevistados não pensam assim. Luciano, que chefiou um grupo *dekassegui* numa fábrica de sanduíches e no processo de produção da Sony, não faria o mesmo trabalho no Brasil, porque não era na área em que tinha estudado:

*"Se fosse pelo mesmo serviço eu acho que não. Porque não ficaria bem dentro da área que eu pretendia. É lógico que esse tipo de serviço que você encontra aqui não é o mesmo tipo de serviço que você iria encontrar lá, mesmo sendo o melhor serviço que você encontra lá. Talvez o serviço que você encontra aqui é sempre melhor do que lá. E acho muito difícil você arrumar um emprego melhor lá do que aqui. Então, pelo serviço que eu fiz, eu não me sujeitaria talvez a fazer o mesmo serviço de novo."*

Haroldo, que trabalhava numa fábrica de microtratores no Japão, não gostaria de fazer de jeito nenhum aqui, o trabalho que realizou no Japão:

*"Eu sei que não existe esse trabalho aqui, mas de jeito nenhum. (...) É que esse serviço não é para mim, não que não seja para mim, é que eu não estava me sentindo bem lá. Tem gente que se sente bem trabalhando lá. Tira o dinheiro dele, vai passear, vai lá, fica numa boa. Só que eu estando lá, eu não estou numa boa, porque eu quero fazer outra coisa, eu não quero fazer aquilo."*

Nívea e Neide, que trabalharam numa empresa de fabricação de drives de computador, também não fariam o mesmo trabalho no Brasil, porque:

*"Aqui? Por causa da sua cultura. Mesmo que eu vá trabalhar como operária numa fábrica, eu acho que quando eu fosse passar por um processo de seleção, o cara vendo o meu currículo: 'universitária', eu acho que até nisso eles iam me barrar. eles iam falar assim: 'o que uma pessoa que tem nível universitário está fazendo numa fábrica?' Lá não. Lá não é considerado um serviço de 'peão', como um operária. Aqui já não. Aqui, você estudou aqui, é seu país e mesmo as pessoas*

*não iriam aceitar. Nossa família não iria aceitar, os seus amigos, essas coisas todas." (Nivea)*

Amarrado a essa questão do tipo de trabalho realizado, investigou-se se os entrevistados se sentiram discriminados lá e por que. O fator discriminação quase não apareceu associado ao tipo de trabalho e a questão étnica. Neste aspecto há pontos em comum em quase todas as entrevistas. Há entrevistados que já migraram esperando discriminação e outros que nem imaginavam que poderiam sofrer alguma. A palavra "discriminação" para eles está diretamente associada a não serem aceitos em certos locais. Foi muito freqüente que contassem a mesma história sobre lojas que anunciam em alto-falante quando entrava um brasileiro, para que não houvesse furto. Mais curioso ainda, é o consenso ao apresentar a explicação para o ocorrido. Todos acham que isto acontece porque outros brasileiros descuidados comprometeram anteriormente a imagem dos demais. Interessante que a responsabilidade é sempre de um outro grupo de brasileiros e não das pessoas com as quais o entrevistado convive. Para eles, a justificativa é antes por culpa de outros brasileiros, do que pelo japonês ser preconceituoso com outras etnias ou mesmo com os terceiro-mundistas. Neuzá, por exemplo, já imaginava que sofreria algum tipo de discriminação lá:

*"Já imaginava, já fui preparada assim. Mas eu particularmente não tive discriminação, ouvi casos, mas eu não tive. Talvez porque eu conseguisse falar, cativasse as pessoas falando, porque eles são fáceis de ser cativados, mas uma amizade duradoura é difícil ter."*

Cátia sabia que o brasileiro seria tratado de maneira diferente quando foi ao Japão estudar, porque via que a própria comunidade *nikkei* no Brasil já era preconceituosa:

*"Um japonês confia mais num japonês que vem de lá do que num nissei, então eu já sabia disso. Eu posso ter cara de japonesa, enquanto eu não abrir a boca ninguém vai falar nada, mas quando eu abrir a boca já era. É fogo!"*

Rodolfo também sabia que sofreria um pouco de discriminação, mas acha que o fato de ser bastante sociável o ajudou:

*"Eu sabia que ia sofrer um pouco de discriminação, o japonês é muito racista. (...) Eu, como já disse antes, sou uma pessoa muito sociável, faço amizades muito fácil, então eu respeitava algumas leis. E eles me trataram muito bem."*

Para Elza, o cunhado que estava no Japão contava que eram os jovens que não sabiam respeitar os brasileiros:

*"Eu sei isso por um cunhado meu, ele fala japonês, ele é japonês e morava aqui. Há um tempão, ele foi lá por um período para trabalhar e ele contava isso, ele disse: 'jovem é um problema, jovem não sabe respeitar brasileiro', ele sentiu. Tanto é que eu fiz até amizade com jovens lá, onde eu fiz foi em Okinawa também, eu não tive esses problemas não, de discriminação nenhuma."*

Para Miguel, a discriminação está relacionada ao estranhamento no contato com uma raça diferente:

*"No começo a gente fala assim: 'a gente vai ser discriminado e tudo mais', depois você pensa o seguinte: você vai para a África, você é uma loira. O que esses caras vão fazer? Vão olhar para você. Você é um preto, você vai para a Alemanha, todo mundo olha para você. É a mesma coisa do Japão, você é um estranho, eles nunca viram ninguém, sabiam que eram brasileiras, elas pensavam que eram japonesas, todo mundo tratava elas como se fossem japonesas e a mim como estrangeiro."*

Isa acha que a mulher brasileira é discriminada no Japão, porque os japoneses costumam pensar que elas estão lá para se prostituir:

*"Eles olham para você, eles pensam que você não é japonesa e já te olham meio torto. Não te dão informação, por mais que fale japonês eles acham que, no meu caso eu trabalhava num campo de golfe, eles achavam que nós estávamos também lá para outra vida além de jogar nós vamos nos prostituir, que você é brasileira, então você vai para a cama, não é isso. Eu falava: 'você pode falar com outra pessoa, menos comigo. Nós somos brasileiras e viemos para trabalhar'. E*

*falávamos mesmo para eles respeitarem. Então eles acham que você é estrangeira, se você quer ganhar mais, então..."*

Mas ela insiste que a discriminação pode ser evitada, desde que se entenda que não é o japonês que deve se adaptar ao migrante, mas o brasileiro ao Japão:

*"Eu acho que tive muita sorte, porque eles sofrem muito com a discriminação, eles fazem um trabalho braçal que o japonês joga para ele, mas isso acho que vai de cada um. Como eu te falei, Não é o japonês que tem que se adaptar a você, mas você a ele."*

Para Luciano a discriminação está relacionada à condição de segundo mundista do migrante:

*"Eu já ouvi falar, pelos outros e pela condição que o Brasil, por ser um país de Segundo Mundo, iria ter uma certa discriminação num país de Primeiro Mundo, então eu já estava, já fui preparado para isso."*

Tomás e Haroldo foram muito bem tratados e não se sentiram discriminados:

*"Pelo menos no meio em que eu trabalhei todos eles tratavam muito bem os brasileiros, eu só ouvi que eles não tratavam por notícias, por conversa que eu ouvi, mas nunca eu presenciei alguma coisa. (...) Mas eu realmente não fui tratado assim." (Tomás)*

*"Eu me senti até privilegiado, mesmo na fábrica, (...) o pessoal te tratava com uma super diferença, conversava com você: 'como que é o Brasil? Nossa! Você sabe duas línguas?' Vou te dizer, foi muito forte, mas dependendo do lugar você é muito discriminado." (Haroldo)*

Ser vigiado nas lojas foi freqüentemente apontado como um fator de discriminação, como relata Haroldo:



*"Por causa de um brasileiro todos pagam. Lá no Japão, sabe como é o sistema de acreditar nas pessoas? Eles não têm ninguém olhando nas bancas de fruta e tudo. (...) Ai, o que alguns fazem diante dessa facilidade toda? Mas não são todos, são alguns, por causa de alguns aconteceu isso. Tanto é que tem lugar que anuncia: 'tem brasileiro na loja!'"*

*"Nós entramos numa loja e começaram a ficar, não sei, para ver se não estavam furtando alguma coisa da loja e começaram a andar atrás da gente. É uma coisa desagradável, tinha salão que a gente não podia entrar, porque brasileiro faz baderna, então não conseguíamos entrar." (Alda)*

Isto porque, segundo eles, outros brasileiros comprometeram a imagem da maioria:

*"Então você sente muita discriminação mesmo, sabe? Eu também não culpo só os japoneses, porque muitos estrangeiros vão lá e aprontam para caramba. E é realmente diferente a cultura deles da nossa." (Nívea)*

A questão da discriminação está relacionada portanto, mais com o comportamento de outros grupos de brasileiros, do que com a questão étnica ou de trabalho.

Outros aspecto importante no período de permanência no Japão que também foi analisado, foi o problema da adaptação ao país receptor. Procurou-se investigar se o contato com a comunidade nipo-brasileira e com os costumes japoneses, proporcionados pela manutenção das tradições e valores, facilitaria a aceitação da mudança de vida no outro país. A comida pareceu ser um elemento indicador de adaptação cultural, pois muitos entrevistados relacionaram estes dois fatores, como foi o caso de Luciano:

*"Bom, comida eu estava acostumado, em termos, não tudo, muita coisa eu já estava acostumado, mas a cultura aqui é um pouco diferente, então mesmo estando acostumado aqui, eu senti uma certa dificuldade também."*

E também de Haroldo:

*"Para mim foi tranquilo, lá tem uns salgadinhos, uns refrigerantes, muito diferentes, os bolos são até melhores lá".*

Mas a idéia de adaptação é relativa. Adaptar-se completamente pode significar ficar para sempre lá no Japão. Neste caso os *dekassegui* retornados não seriam exemplo de perfeita adaptação. Além disso é difícil especificar quais critérios seriam indicativos ou não da adaptação: aprender a língua, se adaptar à comida ou ter um círculo de relações com os nativos.

Devido a esta dificuldade de estabelecer parâmetros, a questão da adaptação fica a cargo do discurso do entrevistado, que também não pode ser considerado muito fiel à realidade no que diz respeito a esse tema. Há dois motivos para isso: primeiro por a entrevista não ser feita quando a pessoa está no outro país e, segundo, porque o entrevistado sempre procura falar dos aspectos positivos da sua experiência. Isto ficou nítida durante as entrevistas, pois as perguntas sobre os problemas ou desvantagens da migração não foram respondidas por todos com clareza. Se a entrevista fosse feita durante a migração, provavelmente a resposta seria diferente, porque quando se vivencia uma experiência de contato com outra cultura, há vários momentos, que variam desde o choque com a diferença até a estabilização da relação com o mundo novo. Isto não quer dizer que haja uma completa adaptação com o passar do tempo. Há pessoas que mesmo tendo passado anos em um lugar não aprendem nem falar a língua (como se mostrou sobre o caso de José).

Uma coisa interessante que foi observada é que vários entrevistados disseram que há uma espécie de "mito dos três", isto é, para todo migrante o terceiro dia, o terceiro mês e o terceiro ano são os piores momentos. Segundo Alda, os três primeiros meses constituem justamente o período de adaptação<sup>1</sup> :

*"Os 3 primeiros meses são os piores, porque aí você não conhece nada, você tem medo de sair, de se perder, você não entende absolutamente nada, sabe? É super*

---

<sup>1</sup>-Coincidentemente, uma amiga pessoal da pesquisadora que residiu na Inglaterra após viver alguns meses na Escócia, relatou numa carta que nos três primeiros meses tudo é interessante, mas depois disso tudo vira rotina:

"Minha vida anda meio monótona, rotina da escola para o trabalho. É sempre assim, os 3 primeiros meses numa nova cidade são fascinantes. Depois acho que acabam as novidades e tudo vira rotina". (Trechos de uma carta para a pesquisadora, de 10.08.95).

*difícil. É o tempo da adaptação, né? Depois você se adapta com o seu serviço, com a empresa, com o pessoal do seu trabalho, que trabalha com você."*

Um outro aspecto é a tendência que o retornado tem de enfatizar os aspectos positivos da experiência. Mesmo não tendo gostado, dificilmente admite que não se adaptou. Exemplo disso é que quando se pergunta para a pessoa se conseguiu realizar seus objetivos, mesmo que ela não tenha conseguido, diz que valeu a pena pelo menos como experiência de vida. Foi o caso de Neide, quando perguntada se seus objetivos tinham sido atingidos:

*"Eu achei que pela experiência valeu, (...) mas juntar profissão com dinheiro não deu muito não".*

O mesmo aconteceu com Nívea, que foi com Neide:

*"Eu vou pelo lado pessoal, então eu acho que ajudou muito, eu comecei a ver o mundo de outra forma, não só o mundo, eu comecei a ver tudo de outra forma (...), financeiramente eu não consegui nada."*

Tendo em vista as dificuldades apontadas acima, a análise da questão da adaptação para este grupo fica limitada a um breve histórico da situação de cada um no país, de acordo com a descrição dos mesmos. Para se entender melhor o assunto, seria necessário uma pesquisa de campo no local de destino, com caráter de observação participante, mas isso foge ao alcance deste trabalho<sup>1</sup>. O presente se limitou a captar, através de entrevistas, o discurso dos retornados a respeito dessa questão.

Rodolfo, que considera ter tido uma educação mista entre japonesa e brasileira, sentiu impacto quando chegou no Japão, mas logo se acostumou. Ele aprendeu como se comportar lá, inclusive pelo aprendizado do idioma:

*"Mas nem todos que foram para lá tinham essa vontade de se expressar, as vezes eles não faziam questão de se comunicar muito, agora, eu não. Eu fiz questão,*

---

<sup>1</sup>-Monteiro em seu trabalho de 1994 discute a importância de um trabalho de campo mais detalhado entre grupos migrantes, para aprofundar melhor os estudos que até então têm sido feitos. (Monteiro, P.; 1994:58 e 59).

*porque eu estava lá, já que estava lá: 'vamos aproveitar'. Abrir minha cabeça para aquilo, então eu facilitei tudo para eles e para o meu lado também."*

Rodolfo não foi o único que teve essa atitude de abertura para a cultura do país receptor, outros também achavam que não eram os japoneses que tinham que se adaptar a eles, mas eles aos japoneses:

*"Eu teria que me adaptar ao Japão, não o Japão se adaptar a mim." (Isa)*

Este tipo de opinião coincide com os entrevistados que sabiam falar um pouco de japonês antes de ir e que consideram ter sido mais educado como japoneses. Porém o recorte no grupo entre "educados mais como japoneses" ou "mais como brasileiros" não se mostrou explicativo para a questão das motivações que levavam as pessoas a migrar, mas é válida para a adaptação. Dos seis entrevistados que consideram ter sido educados mais como japoneses e que, não por coincidência, falavam melhor o idioma antes de ir, todos entenderam melhor a cultura japonesa e se relacionaram melhor com o povo do país receptor do que os outros. A adaptação também estaria relacionada com o aprendizado da língua ou se aprimoramento no Japão.

Há no grupo de brasileiros que estão no Japão, uma desigualdade entre as pessoas que falam ou não japonês. Ela implica em diferenças e divisões entre o grupo, como relatou Nívea:

*"Pois é. O mal é que muita gente chega no Japão completamente mudado. Eles acham que eles são os melhores porque eles falam bem o japonês, então eles querem ser o líder da turma."*

Em alguns casos, o conhecimento da língua foi critério para preenchimento de determinadas funções, como o caso de Tomás, que precisava se comunicar em japonês com os clientes e de Luciano, que trabalhava como uma espécie de líder de um grupo de brasileiros:

*"Escrever foi importante, porque eu trabalhava direto com os clientes." (Tomás)*

Muitas vezes não aprender o idioma está relacionado à decepção com o país e a vontade de voltar para o Brasil, como foi o caso de José, que passou 5 anos no Japão e não aprendeu falar japonês:

*"Hoje em dia já tudo vem, dá para entender. Talvez eu não tenha aprendido muita coisa porque minha convivência era mais com brasileiro, geralmente eles procuravam colocar junto com alguns brasileiros para trabalhar, porque o rendimento era maior, um ajudava o outro. Outra coisa que por eu ter sofrido esse impacto todo e com a vontade toda de voltar, eu não me interessava em aprender. Quando eu estava aqui eu queria aprender, quando eu cheguei lá e senti tudo isso, eu tive mais é vontade de voltar."*

Como ele, há muitas outras pessoas que passam um longo período no Japão e não aprenderem japonês, como é o caso de seis dos entrevistados que se viravam com tradutores brasileiros. Há relatos também de amigos dos depoentes nas mesmas condições, foi o que contou Cátia:

*"Tem um pessoal, tipo a minha prima, ela fala bem pouco e voltou falando bem pouco. Aí eu perguntei: 'como é que é isso? Você ficou lá 4 anos e voltou falando pouco?' 'É porque dentro da fábrica não tem muita necessidade de falar japonês' e a pessoa que manda nela eu acho que é nissei também, aí eles comunicam com o pessoal de cima e comunica com o pessoal lá, a nikkeizada, tudo em português, então não tem necessidade."*

É significativa a pergunta: "como é que você ficou quatro anos e voltou falando pouco?" É a primeira questão que surge para quem olha de fora, pois parte-se do pressuposto de que o conhecimento do idioma local é fundamental para o cotidiano de quem reside em um país. Mas na verdade, o migrante sempre dribla essa situação com um tradutor brasileiro (amigo, parente ou colega de trabalho) ou através de gestos e uso de dicionários, como aconteceu com Nívea:

*"Então ela era a nossa tradutora. Na firma não tinha muito brasileiro porque nós éramos os primeiros a chegar. Então com uma pessoa falando, o resto se vira."*

O que explicaria essa situação de não aprendizado seria, em primeiro lugar, o convívio intenso com brasileiros e pouco contato com japoneses. Segundo, que alguns trabalhos não exigem o conhecimento do idioma, pois são realizadas tarefas simples que, quando necessário, se resolvem com um tradutor e, terceiro:

*"Porque a pessoa passa o dia inteiro trabalhando dentro da fábrica, só se comunica com o pessoal que está dentro da fábrica, que são os nisseis, só falam português, só saem da fábrica à noitinha para fazer umas comprinhas e ir para casa, então é assim, eles trabalham e vão para casa. Então eu acho que eles têm muito poucas chances de se comunicar com os próprios japoneses, têm pouco tempo de assistir uma televisão, de ler alguma coisa, aprender alguma coisa. "*

*(Cátia)*

Uma análise mais cuidadosa mostra que isso também estaria relacionado com uma constante expectativa de voltar, uma recusa diária de assimilar a cultura que não pertence ao migrante e as vezes. Foi o caso de José, a decepção com o país descrito pela família como um local bom, que foi deixado para trás. Os seis entrevistados que não aprenderam falar, são pessoas que tinham intenção de voltar e que não estavam preocupados mais em assimilar, naquele momento, a cultura dos antepassados, mas em cumprir seus objetivos de trabalho e voltar para o Brasil. Há ainda a outra face, que são aqueles que foram para lá para também aprender japonês e realmente voltaram falando melhor:

*"Para mim melhorou bastante, porque no começo, como eu já sabia um pouco de japonês, eles me colocaram onde só tinha japonês, porque era mais fácil me comunicar com eles. (...) Quando eu fui eu achava que sabia muito pouco, quando eu cheguei lá, o pouco que eu sabia era muito para a maioria dos brasileiros que foram, tinha um pessoal que não sabia nada mesmo, então eu me prontifiquei a ajudar quem quisesse..." (Neuza)*

*"É, fui aprendendo na raça, fui perguntando, quando eu tinha dúvida eu perguntava. As vezes gravava uma expressão completa, mas eu precisava me comunicar, eu gravava uma expressão completa." (Rodolfo)*

É difícil generalizar conclusões sobre os *dekassegui* a partir do caso pesquisado, principalmente porque há diferenças de caso para caso, levando-se em conta a história de cada um. Por isso as conclusões sobre fatores como a língua, devem se limitar somente ao grupo pesquisado.

## O RETORNO

Há vários motivos que explicariam a volta ao Brasil. Cada entrevistado tem a sua explicação, mas a temporalidade do projeto de migrar parece ser um forte contribuinte para a saudade e o planejamento de projetos com relação ao Brasil. José e Neuza resolveram estipular um prazo para voltar:

*"Para dizer a verdade, se você for pensar em termos de dinheiro, não tem fim. Você nunca volta, sabe? Porque eu ligava para cá e perguntava para os meus irmãos: 'como é que está a situação?' 'Ah, não está muito bem.' (...), quer dizer, realmente não tem fim. Se você quiser alguma coisa muito grande tem que ficar lá muito tempo. Coisa pequena e ganhando pouco. O pessoal costuma ganhar um salário em torno de 3 mil, 4 mil. Dai você volta para casa ganhando 800, 700, então você já sente uma diferença, que você vai ter que abdicar de muitas coisa que você fazia lá e não vai poder fazer aqui. Então já começa por aí. Se você for pensar em termos de dinheiro você não volta. Então, o que que nós fizemos? Estipulamos um prazo, tal ano e tal mês, está bom! Prorrogamos umas 2 vezes, porque a gente sempre pensava: 'acho que não vai dar', aí nós prorrogamos umas 2 vezes, porque a gente pensava: 'acho que não vai dar', aí nós prorrogamos isso, aí nós fomos de vez. Só que aí tem o seguinte: você fica muito tempo, como eu fui sozinho e a minha família estava toda no Brasil, você sente muitas saudades. Essa coisa pesa mesmo. Você não tem ânimo para estar trabalhando, não tem ânimo nem para acordar."*

Rodolfo conta que pensava em voltar desde o dia em que embarcou:

*"Desde o dia em que eu embarquei não parava de pensar em voltar, até o dia em que eu saí de lá. Uma coisa engraçada, estando no Japão, um dos pensamentos de todo brasileiro é a volta. Você entrou no avião, já está pensando aqui no Brasil, aqui em São Paulo, uma coisa incrível!"*

Ele tinha planejado ficar apenas 2 anos lá, mas:



*"Eu não nego. De certa forma me arrasto, eu sou muito... De certa forma, sistemático. Eu tentei programar minha vida, mas tem muita coisa que escapa da gente, né? A gente pensa que está encaminhando tudo direito, tudo certo, aí não dá certo. Por exemplo, o meu próprio casamento que achei que ia dar tudo certinho e no final isso escapou de mim e eu fiquei meio chocado."*

Isa voltou porque achou que tinha feito tudo o que podia fazer lá:

*"Ah, me deu saudade e não era mais Japão. O que eu tinha que aprender eu já tinha aprendido, o que eu tinha que economizar eu já tinha economizado."*

Já Tomás voltou porque sua família estava espalhada pelo Japão e ia se reunir naquele final de ano:

*"Eu voltei em dezembro pela única razão de poder juntar toda a família outra vez, porque já eram quase uns 3 anos que não juntava a família toda, 3 a 5 anos, já é um bom tempo, né? O ano novo junto, aí eu falei: 'então eu vou voltar justamente dia 27 de dezembro', que era depois do natal e antes do ano novo, cheguei dia 28, passei o ano novo com os meus pais e com os meus irmãos também."*

O motivo da volta do casal Miguel e Yvana foi que a fábrica estava passando por uma crise e convidando seus funcionários a sair, por isso aproveitaram a chance para voltar:

*"Depois nós fomos convidados a sair, porque chegou um belo dia o diretor da fábrica chamou os brasileiros, explicou que o Japão estava ruim, que os salários iam abaixar, que a partir de uma certa altura o salário não ser o mesmo, porque não tinha mais hora-extra. Que os salários estavam relativamente altos, inclusive em relação aos japoneses que foram baqueados e que começou uma discussão, que estava havendo discussões em outras fábricas que tinham mandado japoneses, estavam mandando brasileiros embora, essas coisas todas. Então ele deu um ultimato para a gente, quem quisesse ir embora as portas estavam abertas, então..." (Yvana)*

A volta pareceu ser uma decisão definitiva para os entrevistados, porque a maioria disse que não quer voltar para o Japão. Miguel, por exemplo, brinca com a possibilidade de voltar:

*"(Voltar?) Só se for para jogar bomba! Eu quero contratar eles aqui para o Brasil agora."*

Elza também não pretende voltar ao Japão:

*"Hoje não (voltaria). Se tivesse que voltar no tempo e fazer tudo de novo eu faria, mas voltar para lá, em busca... Não, só em última alternativa, tipo assim: 'aqui estou desempregada, desesperada, vendi tudo que eu tenho, estou desesperada. Não tenho mais o que fazer, não tenho mais para quem pedir dinheiro, nada.' Eu voltaria para lá, mas assim, em última alternativa."*

E Neide voltou mesmo porque não gostou do Japão:

*"Estava sempre pensando em voltar para casa. Meu desespero era voltar para casa, de acontecer alguma coisa que você não possa voltar para casa."*

O retorno para o Japão tornou-se uma hipótese muito remota, que, como Elza, vêm realmente a migração para lá como uma coisa encerrada. É o caso de Neide, por exemplo:

*"Se fosse preciso eu voltaria, mas eu também penso em primeiro lugar fazer alguma coisa. Apesar que eu já estou Há mais tempo parada que ela, estou aqui desde 94."*

Para Luciano, viajar para o Japão representa uma fase na vida de uma pessoa e por isso não pretende ir para lá de novo:

*"Não, porque esse negócio de ir para o Japão é uma fase da sua vida. Sabe que tudo você tem uma idade para fazer? Então, quando você é pequeno, você faz uma coisa, quando chega a adolescência você vai fazer outra coisa, aí quando você chega na fase adulta você vai casar, vai ter filhos, alguma coisa. Então esse*

*negócio de ir para o Japão é uma fase da sua vida, é uma fase que eu já passei, eu não vou fazer de novo, quer dizer, eu não pretendo fazer de novo."*

Por outro lado, há pessoas que cogitam a hipótese de voltar. Este fato não se constitui um objetivo definido, mas uma possibilidade remota, sujeita a outras condições. É o caso de Rodolfo:

*"Até iria, viu? Estou pensando se profissionalmente, se eu não me realizar aqui, se eu não ganhar o suficiente, eu vou ver se caso com alguma infeliz e vou arrastá-la para lá. Lá é bom para se morar, mas você tem que estar muito bem casadinho, muito bem acompanhado e eu não quero ir com homem, que fique bem claro."*

Ou de Nívea:

*"Eu penso assim: da mesma forma que eu já fui uma vez, no sentido profissional, de largar tudo para ir para lá e tal, eu acho que minha experiência pessoal eu já tive. Agora é hora de investir na minha experiência profissional, eu tenho que me estabilizar primeiro aqui. Na hora que eu tiver alguma coisa aqui mais ou menos definida, aí se eu tiver que voltar por um tempo muito mais curto, eu voltaria."*

Estes relatos mostram que ir para o Japão é encarado como uma passagem temporária nas vidas desses entrevistados. Parece que o fato deles todos serem retornados justifica que encarem a migração como temporária, o que não é necessariamente verdade. Esta é uma conclusão específica para o conjunto de pessoas estudadas. Não se pode excluir a possibilidade de haver *dekassegui* no Brasil, com planos muito sólidos de retorno ao Japão, definitivo ou não. Ao caso pesquisado não se pode inferir nenhuma conclusão sobre pessoas que vão e voltam para o Japão várias vezes, porque os depoentes todos não pretendem retornar. Apesar disso, há quatro entrevistadas, Neuza, Eva, Elza e Isa, que durante o período em que estiveram no Japão, voltaram para o Brasil de férias. Nenhuma delas tem planos de retornar, apenas Isa e Eva declararam que se pudessem ficariam mais um tempo lá para aprender melhor o japonês, mas não poderiam por causa dos filhos que estão aqui no Brasil.

Como estariam essas pessoas hoje (momento da entrevista) no mercado-de-trabalho? A maioria está empregada ou com a carreira encaminhada. Os entrevistados que interromperam a faculdade para viajar, acabaram voltando para o curso e hoje fazem estágio. São exemplos: Tomás, Rodolfo e Luciano, que estão acabando um curso de tecnologia na FATEC e hoje fazem estágio na área. Todos eles tinham resolvido ir, entre outras coisas, para "dar um tempo da faculdade" e da rotina no Brasil. Décio fez um supletivo para acabar o segundo grau que havia parado para viajar e entrou na faculdade de psicologia. Ele acha que o Japão não prejudicou muito sua vida profissional:

*"Esse supletivo não era aquele supletivo... Era um supletivo The Flash, fiz em 3 meses. Isso ajudou bastante, eu não perdi 1 ano para ter que fazer o 3°. Ai eu prestei no meio do ano, então na verdade fiquei meio ano atrasado. Ia terminar o colegial com 17, fiquei meio ano só. Mas eu acho que prejudicou um pouco, porque se eu continuasse naquele ritmo eu acho que eu estaria 1 ano ou 2 na frente."*

Seu irmão Alberto também está empregado hoje na área de telecomunicações. Miguel também está trabalhando hoje, mas:

*"Eu perdi 3 anos de serviço. Eu ganhava mais aqui na época, depois tem a defasagem, devia estar num cargo hoje e não estou. Até recuperar vão mais 3 anos e tudo mais, mas é válido."*

Haroldo não está trabalhando, mas está fazendo faculdade de engenharia na FEI. Um dos motivos de ter ido para o Japão era por não ter entrado em nenhuma universidade pública e, nesse sentido, acha que a viagem ajudou, porque ficou mais responsável para estudar:

*"Mas também nunca tive medo de passar por isso. Tanto é que agora eu até acho bom que eu tenha passado por isso, para saber o que que é você trabalhar e fazer trabalho braçal. Eu falava para um amigo meu: 'o que que eu estou fazendo aqui? Eu não agüento mais! Não, isso não é para mim.' Isso me ajudou muito a mudar para, chegando aqui no Brasil, ter vontade de estudar."*

O casal Neuza e José abriram uma firma de plotagem de projetos com o dinheiro que trouxeram do Japão:

*"De plotagem, a gente mexe com a parte gráfica de plantas de casas, hidráulica, é uma coisa totalmente diferente. (...) A gente pensava em fazer alguma coisa no ramo de comida mesmo, no ramo alimentício, só que no fundo a gente também tinha uma insatisfação, porque eu era engenheiro, ela tecnóloga, ela ainda chegou a trabalhar na área e eu não. Então, o que aconteceu? Nesse ramo de plotagem eu estou mexendo com aquilo, a intenção que a gente tem é de começar a mexer com plantas novamente, de voltar a pelo menos trabalhar na área mesmo."*

Alda está trabalhando mas acha que também deveria estar estudando:

*"Eu demorei para arrumar emprego, eu também fiquei meio de corpo mole para os estudos, até hoje eu estou de corpo mole, eu estou mais decidida o que eu quero, mas demanda um pouco de tempo."*

E há o caso daqueles que não estão trabalhando, como Nívea e Neide, e foram para tentar juntar dinheiro para trabalhar na área de turismo e também porque não estavam empregadas. Segundo elas, se tivessem ficado aqui teriam mais chances de investir na carreira:

*"É, porque a gente perdeu, né? O tempo que a gente ficou fora está perdido. Não a experiência, a experiência de vida é outra coisa. Agora, a experiência profissional foi bem perdida." (Neide)*

Elza abriu um restaurante quando voltou, mas duas semanas antes da data da entrevista ela tinha vendido e não estava mais trabalhando. Ela está estudando engenharia civil na FEI e quando viajou fazia FATEC, mas perdeu a matrícula porque ficou muito tempo fora. Isa também não estava trabalhando na época da entrevista..

Como se vê, a ida ao Japão não atrapalhou a maior parte desses migrantes de trabalharem no Brasil quando voltaram, talvez porque eram jovens e ainda teriam condições de ingressar no mercado-de-trabalho quando retornassem, após a conclusão de seus estudos. Alguns

consideraram que a viagem atrapalhou seus projetos profissionais. Para estes, o tempo em que ficaram afastados do Brasil impediu a possibilidade de obter experiência de trabalho aqui.

Analisados todos esses aspectos, emergir ainda uma pergunta: em vista disso, como esses *dekassegui* retornados avaliam a experiência que viveram no Japão, hoje? Não se ganha muito dinheiro no Japão, pois os entrevistados esperavam ganhar mais:

*"Eu consegui o que queria, consegui um monte de coisas que não estavam nos meus planos, mas em termos financeiros não consegui juntar. No começo tive que ficar comprando um monte de coisas, então não consegui juntar." (Alda)*

Nívea e Neide também não juntaram o dinheiro esperado:

*"Eu acho que valeu muito a pena ter ido, você muda um pouquinho a cabeça. Agora, juntar dinheiro não deu não. (...) Eu consegui ajudar a reformar a casa, mas só isso, para a reforma da casa, que para abrir uma negócio mesmo..." (Neide)*

*"Como experiência não teve coisa melhor, se eu tivesse chance eu iria de novo, mesmo financeiramente eu não consegui nada, mas o que eu aproveitei em matéria de experiência pessoal, nossa!"*

E Rodolfo pensava que iria ganhar mais dinheiro do que realmente ganhou:

*"Porque eu pensei que iria fazer um pé-de-meia um pouquinho mais... Mas eu gostei de viver lá, foi uma experiência boa."*

Miguel e Yvana não foram para lá pensando em juntar dinheiro, mas foram obrigados a ficar mais, porque tiveram problemas com a casa no Brasil:

*"Trazer dinheiro acho que ninguém traz. Você precisa passar muito, pelo menos uns 5 anos lá para trazer dinheiro para montar uma casa ou comprar um negócio. Pelo contrário, perdemos, porque eu perdi 3 anos de serviço, eu ganhava mais*

*aqui na época, depois tem a defasagem, devia estar num cargo hoje e não estou. Até recuperar vai mais 3 anos."*

José e Nadir conseguiram realizar objetivos financeiros porque se casaram e juntaram suas economias e também porque ficaram mais tempo do que o previsto:

*"Nós fomos lá, ela tinha o objetivo dela, que era bem diferente do meu. Eu fui para conseguir uma casa, consegui uma casa, eu fui para conseguir dinheiro para abrir um negócio. Só que nisso eu acabei me casando com ela e nós juntamos as economias para fazer alguma coisa. (...) Para dizer a verdade, se você for pensar em termos de dinheiro você não volta nunca, sabe? Então o que que nós fizemos? Estipulamos um prazo: 'tal ano, tal mês, está bom.' Prorrogamos umas duas vezes."*

Outros consideram seus objetivos realizados, como Isa, que não pretendia juntar dinheiro quando foi:

*"Eu gostaria de ter aprendido mais, mas eu acho que eu estou satisfeita, eu não me arrependo."*

Para o *dekassegui* deste grupo que migrou com sonhos de conhecer o país dos antepassados ou aprender japonês ou mesmo juntar dinheiro, a avaliação positiva que fazem tem haver com aquilo que eles chamam de "experiência de vida", que talvez possamos traduzir por um enfrentamento do desconhecido, em que cada um busca conhecer os limites individuais através da inversão do seu cotidiano. Significa não temer o novo e o diferente, saindo do dia-a-dia a que estão acostumados ou acomodados. Nenhum dos entrevistados disse que a experiência não tenha valido a pena. Mesmo Neide, que disse não ter gostado do Japão, achou que valeu a pena como experiência pessoal. Todos procuram mostrar o lado positivo dos anos que passaram no Japão e dizem que se pudessem fariam de novo. Nívea acha que valeu a pena ter ido, porque foi realmente uma ótima experiência pessoal:

*"Nossa! Demais. Como experiência foi uma coisa muito diferente. Eu acho que não só no Japão, mas em outros lugares. Hoje eu sei que eu não sou tão*

*dependente. Porque eu acho que o brasileiro é muito ligado em família, isso atrapalha demais, porque você tem medo de arriscar outra coisa sozinho, sempre a família em primeiro lugar. E você vê que fora do Brasil é outra coisa, porque você chega numa certa idade, se desliga da família, não que você não tenha que visitar nada disso, mas você não tem tanta dependência quanto você tem aqui. As vezes eu sinto que eu tenho força suficiente para morar em outros lugares. (...) Porque você chega numa certa idade e acha que já viveu tudo que devia, não é nada disso. Aí você percebe que você não viveu nada ainda. (...) Vamos dizer que eu passasse 1 anos só no exterior, ver que em 1 ano eu vi muito mais coisas, que a vida não é só isso, a vida é muito mais, cada vez você aprende muito mais coisas. Foi uma lição de vida, nossa!"*

**Miguel avalia que apesar de ter perdido três anos de emprego aqui no Brasil:**

*"É válido, porque nunca mais eu vou fazer uma coisa dessas, a partir daqui não dá mais para fazer uma coisa dessas, porque minhas filhas estão grandes. Foi uma experiência boa porque nós trabalhamos na fábrica, eu trabalhava em jornal antes, eu cheguei lá e fui trabalhar em fábrica. Não só o país, o serviço é totalmente diferente, cultura diferente, você é mais acionado em vários aspectos, aí você vê se você agüenta, quais os seus limites e tudo mais, porque você é pressionado de várias formas, país diferente, cultura diferente, sistema diferente. Se você agüenta lá naquele lugar, qualquer lugar do mundo para você é fácil, depois daquilo qualquer situação também é fácil. É bom por causa disso, porque você por dentro cresce, só isso, porque você cresce."*

**Rodolfo aproveitou o lado bom do Japão:**

*"Foi uma experiência boa, diferente. Nenhum turista teve essa experiência. Eu morei lá, é diferente de conhecer: 'eu fui para Tóquio, conheci o Japão', não é assim. Eu convivi dois anos com aqueles japas lá, com os brasileiros, isso foi legal. (...) A gente fica meio dividido, porque eu estou aqui agora, aqui no Brasil, quer dizer, não é ruim lá, não é bom aqui. (...) Você está aqui no Brasil e acha uma merda, está fora do Brasil e também não é bom, então fica essa contradição."*



*Os dois se complementam, mas depende muito da pessoa, viu? Depende da pessoa saber aproveitar os dois lados, que foi o que eu fiz."*

A importância da experiência de vida também aparece em outros relatos, como o de Décio e Alda:

*"É que a experiência que você ganha, não dá para falar. Aqui só com a escola você fica muito cru e mudando a nossa mente era outra, a visão é outra, sabe?"*  
(Décio)

*"Valeu, só a experiência que você ganha estando lá... Porque lá você não pode reclamar de ninguém, lá é cada um para si, praticamente. As vezes a gente precisava de alguém para traduzir um negócio, tinha gente que ia com m vontade, mas ele acabava indo. Com isso você acaba aprendendo bastante. Se você trabalha o dia inteiro, você tem que chegar em casa, tem que fazer jantar ainda, aqui não. Você chega do serviço e já tem tudo pronto, lá não." (Alda)*

O mesmo avaliou Tomás, enfatizando o contato com uma nova cultura:

*"Eu acho que foi uma experiência boa, porque me mostrou que eu sou capaz de muitas coisas, que o que eu quiser eu posso conseguir batalhando, que eu posso trabalhar, que sempre tem um lugar que eu possa ir, que eu posso vencer. Que tem povos com características diferentes, que para você desmembrá-los, a sociedade em si que é diferente. Então você tem que saber como lidar com eles também, você amadurece, amadurece muito em termos disso."*

Luciano acha que viver no Japão é uma fase na vida de uma pessoa:

*"Porque esse negócio de ir para o Japão é uma fase da sua vida. Sabe? Que tudo que você faz tem uma idade para fazer, então quando você é pequeno você faz uma coisa, quando chega a adolescência você vai fazer outra coisa, aí então quando você chega na fase adulta, você vai casar, vai ter filho, alguma coisa. Esse negócio de ir para o Japão é uma fase da sua vida, é uma fase que eu já passei, então eu*

*não vou fazer de novo, quer dizer, eu não pretendo fazer de novo. Foi uma experiência que eu gostei, que valeu a pena, aprendi muito aprendi a dar valor nas coisas, apesar de que eu já dava, mas aprendi muito lá. E conheço amigos que eram filhinhos de papai mesmo, que eram muito ricos e foram lá exatamente para isso e aprenderam muita coisa. Sofreram, aprenderam a cozinhar sozinhos. É uma lição de vida mesmo, é mais assim, uma lição de vida mesmo. É legal, você vê coisa nova, diferente, e, como eu disse, eu não gosto de ouvir o que os outros falam, eu quero ir para ver como é que é, para poder falar depois como que foi minha experiência."*

E também há o relato de Elza, que é um bom exemplo de como o *dekassegui* desse grupo estudado avalia sua experiência:

*"Como eu poderia dizer? Foi bom, sabe? Eu conheci o outro lado do mundo, foi uma experiência de vida ótima. Tudo isso que eu vivi, todos esses momentos de vida que eu tive foram muito bons para mim, pelo fato de eu estar sozinha, pelo fato de sair para a experiência, de ter me virado, tudo isso foi válido para mim. Foi uma experiência. Se eu tivesse aqui eu não ia passar por isso, é tudo muito confortável aqui, sabe? Então parece que foi uma barreira, por causa da língua, de ser do outro lado do mundo, porque é muito fácil você pegar as coisas e ir para o Cear , mas você pode voltar! Em 3 dias você está de volta, agora, ali não. Ali você precisa ter grana para poder voltar. Tinha até um lance assim, tinha uns amigos meus que eu conheci na praia que falavam: 'é só pegar, só nadar que a gente volta para casa', 'estou sem grana', 'a gente nada'. Sabe aquele desespero? Precisa ter grana, precisa guardar. Eu não passei por isso não, sempre eu tive uma reserva, tinha meu primo, tinha meu irmão, que eu sabia que estavam me ajudando, então eu sempre tinha alguém nas minhas costas. Tudo isso foi bom, tudo isso foi experiência, foi válido demais. Eu faria as mesmas coisas sim, se fosse voltar, mas hoje não. Hoje só se fosse em outro país. Se falasse assim para mim: 'vai lá, vai para os EUA, qualquer outro país", iria sabendo que ia passar por tudo isso, mesmo de forma diferente. Voltar para o Japão eu sei o que que é. Sei o que eu vou passar, não vai mais ser novidade, vou descer do Aeroporto e vou saber para onde ir, só que você vai saber se virar, não vai ter mais graça. O legal é isso, você*

*sabe de repente se você tomou o trem errado, você não vai mais ter como errar. Não vai ter mais graça, nada mais vai ser novidade. Por isso que foi bom e com certeza, se eu estivesse aqui, esperando esses 2 anos passarem para eu terminar a faculdade, aí eu teria outra coisa para me segurar aqui, sabe? Com certeza eu acho que ia ter alguma coisa, era o momento de eu ter ficado, foi ótimo, eu não posso reclamar de nada, nada!"*

Relatos como estes nos levam à pensar que realmente não é somente em termos financeiros que se deve entender os casos apresentados. Ele mostrou mais uma vez que é muito difícil se fazer generalizações teóricas sobre as migrações internacionais a partir de casos isolados. O grupo que foi estudado aqui revelou principalmente, que o trabalho e a obtenção de dinheiro são fatores que devem ser associados a outros, quando se pretende explicar o fluxo. A explicação está antes ligada a elementos como expectativas ligadas à cultura nipo-brasileira na qual estão inseridos esses *dekassegui*, à busca de novas experiências de vida e à vontade de conhecer outros países, do que aos problemas financeiros.

A imagem que fica do Japão para o retornado é muitas vezes ambígua. Ao mesmo tempo que se mostra positiva, resgata aspectos desagradáveis. Para eles, a principal vantagem do Japão é, na maioria das vezes, a estabilidade econômica, a organização e a segurança (garantia da integridade física), mas os aspectos negativos quase sempre são as relações pessoais e o trabalho pesado. Como contou Luciano, o Japão tem os dois lados:

*"De repente o que o Brasil tem de bom o Japão tem de ruim, o que o Japão tem de bom o Brasil tem de ruim, então são suas coisas diferentes, que é difícil de ser comparável. Mas em termos de vivência, pela quantidade de bom e de ruim, o Brasil é melhor. O povo japonês é muito frio, muito bitolado. Uma pessoa que as vezes a gente está conversando, parece que a pessoa está lá, mas não está se divertindo. (...) Então o Japão não é um país ruim para se morar, é um país muito bom porque tem segurança, acho que a única coisa que é inseguro lá é terremoto."*

Ou na opinião de Tomás:

*"Porque o Japão é um país muito diferente, para se fazer turismo, para se ganhar dinheiro... Agora, para viver eu não gostei. Muita gente acha o contrário, que*

*prefere morar no Japão do que aqui, agora, eu já não, eu prefiro morar aqui do que morar lá."*

A ambigüidade com relação à imagem que ficaram do Japão, se confunde com a avaliação que fazem do que viveram. Estes são, portanto, dados que se cruzam para mostrar que a migração não é, pelo menos para essas pessoas, uma experiência da qual se arrependam. Há aspectos que são positivos e outros que são negativos e que constituem, antes de tudo, uma importante realização na vida delas.

## CAPÍTULO 6: “CONSIDERAÇÕES FINAIS”

Por ser um objeto novo nas ciências sociais, as migrações internacionais recentes em busca de trabalho temporário causam controvérsias teóricas. Do que foi produzido até o momento, há linhas teóricas que receberam muitas críticas. Entre elas estão as teorias “*push-pull*”, que consideram a renda como um fator determinante para explicar os fluxos. Partem do pressuposto da total racionalidade do mercado-de-trabalho. Essas análises deixam de levar em conta as motivações pessoais e as relações entre os países envolvidos no processo. Outra corrente que tem sido muito criticada é antropológica, cujo enfoque está centrado nas questões da assimilação, adaptação e aculturação. Estas teorias também acabam por deixar de lado fatores macro-estruturais, importantes na explicação do fenômeno.

As teorias sobre o assunto tem surgido principalmente nos países receptores, tendendo a não levantar problemas ligados aos países de origem. Piore<sup>1</sup> explica o fenômeno enfocando a problemática tanto nos países de destino, quanto de origem. Já Portes<sup>2</sup>, enfoca a questão a partir da divisão do mercado-de-trabalho entre primário e secundário nos países receptores. Segundo Sassen<sup>3</sup>, a reorganização da economia mundial é um importante fator explicativo para as novas migrações internacionais. Somente fatores como pobreza, estagnação econômica e superpopulação não seriam argumentos suficientes para justificar esses movimentos. A autora introduz o problema no panorama das relações entre países. Tilly<sup>4</sup>, também coloca que a expansão capitalista tem o seu papel nas novas migrações internacionais, pois separa trabalhadores do seu meio, provocando grandes deslocamentos populacionais. Desenvolve também o conceito de redes, que são cadeias de informações que têm importante contribuição na manutenção dos fluxos migratórios.

O caso dos *dekassegui* deve ser pensado a partir de diversas perspectivas. Em primeiro lugar, desde a segunda metade dos anos 80 passou a ser considerável. Isto coincidiu com dois momentos: a Abertura Democrática no Brasil, seguida de consecutivos planos de estabilização econômica, e o acelerado processo de reestruturação produtiva japonesa.

---

<sup>1</sup> - Piore, M.; 1979.

<sup>2</sup> - Portes, A.; 1981

<sup>3</sup> - Saskia-Sassen, 1988.

<sup>4</sup> - Tilly, C.; 1990.

Segundo Sales<sup>1</sup>, além das dificuldades econômicas, o período criou também esperanças para o povo, resultantes da abertura e das tentativas de estabilização econômica. A frustração delas foi um importante fator de estímulo para que pessoas de diferentes grupos migrantes vissem o trabalho temporário em outros países como alternativa para a crise. Por outro lado, o Brasil sofreu uma recessão profunda com a Abertura Democrática e com os planos econômicos anti-inflacionários, cuja conseqüência, entre outras, foi a destruição de perspectivas de mobilidade social da classe média. Para Margolis e Gilson Schartz esse é um dos principais fatores explicativos para o atual processo de emigração que vem passando o país. Além disso, a reestruturação produtiva no Japão, dividiu seu mercado-de-trabalho. Os nativos, cuja qualificação costuma ser muito alta, suprem a fatia mais qualificada deste mercado. A conseqüente necessidade de mão-de-obra desqualificada está sendo resolvida com a importação de trabalhadores de países menos desenvolvidos, principalmente descendentes de japoneses. Em segundo lugar, há o papel das relações entre Brasil e Japão, desde o início do século, que permitiram facilidades diplomáticas tanto para a vinda de migrantes japoneses para o Brasil, quanto para o movimento que se observa hoje. O terceiro aspecto a ser considerado, são as características do grupo estudado, tanto individuais, quanto gerais. Elas resultam tanto do que foi explanado acima, quanto das histórias de vida de cada um, destacando-se sua relação com a comunidade nipo-brasileira.

Reafirmando a dificuldade e até impossibilidade, de se fazer generalizações a partir de um caso no que diz respeito ao tema, o grupo estudado mostrou a todo momento que são vários fatores que integram a explicação do fenômeno. Para se responder qualquer questão a respeito, deve-se analisar com cuidado cada caso.

A proposta inicial do projeto era observar que fatores influenciariam a formação de expectativas. Também pretendia-se verificar os motivos que levam o *dekassegui* com escolaridade superior a migrar. O recorte escolar foi escolhido porque pressupunha-se que a formação universitária implicava em um tipo determinado de expectativas com relação ao futuro. A falta de perspectivas de realização dos projetos, poderia ser um motivo para emigrar. Este fator mostrou-se uma importante justificativa da viagem para o grupo estudado, mas ele não veio sozinho. Há outros elementos consideráveis. A vontade de conhecer o país dos antepassados, de viver uma coisa nova e de aprender a língua japonesa foi fundamental. Este interesse surgiu com a influência das representações criadas a respeito

---

<sup>1</sup> - Sales, T.; 1991.

do Japão. Elas foram elaboradas a partir do convívio com a comunidade *nikkei* e das redes de informações.

Para alguns autores como Yoshioka<sup>1</sup>, a maioria dos brasileiros vão para o Japão devido a dificuldades financeiras. O grupo estudado mostrou que esse argumento não é totalmente verdadeiro. No caso pesquisado não houve predominância de um fator explicativo, mas sim entrelaçamento de vários. Entre os principais motivos para migrar que foram apresentados, apareceram a falta de perspectiva de trabalho no Brasil, a busca de raízes e da cultura dos antepassados, a vontade de aprender a língua japonesa e a oportunidade de viver algo diferente na vida. Dificuldades financeiras foram citadas somente por três entrevistados, mas ao lado de outros motivos. Essas motivações estão relacionadas às expectativas criadas com relação à migração, a partir de representações e idéias passadas durante a vida do *dekassegui*. A vontade de conhecer a cultura dos pais e avós e de aprender a língua japonesa resultou do convívio com a comunidade *nikkei*. As esperanças em relação à viagem resultaram das representações e imagens presentes no grupo a respeito do Japão e do processo migratório em questão. As informações obtidas através das famílias, das associações, da educação recebida em casa ou na escola, dos amigos descendentes, do conhecimento da língua, do contato com as redes de informações e, até mesmo, das relações entre os dois países, foram fatores importantes na criação de expectativas. Um outro fator que contribuiu muito foi a mudança na Lei de Imigração Japonesa em junho de 1990, que facilitou a obtenção de vistos de trabalho temporário aos descendentes. Conclui-se que a vivência com a comunidade *nikkei* foi um elemento relevante que estimulou o movimento migratório no caso estudado.

O fenômeno *dekassegui* constitui-se num movimento migratório diferenciado dentro do quadro das novas migrações internacionais. Isto porque trata-se de um fluxo de ida-e-volta e envolve pessoas que não necessariamente são motivadas pela pressão de grande dificuldade financeira. Foi importante pesquisar este grupo com escolaridade superior para poder perceber as especificidades desse processo migratório, que permitem enriquecer e colocar novas indagações aos estudos até agora realizados.

Um aspecto fundamental que surge a partir desta pesquisa e que não tem sido suficientemente abordado nos estudos sobre as migrações internacionais recentes é o da

---

<sup>1</sup> - Yoshioka, H.; 1994.

educação, considerada tanto a escolarizada quanto a não-escolar, e sua importância na análise deste fenômeno.

Uma característica importante do caso pesquisado é a relação entre escolarização e perspectiva de reinserção no mercado-de-trabalho no Brasil. Daí, resulta uma questão que a nossa ver poderia ser melhor explorada: a das relações entre educação deste grupo *dekassegui* com escolaridade superior e seu retorno mais rápido ao Brasil. Não seriam justamente as melhores qualificações dadas, em grande parte, por uma escolarização superior ou relativamente superior ao conjunto da população brasileira, que também estariam permitindo uma visualização de mais condições de inserção no mercado-de-trabalho brasileiro, promovendo seu retorno rápido do Japão? Será que a formação superior destes *dekassegui* não alimentaria perspectivas de realização profissional, incentivando a volta? Com isto, não estamos mais preocupados com as motivações do processo migratório, mas deslocando a questão para um novo aspecto que nos parece fundamental: por que, apesar da estabilidade econômica no Japão (ao contrário do quadro brasileiro), estas pessoas não ficam no Japão? Talvez a hipótese acima aventada possa ser um caminho a ser investigado.



## APÊNDICE

## APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DOS ENTREVISTADOS

(\*) informação não disponível

	<b>EVA</b>	<b>NEIDE</b>	<b>NIVEA</b>	<b>JOSÉ</b>	<b>NADIR</b>	<b>CÁTIA</b>
<b>IDADE</b>	• 47	• 32	• 35	• *	• *	• 24
<b>ESTADO CIVIL</b>	• CASADA	• SOLTEIRA	• SOLTEIRA	• CASADO	• CASA DA	• SOLTEIRA
<b>FACULDADE</b>	• ARTES PLÁSTICAS	• TURISMO	• TURISMO	• ENGENHARIA	• ENGENHARIA	• MODA (INCOMPLETO)
<b>TIPO DE EDUCAÇÃO</b>	• BRASILEIRA	• JAPONESA	• BRASILEIRA	• BRASILEIRA	• BRASILEIRA	• JAPONESA
<b>CONHECIMENTO DO IDIOMA</b>	• NÃO	• FALAVA UM POUCO	• NÃO	• NÃO	• FALAVA UM POUCO	• FLUENTE
<b>GRAU DE DESCENDÊNCIA</b>	• NISSEI	• NISSEI	• NISSEI	• SANSEI	• YONSEI	• NISSEI
<b>TRABALHO NO JAPÃO</b>	• CAMPO DE GOLFE	• FÁB. DE DRIVES COMPUTADOR	• FÁB. DE DRIVES COMPUTADOR	• ESTEIRA DE PRODUÇÃO (VÁRIAS FÁBRICAS)	• ESTEIRA DE PRODUÇÃO	• FÁB. DE MARMITEX
<b>TIPO DE CONTRATAÇÃO</b>	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA	• DIRETA
<b>PERÍODO NO JAPÃO</b>	• 1992 A 1993 (YAMAGUCHI)	• 1992 A 1994 (CHIBA - SHIZUOKA)	• 1992 A 1994 (CHIBA)	• NOV/1989 A SET/1994	• SET/1989 A SET/1994	• NÃO FOI AIDA, PRETENDE IR AGORA
<b>MOTIVO DA IDA</b>	• CONHECER	• FINANCEIRO	• MUDAR DE VIDA	• CONHECER O JAPÃO QUE O PAI FALAVA	• PROCURAR RAÍZES	• ENCONTRAR COM O NAMORADO
	• APRENDER IDIOMA	• JUNTAR DINHEIRO	• JUNTAR DINHEIRO PARA TRAB. C/ TURISMO			
	• MARIDO DESEMPREGADO					
<b>MOTIVO DA VOLTA</b>	• SAUDADES DE CASA	• NÃO GOSTAVA DO JAPÃO	*	• VONTA DE VOLTAR SAUDADE	• VONTA DE VOLTAR SAUDE	*
<b>AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA</b>	• VALEU A PENA COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA	• VALEU A PENA COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA	• VALEU A PENA COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA	• VALEU A PENA	• VALEU A PENA	*

	ELZA	HAROLDO	ISA	TOMÁS	MIGUEL	YVANA
IDADE	• 28	• 22	• 34	• 25	• 35	• 34
ESTADO CIVIL	• SOLTEIRO	• SOLTEIRO	• CASADA	• SOLTEIRO	• CASADO	• CASADA
FACULDADE	• ENG. CIVIL - FEI (CURSANDO)	• ENGENHARIA-FEI (CURSANDO)	• *	• FATEC (CURSANDO)	• ADM. EMPRESAS	• 2º GRAU
TIPO DE EDUCAÇÃO	• BRASILEIRA	• JAPONESA	• JAPONESA	• JAPONESA	• BRASILEIRA	• BRASILEIRA
CONHECIMENTO DO IDIOMA	• NÃO	• FALAVA UM POUCO	• ENTENDIA	• FLUENTE	• NÃO	• NÃO
GRAU DE DESCENDÊNCIA	• NISSEI	• NISSEI	• NISSEI	• NISSEI	• MESTIÇO	• MESTIÇA
TRABALHO NO JAPÃO	• VÁRIOS EMPREGOS	• FAB. DE MICRO-TRATOR	• HOTEL DE CAMPO DE GOLFE	• EMPRESA DE TELEFONIA	• EMPRESA DE AUTO-PEÇAS	• ESTEIRA DE PROD. NA IND. DE AUTO-PEÇAS
TIPO DE CONTRATAÇÃO	• EMPREITEIRA/DIRETA	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA/DIRETA	• DIRETA-REPRESENTANTE NO BRASIL	• DIRETA - PELO PAIDA ESPOSA	• DIRETA, ATRAVÉS DO PAI
PERÍODO NO JAPÃO	• OUT/1989 MAR/1994	• MAR/1992 MAR/1993	• 1991 A 1992 • 1993 A 1995	• MAR/1991 A DEZ/1992 (SAITAMA)	• SET/1989 A SET/1993 (MATSUDA)	• DEZ/1989 A SET/1993 (MATSUDA)
MOTIVO DA IDA	• QUERIA TER P/ DINHEIRO EUROPA	• FALÊNCIA DA EMPRESA DO PAI • FALTA DE PERSPECTIVA NO BRASIL	• VONTADE DE CONHECER CULTURA • APRENDER IDIOMA	• DESCANSAR DA FACULDADE • CONHECER ALGO NOVO	• VONTADE DE MUDAR DE VIDA E DE EMPREGO	• FOI ACOMPANHAR MARIDO QUE JÁ ESTAVA LA
MOTIVO DA VOLTA	• *	• REALIZOU OBJETIVO DE FICAR UM ANO	• POR CAUSA DO MARIDO	• FAMILIA IA SE JUNTAR NO ANO NOVO	• DEMISSÃO DA EMPRESA DEVIDO À RECESSÃO	• RECESSÃO NO JAPÃO LEVOU FIRMA A CONVÍDI-LOS A SAIR DO EMPREGO
AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA	• REALIZOU OBJETIVO DE VIAJAR • CONHECEU PARENTES • FOI UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA	• VALEU A EXPERIÊNCIA • PAGARAM DÍVIDAS	• VALEU A PENALIDADE • GOSTARIA DE TER APRENDIDO O MELHOR O JAPONÊS	• REALIZOU PARTE DOS OBJETIVOS • GOSTARIA DE CONHECER MAIS O JAPÃO	• VALEU PORQUE CONHECEU NOVA CULTURA • APRENDEU LÍNGUA, MAS NÃO REALIZOU OBJETIVOS.	• EXPERIÊNCIA FOI POSITIVA POR CONHECEREM OUTRA CULTURA, MAS NÃO COMPENSOU FINANCEIRAMENTE

	<b>RODOLFO</b>	<b>DÉCIO</b>	<b>ALBERTO</b>	<b>ALDA</b>	<b>LUCIANO</b>
<b>IDADE</b>	• 31	• 21	• 24	• 24	• 26
<b>ESTADO CIVIL</b>	• SOLTEIRO	• SOLTEIRO	• SOLTEIRO	• SOLTEIRA	• SOLTEIRO
<b>FACULDADE</b>	• FATEC (CURSANDO)	• PSICOLOGIA (CURSANDO)	• MUSICA (CURSANDO)	• 2º GRAU	• FATEC - MECÂNICA (CURSANDO)
<b>TIPO DE EDUCAÇÃO</b>	• JAPONESA	• BRASILEIRA	• BRASILEIRA	• BRASILEIRA	• JAPONESA
<b>CONHECIMENTO DO IDIOMA</b>	• FALAVA UM POUCO	• NÃO	• NÃO	• NÃO	• FALAVA
<b>GRAU DE DESCENDÊNCIA</b>	• NISSEI	• MESTIÇO	• MESTIÇO	• MESTIÇA	• SANSEI
<b>TRABALHO NO JAPÃO</b>	• VÁRIAS EMPRESAS EM LINHA DE PRODUÇÃO	• FUJI - PRENSA LIXADEIRA	• FUJI - POLIDOR, SOLDADOR, OPERADOR DE PRENSA	• FUJI - VÁRIOS SERVIÇOS	• COORDENAVA GRUPO DE TRABALHADORES QUE NÃO FALAVAM JAPONÊS NA FÁBRICA DE SANDUICHE E, DEPOIS, NA SONY
<b>TIPO DE CONTRATAÇÃO</b>	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA	• EMPREITEIRA	• DIRETA - CONTATO FEITO PELA PRIMA QUE ESTAVA LÁ	• DIRETA - REPRESENTANTE DA EMPRESA NO BRASIL
<b>PERÍODO NO JAPÃO</b>	• 1993 A 1995 (HAMAMATSU)	• FEV/1991 A SET/1993 (HAMAMATSU)	• FEV/1991 A OUT/1993 (HAMAMATSU)	• OUT/1990 A OUT/1992 (HAMAMATSU)	• 1992 A 1995 (KODAIRA)
<b>MOTIVO DA IDA</b>	• MUDAR VIDA DE PERSPECTIVA QUANDO SE FORMASSE	• QUERIA TREINAR KARATÊ LÁ	• CONHECER O PAÍS	• JUNTAR DINHEIRO PARA COMPRAR UM CARRO	• JUNTAR DINHEIRO PARA ESTUDAR QUANDO VOLTASSE CONHECER OUTRO LADO DO MUNDO
<b>MOTIVO DA VOLTA</b>	• VONTADE DE VOLTAR EM CASAR NO BRASIL	• PASSADO TEMPO PREVISTO QUERIA VOLTAR	• PASSADO TEMPO PREVISTO QUERIA VOLTAR	• PASSADO TEMPO PREVISTO QUERIA VOLTAR	• * • APRENDER JAPONÊS
<b>AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA</b>	• NÃO JUNTOU TANTO DINHEIRO QUANTO ESPERAVA, MAS A EXPERIÊNCIA FOI VÁLIDA	• VALEU A PENA, MAS GOSTARIA DE TER JUNTADO DINHEIRO.	• REALIZOU OBJETIVO DE CONHECER O PAÍS • VALEU COMO EXPERIÊNCIA	• COMPROU O CARRO	• VALEU COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA • GOSTOU E ATÉ SENTE SAUDADES

## ANEXO 1

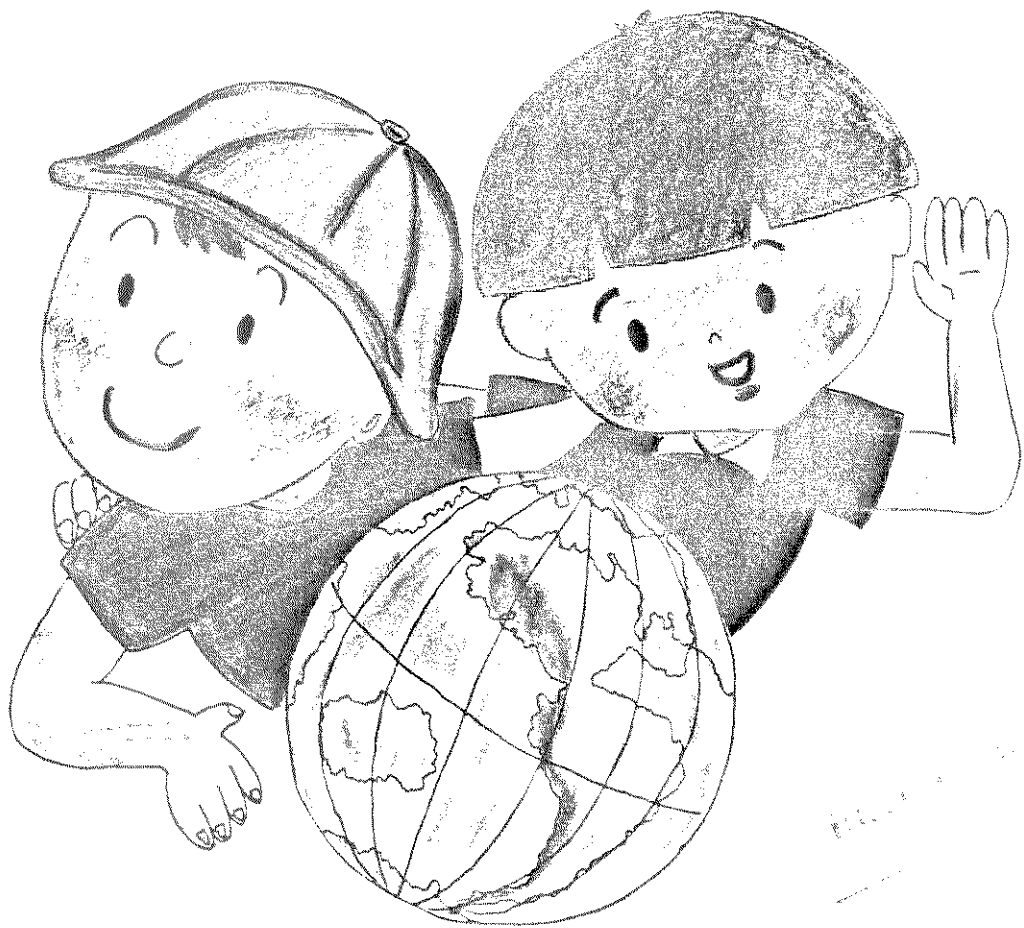
BRUNNEN & CO. GMBH 5/6 1984

sejam bem vindos a O VAKUMI

# GUIA PRÁTICO

# MORADIA

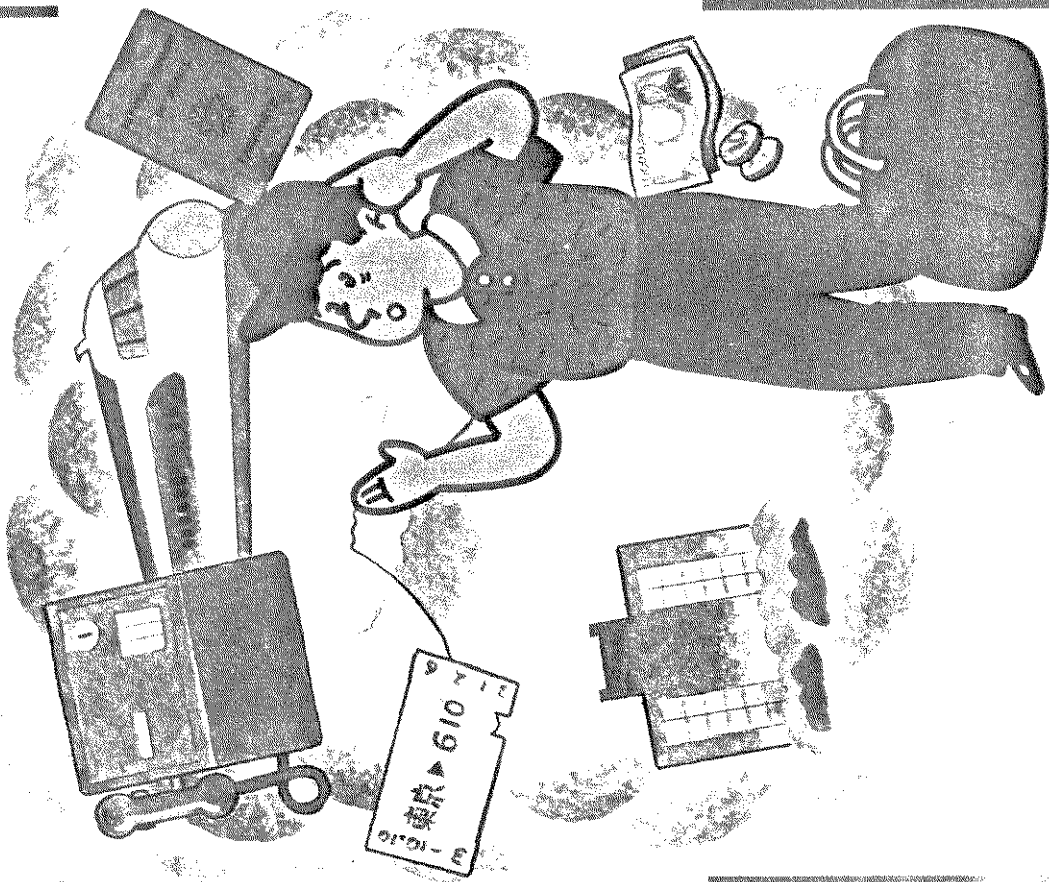
くらしのべとり帳



BRUNNEN & CO. GMBH 5/6 1984

# 生活便利帳

## VIDA NO JAPÃO



DICAS PARA  
VIVER MELHOR  
NO JAPÃO

# GUIA DO JAPÃO

Conheça o  
Japão através  
deste livro.

Uma edição  
de Imprensaes

Índice

• Telefones de emergência ..... 6

Aeroporto Internacional de Narita ..... 6

• INTRODUÇÃO ..... 9

Lista de telefones úteis ..... 64

• Meios de transporte em Tokyo, Osaka e Nagoya ..... 66

LEIS

Registro de Estrangeiros, Registro de Comércio, Seguro de Saúde ; Impostos; Carteira de Habilitação ; Registro de Casamento; Tipos de visto e extensão de permanência no país. .... 13

HABITAÇÃO

Procurando casas; contratos de aluguel, sua renovação e dissolução; fiador; mudanças; regulamentos diversos; instalação de telefone; pagamento de contas. .... 25

DIA-A-DIA

Telefone pública; telefones internacionais; telegramas; bancos, seguros; remessas de dinheiro; correio; entregas domiciliares; barbeiro e institutos de beleza; usando máquinas de venda automática; lavanderia self-service; banhos públicos; compras; meios de transporte; creches; escola; gravidez; parto. .... 35

TRABALHO

Onde e como procurar; admissão, assistência ao trabalhador; problemas relacionados ao trabalho. .... 51

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Doenças; acidentes de carro; licenças; problemas no trabalho; roubos; extravio de documentos; direitos pessoais. .... 55

JAPONÊS ELEMENTAR

Comprimidos; telefonando; fazendo compras; no estação; no rua; no hotel; nos casas de chá; Nos restaurantes. .... 60

次

健康保険、税金、運転免許証、格の要項 ..... 12

契約更新、解約、保証人、引越、料金の支払 ..... 24

電報、銀行、保険、送金、郵便、自動販売機、コインランドリー、ク物、交通機関、保育園、学校、妊 ..... 34

職業変更所、会社との紛争 ..... 50

仕事上の問題、益離、バスボ ..... 54

入、路上、ホテル、喫茶店、食堂 ..... 60

Índice

Instituições relacionadas ao Brasil no Japão ..... 6

Os endereços das embaixadas e consulados japoneses no Brasil < Que tipo de país é o Japão? ..... 6

Informações sobre o Aeroporto de Narita ..... 6

1. Mapa do Aeroporto de Narita 2. Observações ..... 6

3. Localização dos balcões 4. Meios de transporte e mapa informático ..... 6

5. Dicas sobre a alfândega ..... 6

Procedimentos para permanência no Japão ..... 13

• Sistema de registro de estrangeiros ..... 13

Moeda, telegrama e correio ..... 13

Telefone ..... 13

Meios de transporte do Japão ..... 13

Mapa das linhas de transportes de Tóquio ..... 13

Mapa das linhas de transportes de Nagóia ..... 13

Mapa das linhas de transportes de Osaka ..... 13

Mapa das linhas de transportes de Fukuoka ..... 13

Informações da Embaixada do Brasil ..... 13

Informações do Banco do Brasil ..... 13

Informações do Banespa (Banco do Estado de São Paulo S.A.) ..... 13

Informações do Centro de Assistência de Empregos para NIKKEIS ..... 13

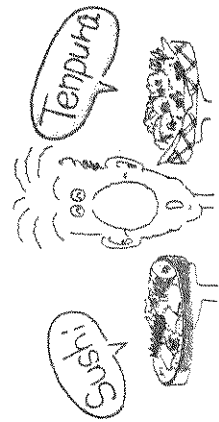
<Informações em língua portuguesa sobre empregos> ..... 13

Perguntas e respostas sobre o Japão ..... 13

<Moradia, eletricidade e seguros> ..... 13

Vamos conversar... <Conversação fácil> ..... 13

Mapa da localização da Embaixada do Brasil e horário de atendimento ..... 13





**ANEXO 2**

TRECHO DE CARTA DO DEPUTADO FEDERAL LUIZ GUSHIKEN, DE 13 DE MAIO DE 1994, AO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. NELA, PEDE PROVIDÊNCIAS PARA AS DIFICULDADES DO TRABALHADOR BRASILEIRO NO JAPÃO E MENCIONA O PROBLEMA DA DEVOLUÇÃO DE MÃO-DE-OBRA SUCATEADA AO BRASIL.

(... ) Como se não bastasse esse conjunto de fatores, há um outro que trago agora a V. Exa. para que seja analisado com o devido apuro. Tenho em mãos uma publicação do governo do Japão, destinada a orientar os médicos daquele país no atendimento aos doentes estrangeiros. Impressa em diversos idiomas, há nessa publicação um detalhe curioso e revelador. Há uma frase, dentre várias outras vertidas para o português - a fim de que o médico possa se comunicar com o paciente - que diz assim: "É melhor você voltar logo para o seu país."

(... )

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena - História Oral: A Experiência do CPDOC - Rio de Janeiro, FGV, 1989.
- CAMACHO, Luiza M. Y. - As Relações entre a Cultura Japonesa e a Educação dos Nipo-Brasileiros - São Paulo, PUC, 1993. (Tese Doutorado)
- CAMARGO, Aspásia; LIMA, Valentina R. & HIPÓLITO, Lúcia - "O Método da História de vida na América Latina" IN: Cadernos CERU - nº 19, 1ª série, São Paulo, junho/1984.
- CASTRO, Nádia & GUIMARÃES, Antônio S. A. - "Além de Braverman, depois de Burawoy: Vertentes Analíticas da Sociologia do Trabalho" - IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 17, ano 6, out/1991.
- CHIGUSA, Charles T. (org.) - A Quebra dos Mitos: O Fenômeno Dekassegui Através de Relatos Pessoais - International Press Corporation/BANESPA, Tóquio, 1994.
- CORIAT, Benjamin - Pensar al Revés - Espanha, Siglo XXI, 1991.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. - "Histórias de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais" IN: VON SIMSON, O. (org.) - Experimentos com Histórias de Vida - São Paulo, Ed. Vértice, 1988.
- \_\_\_\_\_ - "Viagens Vividas, Viagens Sonhadas: Os Japoneses em São Paulo na Primeira Metade deste Século" , São Paulo, NERU/USP, 1996. (mimeo)
- FELDMAN-BIANCO, Bela - "Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada" IN: Revista Brasileira de Estudos Populacionais, vol. 9, número 1, janeiro/julho de 1992, APEB.
- \_\_\_\_\_ - "Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada" IN: Revista Brasileira de Estudos Populacionais, vol. 9, número 1, janeiro/julho de 1992, APEB.

- FERRETI, Celso - "Modernização Tecnológica, Qualificação Profissional e Sistema Público de Ensino" IN: São Paulo em Perspectiva: Revista da Fundação SEADE - vol.7, nº 1, Educação, São Paulo, janeiro-março/1993.
- GIDDENS, Anthony - As Consequências da Modernidade - São Paulo, Ed. UNESP, 1991.
- GITAHIL, Leda & RABELO, Flávio - "Educação e Desenvolvimento Tecnológico: O Caso da Indústria de Autopeças" IN: Textos para Discussão, Nº 11 - DPCT/IG/UNICAMP, Campinas, 1991.
- GORZ, André - "O Despotismo da Fábrica e suas Consequências" IN: GORZ, André - Crítica da Divisão do Trabalho - Martins Fontes, São Paulo, 1980.
- HABERMAS, Juergen - "A Nova Intransparência" IN: Novos Estudos CEBRAP, nº18, setembro/1987, São Paulo.
- HALL, Michael - "História Oral: Os Riscos da Inocência" IN: O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania - São Paulo, DPH, 1992.
- HARVEY, David - A Condição Pós-Moderna, São Paulo, Ed. Loyola, 1992.
- HIRATA, Helena - "Da Polarização das Qualificações ao Modelo de Competência: A Evolução do Debate no Contexto dos Novos Paradigmas de Organização Industrial" - ANPED, 44ª SBPC, 1992.
- HIRATA, H.; FERREIRA, C.; MARX, R; SALERMO, M. - "Alternativas Sueca, Italiana e Japonesa ao Paradigma Fordista: elementos para uma discussão sobre o caso brasileiro" IN: Cadernos CODEPLAN, 1, Brasília, 1992.
- IANNI, Octavio - "Globalização: Novo Paradigma das Ciências Sociais" IN: Estudos Avançados, nº 21, vol. 8, maio/agosto-1994, IEB/USP.
- JAGUARIBE, Hélio - "Apresentação" IN: Economia e Política da Crise Brasileira: A Perspectiva Social-Democrata - Organização: David, Maurício, Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1991.

- KATO, Heitor.; MIYASAKI, Sílvio. e SEIGO, Alberto. - "Mão-de-Obra do Brasil para o Japão: Aspectos Econômicos e Impactos nas Empresas do Fenômeno *Dekassegu*" IN: RAE, vol. 32, nº 4, São Paulo, FGV, set/out-1992.
- KAWAMURA, L.; DEMANGE, N.; ITO, A. - Internacionalização no Japão e a América Latina - Working Paper, Monografia nº 12, febrero de 1994, Centro de Estudios de America Latina, Universidad de Nanzan.
- KAWAMURA, L. - "Qualificação de Trabalhadores Brasileiros no Porcesso de Trabalho No Japão" IN: Revista de Ciência da Educação: Educação e Sociedade, ano XV, dez/1994, nº 49.
- KERN, H. & SCHUMANN, M. - La Fin de La Division du Travail? - Paris, MSH, 1989.
- KOSHIRO, Kazutoshi - "Japón" IN: SENGENBERGER, W.; LOVEMAN, G.; PIORE, M. (orgs.) - Los Distritos Industriales Y las Pequeñas Empresas II - Madrid, Ministerio do Trabajo, 1990.
- KOSMINSKI, Ethel - "Pesquisas Qualitativas - A Utilização da Técnica de Histórias de Vida e de Depoimentos Pessoais em Sociologia" IN: Ciência e Cultura: Revista da SBPC - vol. 38, nº 1, janeiro/1986.
- KRITZ, M. & KEELY, CHARLES - Global Trends of Migration - Theory and Research on International Population Movements - Center for Migration Studies, 1981.
- KURZ, R. - O colapso da Modernização, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- LEITE, Márcia - "A Intersecção da Sociologia do Trabalho e da Educação" IN: Educação e Sociedade, 41 - Papyrus/CEDES, Campinas, abril/1992.
- \_\_\_\_\_ - O Futuro do Trabalho: Novas Tecnologias e Subjetividade Operária - Scritta/FAPESP, São Paulo, 1994.
- LEMOS, M. B.; FERREIRA, A. H. B.; PIMENTEL, F. D. - "O Programa de Estabilização, A Dívida e o Deficit Público" IN: PAIVA, P. - O Plano Cruzado: Ataque e Defesa - Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1987.

- LIPIETZ, Alain - "As Relações Capital-Trabalho no Limiar do Século XXI", Ensaio FEE (12-1), Porto Alegre, 1991.
- MARGOLIS, Maxine L. - Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York - Campinas, Papirus, 1993.
- MASSAE, Elisa - "Migrações Internacionais de Trabalhadores: Abordagens Teóricas", São Paulo, TTEDUC/UNICAMP, 1996. (mimeo)
- MONTEIRO, Paulo F. - Emigração - O Eterno Mito do Retorno - Celta, Oeiras, 1994.
- MORISHIMA, Michio - Por que Ha Triunfado El Japon? - 1970.
- MURASSE, Celina M. - "Da Terra do Sol Nascente ao Novo Mundo" IN: Cadernos de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, 3, UEM, Maringá, 1991.
- NERU/USP - Família em São Paulo: As Especificidades Estruturais e Conjunturais da Mediação Indivíduo - Sociedade - São Paulo, NERU/CNPq, 1994. Relatório de Pesquisa.
- NINOMYA, Masato (org.) - Simpósio sobre o Fenômeno Dekassegui - São Paulo, Estação Liberdade/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- OFFE, Clauss - Capitalismo Desorganizado: Transformações Contemporâneas do Trabalho e da Política, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato - Mundialização e Cultura - São Paulo, Brasiliense, 1994.
- PAIVA, Paulo - "O Plano Cruzado Seis Meses Depois" IN: PAIVA, P. - O Plano Cruzado: Ataque e Defesa - Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1987.
- PATARRA, N. (org.) - Imigração e Emigração Internacionais no Brasil - NEPO/FNUAP, 1995.
- PIORE, Michael - Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies, Cambridge University Press, 1979.
- PIORE, M.; SABEL, M. - The Second Industrial Devide - New York, Basic Books, 1984.

- PORTES, A. - "Modes of Structural Incorporation and Present Theories of Labor Immigration" IN: KRITZ, M. & KEELY, CHARLES - Global Trends of Migration - Theory and Research on International Population Movements - Center for Migration Studies, 1981.
- QUEIRÓS, M<sup>a</sup> Isaura P. - "Do 'Dizível' ao 'Indizível'" IN: VON SIMSON, O. (org.) - Experimentos com Histórias de Vida - São Paulo, Ed. Vértice, 1988.
- \_\_\_\_\_ - Variações das Técnicas de Gravador no Registro da Informação Viva - São Paulo, T. A. Queirós Ed., 1991.
- \_\_\_\_\_ - "Reflexões Sociológicas sobre o Fenômeno *Dekassegui*" IN: Coleção Textos CERU - 2<sup>a</sup> série, nº 4, 1993.
- RACHID, Alessandra - O Brasil Imita o Japão: qualidade em empresas de autopeças - IE/UNICAMP, 1994, tese (mestrado).
- REZENDE, André L. - "O Processo Inflacionário e as Reformas Modernizadoras" IN: Economia e Política da Crise Brasileira: A Perspectiva Social-Democrata - Organização: David, Maurício, Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1991.
- SALES, Teresa - "Novos Fluxos Migratórios da População Brasileira" - IN: RBCS, 17, ano 6, outubro de 1991.
- \_\_\_\_\_ - "Imigrantes Estrangeiros, Imigrantes Brasileiros: Uma Revisão Bibliográfica e Algumas Anotações para Pesquisa" IN: Revista Brasileira de Estudos Populacionais - v. 9, nº 1, ABEP, janeiro - julho/1992.
- SASKIA-SASSEN - The Mobility Of Labor And Capital; a study in international investment and labor flow, Cambridge University Press, 1988.
- SCHILLER, N.; BASCH, L; BLANC-SZANTON, C. - Towards a Transnational Perspective on Migration - Race, Class, Ethnicity and Nacionalism Reconsidered - New York, The New York Academy of Sciences, 1992.

- SILVA, Elizabeth - "Trabalho e Tecnologia: do determinismo à regulação histórica" IN: Refazendo a Fábrica Fordista, São Paulo, HUCITEC, 1991.
- TILLY, C. - "Transplanted Networks" IN: YANS-McLAUGHLIN, V. - Immigration Reconsidered, Oxford University, New York/Oxford, 1990.
- TUDE, Ângela - "A Crise Contemporânea e a Nova Ordem Mundial" IN: Universidade e Sociedade - ano IV, nº 6, fevereiro/1994.
- WATANABE, Ben - "Toyotismo: Um Novo Padrão Mundial de Produção?" IN: Revista dos Metalúrgicos - CUT, ano 1, nº 1, dezembro/1993.
- WOOD, Stephen - The Transformation of the Work? - London, Unwin Hyman, 1989.
- WOOMACK, - A Máquina que Mudou o Mundo: As Origens da Produção Enxuta, Campus, 1992.
- WOORTMANN, Ellen - "Japoneses no Brasil, Brasileiros no Japão: Tradição e Modernidade", Brasília, UNB, 1995. (mimeo).
- YOSHIOKA, H. - Por que Migramos do e para o Japão: Os exemplos das Alianças e dos Atuais Dekassegui - São Paulo, FFLCH-USP, 1994 (Tese Doutorado).
- ZILBOVICIUS, Mauro - "O Modelo Japonês no Ocidente" IN: Revista dos Metalúrgicos - CUT, ano 1, nº 1, dezembro/1993.